

**PROGNOSTICO**

**'74**



**'75**

**REGIÃO CENTRO-SUL**

**Instituto de Economia Agrícola**



**PROGNOSTICO**

**'74**

**'75**

**REGIÃO CENTRO-SUL**

**Instituto de Economia Agrícola**

Prognóstico R. Centro-Sul	74/75	S.Paulo	V. I	P. I-148	1974
------------------------------	-------	---------	------	----------	------

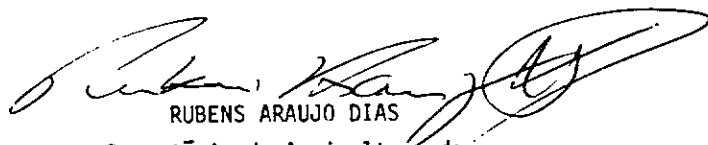
## APRESENTAÇÃO

Em mais um trabalho pioneiro, o Instituto de Economia Agrícola desta Pasta realiza grande esforço conjugado com o Governo Federal e Secretarias de Agricultura, ao elaborar o Prognóstico da Região Centro-Sul para o ano agrícola 1974/75. E, a exemplo da experiência desenvolvida e hoje definitivamente consolidada, em São Paulo, poderá constituir-se em futuro próximo valioso instrumento para aperfeiçoar o processo de tomadas de decisões na agricultura brasileira.

Apesar das limitações metodológicas, este estudo vem ao encontro de um elenco de medidas prioritárias que o Governador LAUDO NATEL selecionou visando a acelerar o desenvolvimento do setor agrícola paulista e, progressivamente, estreitar suas relações econômicas com os mercados de produtos e de fatores de produção dos estados brasileiros, que integram as Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Uma agricultura moderna não tem fronteiras e, necessariamente, depende de inovações tecnológicas e informações econômicas, que direcionam os mecanismos de administração da empresa agrícola. E o próprio processo de desenvolvimento da agricultura dará amplitude nacional a experiência que ora se inicia na Região Centro-Sul.

Setembro de 1974

  
RUBENS ARAUJO DIAS  
Secretário da Agricultura do  
Estado de São Paulo

## AGRADECIMENTOS

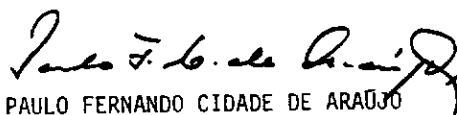
O crescente processo de tecnificação da agricultura brasileira torna cada vez mais preeminente a pesquisa econômica. E, o Instituto de Economia Agrícola, mobilizando sua equipe técnica, tem procurado suprir a essa demanda, por meio de uma série de estudos rotineiros e especiais, integrados à programação geral da Secretaria da Agricultura.

Nesta oportunidade, registramos os melhores agradecimentos às diversas instituições e pessoas que colaboraram na feitura do Prognóstico do Centro-Sul. Aos Ministérios da Fazenda e da Agricultura pelo apoio dado e confiança depositada no IEA; às Secretarias de Agricultura dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás, bem como às Associações de Crédito e Assistência Rural dos Estados de Mato Grosso (ACARMAT), Espírito Santo (ACARES), Santa Catarina (ACARESC) e Rio Grande do Sul (ASCAR), Conselho Nacional de Desenvolvimento da Recuperação (CONDEPE, Projetos II e V) e Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) que elaboraram relatórios conjunturais de mercados agrícolas e estimativas de safra, utilizados neste estudo.

É nosso dever, também, registrar a colaboração de técnicos de outros estados nas pessoas de Egon Bischoff, Hilton Cunha, Arnaldo José de Conto, Henrique Souza Dias, Roberto Simões, Remi Stein, Celio Sampaio, Judas Tadeu Grassi Mendes, Alberto Veiga, Bento Porto, Luiz Antonio F. Cascão e Humberto V. Richter.

Sem a cooperação direta dessas instituições e pessoas e indireta de muitas outras não teria sido possível realizar o presente trabalho.

Setembro de 1974

  
PAULO FERNANDO CIDADE DE ARAÚJO  
Diretor Geral do IEA

## PROGNÓSTICOS-REGIÃO CENTRO SUL- 74/75

### ÍNDICE

1 - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO.....	1
2 - ESTIMATIVAS DE CUSTO OPERACIONAL.....	17
3 - MERCADOS DE FATORES.....	29
- Fertilizantes.....	29
- Defensivos Agrícolas.....	44
- Tratores.....	46
- Sementes.....	50
- Mercado de Trabalho.....	56
4 - MERCADOS DE PRODUTOS.....	59
- Algodão.....	59
- Amendoim.....	62
- Arroz.....	67
- Café.....	73
- Cana-de-Açúcar.....	84
- Feijão.....	90
- Mandioca.....	96
- Milho.....	99
- Soja.....	110
- Tomate.....	116
- Trigo.....	119
- Pecuária Leiteira.....	123
- Pecuária de Corte.....	129
- Laranja.....	135

# CORPO TÉCNICO DO I.E.A.

- em exercício -

DIRETORIA GERAL: Paulo Fernando Cidade de Araújo  
ASSESSORIA DE PROGRAMAÇÃO: Evaristo Marzabal Neves  
ASSESSORIA ESPECIALIZADA: Caio Takagaki Yamaguishi  
Fernando Bento Homem de Melo  
Iby Arvatti Pedroso  
Natanael Miranda dos Anjos  
Ralph Gerald Saylor  
COMUNICAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA: Paulo David Criscuolo  
Antônio Augusto Botelho Junqueira  
Devancyr Aparecido Romão (1)  
Maria de Lourdes Barros Camargo

## ECONOMIA DA PRODUÇÃO

Diretoria: Paul Frans Bemelmans  
Abeļ de Lima Filho  
Alfredo de Almeida Bessa Junior  
Hermādo Ferreira de Noronha  
José Ferreira de Noronha  
José Roberto Viana de Camargo  
Laerte Pereira Rodrigues  
Luiz Carlos Assaf  
Minoru Matsunaga (1)  
Nelson Batista Martin  
Nelson Kazaki Toyama  
Paulo Edgard Nascimento de Toledo  
Richard Domingos Dulley  
Yoshihiko Sugai (1)  
Zuleima Alleoni Pires

## COMERCIALIZAÇÃO

Diretoria: Pêrsio de Carvalho Junqueira  
Adolfo Muniz Furtado Junior  
Claus Floriano Trench de Freitas  
Everton Ramos de Lins  
Flávio Condê de Carvalho  
Hirosigie Okawa  
Irene José Einhorn Goldenberg  
Joel Evaldo de Oliveira Kersten  
José Diniz de Araujo (1)  
Lidia Hatue Ueno  
Maria Celina Mauro Padovani  
Maria Elisa Benetton Junqueira  
Maria de Lourdes do Canto Arruda  
Marilena Igreja Lazzarini  
Mauro Souza Barros  
Roxana Topel  
Vicente de Paula Melo Figueiredo  
Waldemar Pires de Camargo Filho

## POLÍTICA E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Diretoria: Antonio Ambrósio Amaro  
Alfredo Tsunehiro  
Anna Perina Rabelo Arruda  
Antonio Carlos Furlan Gimenes  
Arciley Alves Pinheiro (1)  
Claudia Andreoli Galvão  
Elcio Umberto Gatti  
Gabriel Luiz Seraphico Peixoto da Silva  
Ismar Florêncio Pereira  
José Carlos Mollo Alarcon  
José Ricardo Cardoso de Mello Junqueira  
Luiz Flávio Barbosa Cancegliero  
Luiz Moricochi (1)  
Nelson Giulietti  
Paulo Augusto Wiesel  
Sebastião Nogueira Junior  
Yoshio Namekata  
Yuly Ivete Miazaki de Toledo

## LEVANTAMENTOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS


Diretoria: Dêcio Sodrzeieski  
Ana Maria Montragio  
Antonio Fernando Scheibel Padula  
Fernando Antonio de Almeida Sever  
Francisco Alberto Pino  
José Francisco Coluço  
Julio Humberto Jimenez Ossio  
Lineu Bueno de Moraes  
Luiz Henrique de Oliveira Piva  
Manuel Joaquim Martins Falcão  
Milton Nogueira de Camargo  
Paulo Tomoo Morimoto  
Rosa Maria Carmignani Pescarin  
Tulio Teixeira de Oliveira  
Wagner José de Barros (1)

## BIBLIOTECA

Helena Souza e Silva de Oliveira  
Cláudia Maria Spinelli Cintra  
Edneuzza Souza Póvoa  
Gabriella Menni Ferreri  
Maria Luiza Alexandre Peão

(1) Realizando programa de pós-graduação ou de aperfeiçoamento.

Datilografia: Maria Alaburda Katsas.



**1- VALOR BRUTO  
DA PRODUÇÃO**



## 1 - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

As estimativas de preço e produção dos principais produtos da agricultura da região Centro-Sul, para a safra 1973/74, mostram um crescimento real em valor de 10,50%. Os dados básicos que permitiram essa previsão foram obtidos de diversas fontes, sendo em muitos casos provenientes de métodos subjetivos de levantamento. Foi utilizado como deflator o Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas, admitindo-se que esse deflator varie de 32% no corrente ano (a média para 1973 desse índice é estimada em 492, obtendo-se portanto o deflator de 0,75813). Em média, pode-se dizer que em cada estado os produtos considerados respondem globalmente por mais de 80% da renda agrícola.

A região Sudeste apresenta um crescimento real de 6,52% e um valor global superior à 35 bilhões de cruzeiros, o que corresponde a cerca de 26,6 bilhões de cruzeiros de 1973. A região Sul mostra um crescimento real de 17,42% e um valor bruto de mais de 31 bilhões de cruzeiros, que em cruzeiros de 1973, vale cerca de 24 bilhões. A região Centro-Oeste apresenta uma taxa real de expansão de 0,37% e um valor global de cerca de 5,5 bilhões de cruzeiros, ou seja 4,17 bilhões em cruzeiros de 1973.

Em 1974, o valor global da produção do Centro-Sul se aproximaria da faixa dos 73 bilhões de cruzeiros, que tomados a 1973, seriam equivalentes a cerca de 55 bilhões (quadro 1). Para esse valor global, os estados contribuem com: São Paulo, 29,42%; Paraná, 19,59%; Rio Grande do Sul, 19,16%; Minas Gerais, 15,59%; Santa Catarina, 5,24%; Goiás, 4,24%; Mato Grosso, 3,35%; Espírito Santo, 1,81% e Rio de Janeiro e Guanabara, 1,60%.

Convém ressaltar, desde logo, que tais informações devem ser interpretadas com a devida cautela, pois a obtenção dos dados estatísticos para efeito do presente trabalho foi extremamente difícil, principalmente no tangente à preços e produção animal. Mesmo considerando as imprecisões de nível estadual, certamente os resultados globais constituem um quadro de referência válido para os objetivos deste Prognóstico.

Para se evitar o problema da dupla contagem, no caso da produção de carnes bovina e suína são se consideraram os abates verificados dentro dos estados, não sendo possível captar o intercâmbio inter-estadual de animais vivos. Assim, o valor da produção animal, principalmente de Mato Grosso e Goiás, está subestimado, enquanto o de São Paulo acima do seu real valor.

Quanto às estimativas de preço, as várias fontes utilizadas são sujeitas a críticas, devido a divergência entre os períodos das informações.

A estimativa da produção vegetal é que menos problemas apresentou; quase todas elas estavam presentes nos relatórios das Secretarias de Agricultura por nós consultadas. Também o Ministério da Agricultura, através da SUPLAN, em muito contribuiu para essas estimativas além de outras entidades.

Dentre os produtos considerados, os mais importantes para a composição da renda global da agricultura da região Centro-Sul são: carne bovina, milho, café, soja, arroz, algodão e cana-de-açúcar.

Em menor nível de agregação, tem-se a seguinte participação relativa:



### Sudeste

São Paulo 60,76%  
Minas Gerais 32,21%  
Espírito Santo 3,73%  
Rio de Janeiro e Guanabara 3,30%

### Sul

Paraná 44,54%  
Rio Grande do Sul 43,56%  
Santa Catarina 11,90%

### Centro-Oeste

Goiás 55,90%  
Mato Grosso 44,10%

Visualizando o Centro-Sul como um todo, as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste participam, respectivamente, com 48,41%, 44% e 7,59% na formação da renda bruta do setor agrícola.

### São Paulo

A agricultura paulista experimentou um crescimento de 3,11% em valores reais, na safra 1973/74, de acordo com as estimativas de preços e produção de 26 de seus principais produtos obtidos através do 5º levantamento de previsão de safras do IEA, realizado no mês de junho do corrente ano (quadro 2).

A divergência observada em relação ao crescimento anteriormente estimado em 7,4%, através do 4º levantamento (março de 1974), é explicada pelos efeitos das intensas chuvas de março, os quais não teriam sido captados integralmente durante tal levantamento; também pelas variações de preços ocorridas mais recentemente em alguns produtos (laranja e algodão por exemplo).

Os 20 produtos vegetais apresentam um crescimento de 0,55%, mas ao excluir-se o café essa taxa se torna negativa passando a -6,65%. Os produtos animais, em número de 6, experimentaram um crescimento real de 7,32%.

A renda global do setor é avaliada em mais de 21 bilhões de cruzeiros, representando cerca de 16,2 bilhões em cruzeiros de 1973. É portanto mais um recorde de renda registrado pela agricultura paulista.

Os produtos mais importantes na composição da renda global do setor continuam sendo: carne bovina (18,85%), café (16,06%) e cana-de-açúcar (10,40%), contribuindo para o aumento da renda em 1974, com acréscimos reais respectivamente de 2,98%, 27,84% e 13,97%. Outros produtos a registrar ganhos de renda são: ovos, com 0,31%; leite, 16,34%; aves, 5,07%; arroz, 7,28%; soja, 24,06%; carne suína, 64,33%; trigo, 185,73%; chá verde, 15,01% e casulo, 30,34%. Contribuições negativas para o valor bruto da produção foram: laranja (-31,90%), batata (-5,82%),

feijão (-41,12%), amendoim (-23,34%), mamona (-19,60%) e mandioca (-24,56%), bem como banana, cebola, limão, tangerina, ponkan e mexerica.

#### Minas Gerais

Estimativas de preço e produção de 13 dos principais produtos da agricultura mineira, indicam para a safra 1973/74, o aumento do valor bruto da produção de 10,91% em termos reais (quadro 3). Excluindo-se o café, essa expansão cairia para 2,28%, pois tal produto está registrando uma produção maior que o dobro daquela registrada na safra anterior.

A renda global do setor é avaliada em mais de 11 bilhões de cruzeiros, o que representaria cerca de 8,6 bilhões de cruzeiros de 1973. Os produtos vegetais contribuíram com cerca de 6,5 bilhões (crescimento real = 5,86%) e os produtos animais com 4,8 bilhões (crescimento real = 18,68%), correspondendo respectivamente a cerca de 5 bilhões e 3,6 bilhões de cruzeiros de 1973.

Os produtos mais importantes na composição da renda global para a presente safra são: leite (19,61%), milho (17,13%), carne bovina (16,16%) e café (14,07%). Outros produtos também a registrar ganhos de renda são: algodão, cana-de-açúcar, soja, aves e carne suína. Contribuições negativas são: arroz, feijão, mandioca e ovos.

#### Espírito Santo

Para a safra 1973/74, estimativas de preço e produção dos 9 principais produtos da agricultura capixaba sugerem um crescimento real de 28,94% (quadro 4). Excluindo-se o café, essa taxa de expansão passaria a 22,97%.

Os 7 produtos vegetais, acusam um crescimento real de 28,32% e os animais de 29,91%.

O café ocupa destacadamente o 1º lugar no valor total da produção, acusando um ganho de renda em relação à 1972/73 de 46,41%. Sua participação no total é de aproximadamente 29%. Segue-se a produção de leite, contribuindo com 23,30% para a renda bruta.

As estimativas da produção de arroz, cana, feijão, mandioca, milho e soja foram obtidas utilizando-se a área plantada e projeções das produtividades médias dessas culturas para 1973/74.

Arroz e mandioca apresentam decréscimo de produção em relação à 1972/73 e os demais produtos têm suas produções aumentadas; todos eles devido à variação da área cultivada. Quanto a preços, arroz, cana, feijão, milho e leite indicam acréscimos em valores reais.

Generalizando, o valor da produção da agricultura capixaba em 1973/74 seria de 1,31 bilhão de cruzeiros, correspondendo a 993 milhões em cruzeiros de 1973.

#### Rio de Janeiro e Guanabara

Os 9 principais produtos da agricultura dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara,

de acordo com as estimativas de preço e produção para a safra 1973/74, apresentaram um aumento de 9,91%, em valor real bruto (quadro 5).

Em relação à 1972/73, arroz, aves e leite apresentaram perdas de renda em termos reais, embora as aves tivesse a sua produção acrescida. Os demais produtos apresentaram ganhos de renda, contribuindo positivamente para o aumento do valor bruto real da produção dos dois estados.

A renda global do setor é avaliada em cerca de 1,15 bilhão de cruzeiros, correspondendo à 876 milhões de cruzeiros de 1973. Daquele total 534 milhões pertencem aos produtos vegetais e 621 milhões aos produtos animais; grupos que mostraram crescimento real em relação à 1972/73, respectivamente de 14,14% e 6,52%.

#### Paraná

Quinze dos principais produtos da agricultura paranaense evidenciam um acréscimo positivo no valor real da produção, para a safra 1973/74, da ordem de 26,18% (quadro 6) considerando-se, a exemplo dos demais estados, o Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas como deflator.

Os 10 produtos vegetais apresentam um acréscimo de 28,12%, mas ao excluir-se o café, tal crescimento se contrairia para 7,71%.

Os produtos animais, em número de 5, também acusam uma elevação da ordem de 17,42%. Este valor, porém, deve ser encarado com algumas ressalvas, principalmente no tangente à carne bovina, pois só se levou em consideração o número de cabeças abatidas.

A renda global do setor agrícola é avaliada em mais de 14 bilhões de cruzeiros, correspondentes a cerca de 10,8 bilhões em cruzeiros de 1973.

Os produtos mais importantes na composição da renda global da agricultura paranaense são: café (24%), soja (17%) e milho (13%), embora este último apresente sua participação reduzida em relação à safra 1972/73. Os demais produtos, com exceção do arroz e feijão, contribuíram positivamente para o aumento real do valor bruto da produção.

Amendoim, café, feijão, milho, soja e ovos apresentaram preços reais inferiores a 1972/73. Em relação às quantidades produzidas todos eles acusaram aumento, exceto o algodão que praticamente permaneceu estável.

#### Santa Catarina

Dentre os 6 principais produtos vegetais do Estado de Santa Catarina, o milho ocupa o primeiro lugar, contribuindo com 34% para o valor total da produção estimada para a safra 1973/74. Em seguida, estão a soja com 13% e a carne suína com 12% aproximadamente.

Com exceção de arroz e mandioca, todos os demais produtos apresentam ganhos de renda com contribuições positivas para o aumento do valor real da produção, em relação a safra 1972/73.

Os produtos animais apresentam um crescimento real da ordem de 27,47% e os produtos vegetais de 29,56%. O valor total da produção indica um aumento real de 28,95% (quadro 7).

Excetuando-se o arroz, que experimentou pequena diminuição de produção em consequência de um decréscimo de área plantada, e a carne bovina, cuja produção foi considerada como estável para as duas safras em análise, os outros produtos apresentaram acréscimos em seus volumes de produção. Com exceção do feijão, da soja e do arroz, os demais produtos tiveram seus preços reais majorados.

Assim sendo, avalia-se que a renda global da agricultura do Estado de Santa Catarina é cerca de 3,8 bilhões de cruzeiros, o que representaria cerca de 2,9 bilhões em cruzeiros de 1973.

#### Rio Grande do Sul

A agricultura do Rio Grande do Sul, aqui representada por 13 de seus principais produtos, apresenta neste ano um aumento do valor real bruto da produção de 9,45% relativamente ao ano agrícola 1972/73 (quadro 8).

Os produtos vegetais, em número de 9, acusam um crescimento real da ordem de 10,51% e os animais de 6,38%.

Os itens mais importantes na composição da renda global da agricultura gaúcha são: soja (35%), trigo (13,76%), carne bovina (13,64%) e milho (10%). A carne suína registrou um ganho de renda de 3,42%, contribuindo positivamente para o valor bruto da produção. Negativamente, contribuíram: amendoim (-44%), arroz (-4,02%), batata inglesa (-48,81%), cebola (-63,47%), feijão (-25%), mandioca (-29,43%), aves (-1%) e leite (-12,52%). É possível, porém, que especificamente cebola e batata estejam com seus preços subestimados por não ter sido possível ajustá-los às variações estacionais.

Os preços dos produtos considerados devem ser aceitos com cautela, bem como as estimativas de produção do setor animal; as fontes informantes foram diversas e, além disso, algumas estatísticas tiveram que ser projetadas a partir de trabalhos anteriores. Assim, para se chegar à produção de aves, utilizou-se a taxa geométrica de crescimento anual de 4,4%, calculada durante o período 1960-70; para a carne suína admitiu-se que 100 quilogramas seriam o peso médio dos suínos abatidos, na ausência de números mais precisos.

A renda global da agricultura é avaliada em mais de 13 bilhões de cruzeiros, o que representa cerca de 10,5 bilhões de cruzeiros de 1973. Daquele total, mais de 10 bilhões são devidos à produção vegetal e mais de 3 bilhões à produção animal.

#### Mato Grosso

Estimativas de 1972/73 e 1973/74 sugerem um acréscimo real de 10,80% no valor total da produção (quadro 9). Além da diversidade das fontes informantes, vários preços foram estimados e corrigidos em razão do seu comportamento anterior. Ênfase especial também deve ser dada ao leite e à carne bovina, em relação às estimativas de suas quantidades produzidas. Quanto ao leite, foi estimada a partir da produção dos meses de maio a dezembro para o ano 1972/73 e dos meses de fevereiro a maio para 1973/74, sendo tais informações obtidas junto às cooperativas de Campo Grande e Cuiabá. Quanto à carne bovina, pelas razões já expostas, não

foi computado o número de cabeças que saem do Estado para serem abatidas em outras regiões; número que em 1973 seria da ordem de 2 milhões. Assim sendo, a produção animal aparece no quadro 9 com seus valores bastante subestimados.

Os 9 produtos vegetais experimentaram ganhos de produção sobre 1972/73. Dentre eles, algodão, amendoim, arroz, soja e trigo apresentam crescimento real em valor. Feijão e milho acusam decréscimos para a mesma safra.

Quanto aos preços para a safra 1972/73, convém ressaltar que os de amendoim e arroz foram os mesmos anotados no vizinho Estado de Goiás; as informações disponíveis para Mato Grosso parecem estar super-estimadas e inconsistentes entre si. Os produtos vegetais apresentam crescimento real em relação à 1972/73 da ordem de 22%, enquanto que os animais acusam decréscimo real de 12,51%. Isto, provavelmente pela maior expansão dos negócios de animais vivos.

#### Goiás

Na estimativa do valor bruto da produção da agricultura goiana em 1973/74, o arroz é o produto que mais contribui para a renda do setor com uma participação de 30%, seguido pela carne bovina com 26%.

Registraram ganhos de renda em termos reais, amendoim, feijão, milho e leite. Os demais, tiveram suas rendas reais decrescidas.

O valor total da produção situa-se ao redor de 3,08 bilhões de cruzeiros, correspondendo à 2,33 bilhões em cruzeiros de 1973, portanto uma variação negativa de 6,58% em relação à safra anterior (quadro 10).

QUADRO 1. - Valor Bruto da Agricultura da Região Centro-Sul, Estimativa para 1972/73 e 1973/74

Região fisiográfica e unidade da Federação	Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973)
	1972/73	1973/74	1973/74
<b>Sudeste</b>			
Minas Gerais	7.723.903	11.298.925	8.566.054
Espírito Santo	770.254	1.310.001	993.151
Rio de Janeiro e Guanabara	797.426	1.156.083	876.461
São Paulo	<u>15.670.296</u>	<u>21.313.430</u>	<u>16.158.351</u>
Sub-total	24.961.879	35.078.439	26.594.017
<b>Sul</b>			
Paraná	8.529.934	14.197.270	10.536.858
Santa Catarina	2.230.680	3.794.243	2.876.529
Rio Grande do Sul	<u>9.618.023</u>	<u>13.885.294</u>	<u>10.526.858</u>
Sub-total	20.378.637	31.876.807	23.930.245
<b>Centro-Oeste</b>			
Mato Grosso	1.659.793	2.425.767	1.839.047
Goiás	<u>2.495.371</u>	<u>3.075.047</u>	<u>2.331.285</u>
Sub-total	4.155.164	5.500.814	4.170.332
<b>Total</b>	<b>49.495.680</b>	<b>72.456.060</b>	<b>54.694.594</b>

Fonte: Dados secundários reunidos pelo Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 2. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Quantidade (1000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$ 1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74 <sup>(1)</sup>	1972/73	1973/74 <sup>(2)</sup>		1972/73	1973/74	
Carne bovina	554,5	547,8	80,00	110,00	arrôba	2.957.333	4.017.200	3.045.560
Cafê beneficiado	420,0	586,8	290,00	350,00	sc.60kg	2.030.000	3.423.000	2.595.079
Cana-de-açúcar	42.000,0	41.460,0	35,09	53,44	tonelada	1.473.780	2.215.622	1.679.730
Milho	2.598,0	2.628,0	27,00	34,00	sc.60kg	1.169.100	1.489.200	1.129.007
Ovos (milhões dúzias)	424,8	499,6	2,40	2,70	dúzia	1.019.520	1.348.920	1.022.657
Leite (milhões litros)	1.567,0	1.514,9	0,63	1,00	litro	987.210	1.514.900	1.148.491
Algodão em caroço	621,0	510,0	23,50	35,00	arrôba	972.900	1.190.000	902.175
Aves para corte	208,2	210,4	3,50	4,80	kg vivo	728.700	1.009.920	765.651
Laranja	2.840,0	3.280,0	9,00	7,00	cx.40kg	639.000	574.000	435.167
Arroz	582,0	582,0	53,00	75,00	sc.60kg	514.100	727.500	551.540
Batata	403,8	426,4	68,00	80,00	sc.60kg	457.640	568.533	431.022
Feijão	133,8	131,4	196,00	155,00	sc.60kg	437.080	339.450	257.347
Tomate	526,0	610,4	709,00	801,83	tonelada	372.934	489.437	371.057
Soja	330,0	522,0	58,00	60,00	sc.60kg	319.000	522.000	395.744
Amendoim	312,5	268,6	25,50	30,00	sc.25kg	318.750	322.320	244.360
Uva de mesa	117,6	120,0	17,60	13,00	cx.8kg	258.720	195.000	147.835
Carne suína	56,3	65,9	54,00	100,00	arrôba	202.680	439.333	333.072
Mamona	95,0	155,0	100,00	65,00	sc.50kg	190.000	201.500	152.763
Mandioca	1.220,0	1.000,0	110,00	130,00	tonelada	134.200	130.000	98.557
Banana	534,6	584,1	210,00	240,00	tonelada	112.266	140.184	106.278
Tangerina, ponkan e mexerica	424,0	419,0	10,00	8,00	cx.40kg	106.000	83.800	63.531
Cebola	78,9	75,6	60,00	57,00	sc.45kg	105.200	95.760	72.598
Limão	292,0	341,8	10,00	8,00	cx.40kg	73.000	68.360	51.826
Casulo	4,1	5,0	12,13	17,10	quilo	49.733	85.500	64.820
Trigo	35,0	74,2	45,00	80,00	sc.60kg	26.250	98.933	75.004
Chã verde	30,4	42,7	0,50	0,54	quilo	15.200	23.058	17.481
Valor total da produção (26 produtos) (crescimento real = + 3,11%)						15.670.296	21.313.430	16.158.351
Valor total da produção s/cafê (25 produtos) - (crescimento real = -0,56%)						13.640.296	17.890.430	13.563.271
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos) - (crescimento real = +0,55%)						9.725.120	12.897.657	9.778.101
Valor total da produção de origem vegetal s/cafê (19 produtos) - (crescimento real = -6,65%)						7.695.120	9.474.657	7.183.022
Valor total da produção de origem animal (6 produtos) - (crescimento real = +7,32%)						5.945.176	8.415.773	6.380.250

<sup>(1)</sup> 5a. estimativa de safra, junho de 1974.

<sup>(2)</sup> Estimativa preliminar, baseada em informações disponíveis até julho-agosto de 1974.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.



QUADRO 3. - Valor da Produção de 13 dos Principais Produtos da Agricultura do Estado de Minas Gerais, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)			Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973/ 1973/74)
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74	Unidade	1972/73	1973/74	
Algodão	102,40	92,80	20,18	30,65	arrôba	137.762	189.621	143.757
Arroz em casca	594,20	571,50	41,72	51,84	sc.50kg	495.800	592.531	449.216
Cafê beneficiado	120,00	282,00	263,57	338,14	sc.60kg	527.140	1.589.258	1.204.864
Cana-de-açúcar	3.370,00	3.916,40	35,09	53,44	tonelada	118.253	209.292	158.671
Feijão	437,60	462,40	177,91	139,18	sc.60kg	1.297.557	1.072.614	813.181
Mandioca de mesa	2.120,00	2.156,00	0,31	0,40	quilo	657.200	862.400	653.811
Milho	2.956,20	3.599,40	28,74	32,26	sc.60kg	1.416.020	1.935.277	1.467.192
Soja	37,00	80,00	60,00	70,00	sc.60kg	37.000	93.333	70.759
Aves	52,89	52,96	4,59	6,55	quilo	242.765	346.888	262.986
Ovos (milhões de dúzias)	66,46	66,60	2,70	3,46	dúzia	179.442	230.436	174.700
Leite (milhões de litros)	2.380,00	2.805,00	0,56	0,79	litro	1.332.800	2.215.950	1.679.978
Carne bovina	244,61	284,35	73,79	96,31	arrôba	1.203.318	1.825.716	1.384.130
Carne suína	20,72	20,88	57,08	97,42	arrôba	78.846	135.609	102.809
Valor total da produção - (crescimento real = 10,91%)						7.723.903	11.298.925	8.566.054
Valor total da produção de origem vegetal - (crescimento real = 5,86%)						4.686.732	6.544.326	4.961.449
Valor total da produção de origem animal - (crescimento real = 18,68%)						3.037.171	4.754.599	3.604.603

Fonte: Produtos de origem vegetal - CER-SA/MG, IBC, ETEA-MA; Produtos de origem animal - CER-SA/MG, EAPA-SUPLAN-MA-CONDEPE; Preços - CER-SA/MG, IBE, FGV, IAA, IBC.

QUADRO 4. - Valor da Produção de 9 dos Principais Produtos da Agricultura do Estado do Espírito Santo, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)			Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74	Unidade	1972/73	1973/74	
Arroz em casca	83,90	61,00	31,80	49,80	sc. 60kg	44.467	50.630	38.384
Cafê beneficiado	48,00	72,00	245,04	315,48	sc. 60kg	196.032	378.576	287.010
Cana-de-açúcar	735,97	984,47	35,09	53,44	tonelada	25.825	52.610	39.885
Feijão	31,20	37,10	116,40	172,20	sc. 60kg	60.528	106.477	80.723
Mandioca	986,83	886,89	88,97	117,35	tonelada	87.798	104.077	78.904
Milho	163,04	186,85	21,00	33,60	sc. 60kg	57.064	104.636	79.328
Soja	0,09	1,41	56,00	67,00	sc. 60kg	84	1.575	1.194
Leite (mil litros)	282.240,22	343.006,54	0,64	0,89	litro	180.634	305.276	231.439
Carne bovina	24,21	32,21	73,00	96,00	arrôba	117.822	206.144	156.284
Valor total da produção (crescimento real = 28,94%)						770.254	- - 1.310.001	993.151
Valor total da produção de origem vegetal (crescimento real = 28,32%)						471.798	- - 798.581	605.428
Valor total da produção de origem animal (crescimento real = 29,91%)						298.456	- - 511.420	387.723

Fonte: Produtos vegetais: Secretaria da Agricultura do Estado do Espírito Santo - Unidade de Planejamento Agropecuário, IBGE, ACARES, EAPA-SUPLAN/MA; Produtos animais - ACARES; Preços - IBE/FGV, IBGE, IAA.

QUADRO 5. - Valor da Produção de 9 dos Principais Produtos da Agricultura dos Estados do Rio de Janeiro e Guanabara, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)			Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74	Unidade	1972/73	1973/74	
Arroz em casca	104,92	83,36	43,20	49,80	sc.60kg	75.542	69.189	52.454
Cana-de-açúcar	5.294,57	5.713,88	35,09	53,44	tonelada	185.786	305.350	231.495
Feijão	3,60	8,10	111,60	207,60	sc.60kg	6.696	28.026	21.247
Laranja (mil frutos)	11.543,52	28.049,74	10,49	13,36	cento	1.211	3.747	2.841
Milho	69,50	77,60	26,40	37,80	sc.60kg	30.580	48.888	37.063
Tomate	58,54	65,86	940,00	1.200,00	tonelada	55.028	79.032	59.917
Aves	39,50	40,80	4,28	5,30	quilo	169.060	216.240	163.938
Ovos (mil dúzias)	45.611,00	45.150,00	1,72	3,07	dúzia	78.451	138.611	105.085
Leite (mil litros)	304.800,00	300.000,00	0,64	0,89	litro	195.072	267.000	202.421
Valor total da produção (crescimento real = 9,91%)						797.426	1.156.083	876.461
Valor total da produção de origem vegetal (crescimento real = 14,14%)						354.843	534.232	405.017
Valor total da produção de origem animal (crescimento real = 6,52%)						442.583	621.851	471.444

Fonte: Produtos vegetais: EAPA-SUPLAN/MA, ACAR/RJ; Produtos animais: SAA/RJ, APA, UBA, EAGRI/MA, IBGE, SAA/GB, ACAR/RJ, DIPOA; Preços: IBE/FGV, SIMA/MA, IBGE.

QUADRO 6. - Valor da Produção de 15 dos Principais Produtos da Agricultura do Estado do Paraná, Estimativa para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$ 1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74		1972/73	1973/74	
Algodão	399,30	395,70	19,90	31,56	arrôba	529.738	832.553	631.183
Amendoim	134,41	140,00	25,10	32,87	sc.25kg	134.948	184.072	139.551
Arroz em casca	624,50	601,10	49,52	60,33	sc.60kg	515.421	604.406	458.218
Cafê beneficiado	246,00	612,00	263,68	334,95	sc.60kg	1.081.088	3.416.490	2.590.144
Cana-de-açúcar	3.097,77	3.314,74	35,09	53,44	tonelada	108.701	177.140	134.295
Feijão	488,29	622,60	142,60	118,17	sc.60kg	1.160.503	1.226.211	929.627
Mandioca	1.909,33	2.047,80	149,56	191,50	tonelada	285.560	392.154	297.304
Milho	3.024,30	3.430,00	29,25	32,28	sc.60kg	1.474.346	1.845.340	1.399.008
Soja	1.460,32	2.170,00	55,73	66,75	sc.60kg	1.356.394	2.414.125	1.830.221
Trigo	453,97	536,47	45,00	80,00	sc.60kg	340.478	715.293	542.285
Aves	18,36	19,60	4,11	5,61	quilo	75.460	109.956	83.361
Ovos (milhões de dúzias)	33,59	37,00	2,51	3,28	dúzia	84.310	121.360	92.007
Leite (milhões litros)	589,36	616,99	0,81	1,19	litro	477.382	734.218	556.633
Carne bovina	141,90	148,55	69,74	94,29	arrôba	659.740	933.785	707.930
Carne suína	77,56	90,94	47,55	80,85	arrôba	245.865	490.167	371.610
Valor total da produção (crescimento real = 26,18%)						8.529.934	14.197.270	10.763.376
Valor total da produção sem café (crescimento real = 9,72%)						7.448.846	10.780.780	8.173.233
Valor total da produção de origem vegetal (crescimento real = 28,12%)						6.987.177	11.807.784	8.951.835
Valor total da produção de origem vegetal sem café (crescimento real = 7,71%)						5.906.089	8.391.294	6.361.692
Valor total da produção de origem animal (crescimento real = 17,42%)						1.542.757	2.389.486	1.811.541

Fonte: Produtos de origem vegetal - CEPRES, EAGRI/SUPLAN-MA, CTRIN/Banco do Brasil; Produtos de origem animal - IPARDES, DIPOA, Serviço de Acordo de Classificação do Estado do Paraná, CAC; Preços - FGV/ACARPA, IBC, IAA.

QUADRO 7. - Valor da Produção de 10 dos Principais Produtos da Agricultura do Estado de Santa Catarina, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$ 1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74		1972/73	1973/74	
Arroz em casca	223,00	221,94	39,60	51,60	sc.60kg	147.180	190.868	144.703
Feijão	87,90	128,11	124,80	121,20	sc.60kg	182.832	258.782	196.190
Mandioca	2.375,00	2.644,63	108,42	127,61	tonelada	257.498	337.481	255.854
Milho	1.731,00	2.063,80	24,60	37,80	sc.60kg	709.710	1.300.194	985.716
Soja	260,00	486,19	56,00	60,84	sc.60kg	242.667	492.997	373.756
Trigo	58,87	95,00	45,00	80,00	sc.60kg	44.153	126.667	96.030
Aves	40,80	59,50	3,67	4,83	quilo	149.736	287.385	217.875
Leite (milhões litros)	46,00	60,00	0,67	0,90	litro	30.820	54.000	40.939
Carne bovina	48,40	48,40	66,10	92,52	arrôba	213.283	298.531	226.325
Carne suína	88,64	104,00	42,78	64,52	arrôba	252.801	447.338	339.140
Valor total da produção - (crescimento real = 28,95%)						2.230.680	3.794.243	2.876.529
Valor total da produção de origem vegetal - (crescimento real = 29,56%)						1.584.040	2.706.989	2.052.250
Valor total da produção de origem animal - (crescimento real = 27,47%)						646.640	1.087.254	824.279

Fonte: Produtos de origem vegetal - IBGE; Produtos de origem animal - DIPOA, PLAMAN, ACARESC; Preços - FGV (IBE-CEA), ACARESC.

QUADRO 8. - Valor da Produção de 13 dos Principais Produtos da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$ 1.000)		Valor real (Em Cr\$ 1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74		1972/73	1973/74	
Amendoim	10,60	8,70	35,00	31,50	sc.25kg	14.840	10.962	8.311
Arroz em casca	1.350,00	1.516,50	37,80	42,60	sc.60kg	850.500	1.076.715	816.290
Batata inglesa	326,40	391,68	54,30	30,55	sc.60kg	295.392	199.430	151.194
Cebola	126,12	140,00	62,55	27,00	sc.45kg	175.307	84.000	63.683
Feijão	160,00	155,00	138,00	141,00	sc.60kg	368.000	364.250	276.149
Mandioca	3.465,00	2.987,00	141,76	153,06	tonelada	491.198	457.190	346.609
Milho	2.080,00	2.236,00	28,20	37,20	sc.60kg	977.600	1.386.320	1.051.011
Soja	2.850,00	4.000,00	60,84	73,80	sc.60kg	2.889.900	4.920.000	3.730.000
Trigo	1.437,70	1.432,80	45,00	80,00	sc.60kg	1.078.275	1.910.400	1.448.331
Aves	51,00	53,24	3,62	4,53	quilo	184.620	241.177	182.844
Leite (milhões litros)	670,00	670,00	0,65	0,75	litro	435.500	502.500	380.960
Carne bovina	270,13	296,00	69,00	96,00	arrôba	1.242.598	1.894.400	1.436.201
Carne suína	202,07	174,21	45,60	72,15	arrôba	614.293	837.950	635.275
Valor total da produção - (crescimento real = 9,45%)						9.618.023	13.885.294	10.526.858
Valor total da produção de origem vegetal - (crescimento real = 10,51%)						7.141.012	10.409.267	7.891.578
Valor total da produção de origem animal - (crescimento real = 6,38%)						2.477.011	3.476.027	2.635.280

Fonte: Produtos de origem vegetal - UNEAGRI - SA/RGS, IBGE, SUPLAN/MA; Produtos de origem animal - UNEAGRI, ISRGC, SUNAB, Projeções a partir do PND; Preços - UNEAGRI, SIMA, PROGASA, IBE/FGV, SCP, ASCAR.

QUADRO 9. - Valor da Produção de 9 dos Principais Produtos da Agricultura do Estado de Mato Grosso, Estimativa para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$1.000 de 1973) 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74		1972/73	1973/74	
Algodão	72,31	93,51	20,40	25,20	arrôba	98.342	157.097	119.100
Amendoim	92,18	128,32	23,25 <sup>(1)</sup>	30,00	sc.25kg	85.727	153.984	116.740
Arroz em casca	937,47	1.256,21	36,00 <sup>(1)</sup>	48,00	sc.60kg	562.482	1.004.968	761.896
Feijão	58,41	61,47	162,60	186,00	sc.60kg	158.291	190.557	144.467
Milho	271,31	295,73	35,40	32,40	sc.60kg	160.073	159.694	121.069
Soja	49,07	101,03	54,60	64,80	sc.60kg	44.654	109.112	82.721
Trigo	15,15	21,36	45,00	80,00	sc.60kg	11.362	28.480	21.592
Leite (mil litros)	26.163,00	34.203,00	0,67	0,77	litro	17.529	26.336	19.966
Carne bovina (abate)	115,00	103,50	68,00	86,31	arrôba	521.333	595.539	451.496
Valor total da produção - (crescimento real = 10,80%)						1.659.793	2.425.767	1.839.047
Valor total da produção de origem vegetal - (crescimento real = 22,00%)						1.120.931	1.803.892	1.367.585
Valor total da produção de origem animal - (crescimento real = -12,51%)						538.862	621.875	471.462

<sup>(1)</sup> Preço corrigido.

Fonte: Produtos de origem vegetal - ACARMAT, Programa de Crédito Rural, 1974/75; Produtos de origem animal - PLAMAN, Cooperativa de Campo Grande e Cuiabá; Preços: ACARMAT, IBE, FGV, IBGE.



QUADRO 10. - Valor da Produção dos 9 Principais Produtos da Agricultura do Estado de Goiás, Estimativas para 1972/73 e 1973/74

Produto	Produção (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)			Valor corrente(Cr\$1.000)		Valor real (Em Cr\$ 1.000 de 1973 1973/74)
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74	Unidade	1972/73	1973/74	
Algodão	159,18	82,06	21,00	26,85	arrôba	222.852	146.887	111.359
Amendoim	2,88	3,34	25,00	34,25	sc.25kg	2.880	4.576	3.469
Arroz em casca	1.118,00	958,94	42,00	57,00	sc.60kg	782.600	910.993	690.651
Feijão	73,88	92,33	153,00	189,00	sc.60kg	188.394	290.840	220.495
Mandioca	1.077,42	870,05	134,88	177,91	tonelada	145.322	154.791	117.352
Milho	704,57	1.084,19	30,00	32,40 <sup>(1)</sup>	sc.60kg	352.285	585.463	443.857
Soja	96,00	99,00	58,80	60,00	sc.60kg	94.080	99.000	75.055
Leite (mil litros)	119.123,00	119.123,00	0,55	0,74	litro	65.518	88.151	66.830
Carne bovina (abate)	126,60	142,22	76,00	83,78	arrôba	641.440	794.346	602.217
Valor total da produção (crescimento real = -6,58%)						2.495.371	3.075.047	2.331.285
Valor total da produção de origem vegetal (crescimento real = -7,06%)						1.788.413	2.192.550	1.662.238
Valor total da produção de origem animal (crescimento real = -5,36%)						706.958	882.497	669.047

<sup>(1)</sup> Preço corrigido.

Fonte: Produtos vegetais: Secretaria de Planejamento e Coordenação, GCEA, PESAC, IBGE, EAPA/SUPLAN; Produtos animais: DIPOA, CONDEPE, Cooperativa Central Rural de Goiás Ltda; Preços: IBE/FGV, IBGE.

**2-ESTIMATIVAS  
DE CUSTO  
OPERACIONAL**

## 2 - ESTIMATIVAS DE CUSTO OPERACIONAL

Neste capítulo tenta-se mostrar os custos operacionais (desembolsos efetivos mais depreciação) disponíveis para diversas culturas de 7 estados da região Centro-Sul, com estimativas para 1974/75. Face a uma série de dificuldades os custos apresentados não foram elaborados seguindo a mesma metodologia. Em alguns casos, não se sabe, por exemplo, se a depreciação fôra ou não incluída; pressupondo-se no entanto que este encargo tenha sido apropriado no custo diário de operação das máquinas.

De estado para estado há grandes variações no custo operacional, o que em boa parte resulta da diversidade de critérios; diferenças em preços dos insumos, principalmente sementes, fertilidade do solo, clima, topografia e tecnologia utilizada são outros fatores explicativos dessas variações inter-estaduais. Em alguns casos, coeficientes técnicos foram multiplicados pelos respectivos preços; em outros as estimativas tiveram por base montantes correspondentes aos serviços dos fatores.

Procurou-se reunir ao máximo possível custos calculados em maio de 1974. Em São Paulo e Minas Gerais, partiu-se de coeficientes físicos para culturas tecnicamente conduzidas; em Minas alguns valores foram calculados a partir dos de São Paulo, uma vez que não diferem, muito entre si como é por exemplo o caso do custo horário das máquinas agrícolas.

Por certo, as quantidades de fatores diferem de estado para estado. Contudo, as dificuldades enfrentadas pelo IEA na reunião e análise de informações objetivas sobre o uso de fatores nas culturas mais importantes de diversos estados superaram de muito as expectativas.

Com efeito, só em dois estados a análise pode ser mais abrangente e precisa. Ao todo, são examinados 10 produtos comuns aos vários estados.

Especificamente, no cálculo do custo operacional são consideradas as despesas em mão-de-obra, combustível, reparos de máquinas, defensivos, corretivos, adubos, sementes e mudas, além da depreciação.

### São Paulo

Os custos operacionais para a próxima safra são apresentados nos quadros 11 e 12, respectivamente para culturas anuais e perenes. Nessas estimativas foram levados em conta os preços atuais dos insumos e serviços. Assim, por exemplo, a mão-de-obra foi apropriada à razão de Cr\$ 17,00 por dia, visto que a escassez deste fator de produção tem situado a sua remuneração bem acima do salário mínimo em vigência. Ponderáveis aumentos também nos preços de insumos, principalmente de fertilizantes, fazem com que as estimativas para 1974/75 sejam bem mais elevadas. Esta é, por sinal, característica das mais relevantes do ano agrícola que se inicia.

As estimativas apresentadas são ainda indicadores globais para o Estado. No próxi-

mo ano, porém, vários custos operacionais deverão ser apresentados ao nível de região produtora, de vez que o IEA vem desenvolvendo pesquisa com o fito de estimar custos regionalizados.

Registre-se ainda que as produtividades indicadas para cada atividade referem-se a um bom nível de tecnologia. No caso do café, o custo operacional é estimado para 4 níveis de produtividade considerando-se juntamente o custo de controle à ferrugem com o emprêgo de 24 quilos de fungicidas em 6 aplicações anuais, pulverizadas com micro-trator. Os custos de controle à ferrugem com emprêgo de equipamentos alternativos encontram-se calculados, separadamente, na parte inferior do quadro 12.

Para o leite tipo "C" produzido na Região do Vale do Paraíba, o custo operacional juntamente com a análise da renda são apresentados no quadro 13, para três classes de tamanho. Nesta estimativa verifica-se que, a exemplo de anos anteriores, os "pequenos" produtores têm receita insuficiente para cobrir o custo operacional quando a mão-de-obra familiar é apropriada ao nível dos salários rurais vigentes.

### Minas Gerais

Tomando-se os preços pagos pelos agricultores, divulgados pelo Centro de Estudos Rurais, e computando-se o custo diário das máquinas e sementes em São Paulo, foram determinados custos operacionais de 10 dos produtos principais da agricultura mineira. Os maiores custos por hectare são observados na cana nova e algodão (quadro 14) sobressaindo as despesas de operação (mão-de-obra e máquinas) e adubo. As produtividades são as esperadas em cultivos tecnicamente conduzidos.

### Espírito Santo

Com baixa produtividade, o milho cultivado manualmente, sem uso de adubo, teria um custo por saco de Cr\$ 19,11, segundo a Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo (ACARES). Soja e sorgo teriam custos operacionais unitários respectivamente de Cr\$ 58,27 e Cr\$ 32,46, sendo a colheita por empreitada; nessas duas atividades os custos estão próximos dos obtidos no vizinho Estado de Minas Gerais. Quanto à depreciação das máquinas, pressupõe-se que esteja calculada no valor da operação. O quadro 15 sintetiza as estimativas referidas acima.

### Paraná

Custos de 9 culturas são observados no quadro 16, registrando-se que os valores disponíveis foram apresentados ao IEA somente em termos monetários, o que impede sua apreciação mais detalhada. Maiores custos por hectare ocorrem para algodão (Cr\$ 2.962,80) destacando-se colheita e adubo como itens mais onerosos. A colheita corresponde a 29% do custo operacional. A soja apresenta um custo operacional de Cr\$ 1.735,54 por hectare; o valor do adubo

correspondendo a 38% do total. Geralmente, há o cultivo de soja no verão e de trigo no inverno, possibilitando desta forma melhor uso da terra, mão-de-obra, máquinas, etc.

A produtividade utilizada para o cálculo do custo operacional por unidade produzida é superior à média do Estado no último ano. Comparativamente aos demais estados, o Paraná difere bastante quanto ao valor das sementes, apresentando em alguns produtos valor muito baixo e em outros muito alto. Com exceção da soja, os custos operacionais por unidade de produto, apresentados no quadro 16 são inferiores aos de São Paulo.

#### Santa Catarina

Presente aos dados obtidos não foi possível maior detalhamento dos itens componentes do custo operacional. Assim, no item "insumos" (quadro 17) estão agregados os encargos denominados de "utilidades" que seriam sementes, adubos e defensivos. Destaca-se em primeiro lugar o arroz irrigado com o custo por hectare de Cr\$ 1.504,60, seguindo-se a mandioca com Cr\$ 997,00.

No geral, quando se compara com outros estados, os custos de Santa Catarina são bastante inferiores, o que em parte seria explicado pelo baixo custo da mão-de-obra, um dos fatores predominantes nas explorações.

#### Rio Grande do Sul

Sómente três produtos (soja, trigo e arroz) foram analisados por falta de outras informações. Porém, esses cultivos representam mais de 80% da produção lavoureira. Os custos foram calculados com base nos preços pagos em janeiro de 1974, e portanto teriam que sofrer alguns ajustamentos até este início do ano agrícola 1974/75. Para o arroz irrigado, o custo por hectare foi de Cr\$ 1.627,72 dando um custo por saca de 50 quilos de Cr\$ 27,13. Em soja e trigo destaca-se a despesa com adubo, em torno de 45 e 51% respectivamente. No cálculo da mão-de-obra consideraram-se os encargos sociais (férias, 13º salário, etc). Cultivando pelo sistema soja-trigo, distribuiu-se o valor do calcário na proporção de 75% e 25%, respectivamente; em idêntica proporção, fez-se o rateio da operação de calagem (quadro 18). Os custos de soja e trigo são ligeiramente superiores aos estimados para o Paraná.

#### Goiás

Foram estimados os custos operacionais de algodão, amendoim, arroz, feijão solteiro, mamona, mandioca, milho, soja e sorgo, a preços correntes em fevereiro de 1974. Os rendimentos considerados são às médias obtidas no Estado segundo dados da ACAR-GO. Os custos presentes no quadro 19 mostram-se ligeiramente inferiores por unidade de produto quando comparados com os de Minas Gerais; exceção é feita ao milho cujo custo operacional é mais elevado em Goiás face à baixa produtividade prevista.

QUADRO 11. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1974/75  
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação <sup>(1)</sup> de máquinas	Outros <sup>(2)</sup>	Colheita por empreita	Depreciação <sup>(3)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Algodão (TMA)	103	arroba	541,11	64,53	1.102,88	300,33	248,33	10,12	1.050,60	120,50	3.438,40	33,38
Amendoim (TA)	70	25kg	406,64	462,52	502,88	179,40	14,08	42,15	495,60	37,50	2.140,77	30,58
Amendoim (TM)	87	25kg	259,93	402,84	732,38	187,26	266,42	-	615,96	96,08	2.560,87	29,43
Arroz sequeiro (TA)	31	60kg	892,16	82,50	429,00	87,81	14,64	248,76	-	39,74	1.794,61	57,89
Batata (TMM) <sup>(4)</sup>	372	60kg	1.087,32	5.220,00	3.743,75	182,15	591,01	1.376,40	-	212,33	12.412,96	33,37
Batata (TAM) <sup>(4)</sup>	207	60kg	1.264,46	2.970,00	2.171,38	138,15	125,60	756,90	-	117,51	7.553,00	36,49
Cana-de-açúcar(nova)(TMA) <sup>(5)</sup>	103	t	511,53	333,31	1.703,86	158,72	383,76	10,54	1.867,39 <sup>(6)</sup>	144,56	5.113,67	49,65
Cana-de-açúcar(soca)(TMA)	62	t	175,44	-	665,02	52,80	82,99	-	1.124,06 <sup>(6)</sup>	25,35	2.125,66	34,28
Cana-de-açúcar (ressoca)(TM)	50	t	198,39	-	502,82	39,68	122,02	1,69	906,50 <sup>(6)</sup>	35,84	1.806,94	36,14
Cebola (TM)	222	45kg	3.978,00	375,00	2.585,00	174,04	457,35	825,10	-	195,42	8.589,91	38,69
Feijão (TA)	17	60kg	439,11	248,00	681,39	25,15	11,61	145,41	-	25,82	1.576,49	92,73
Feijão (TMA)	19	60kg	291,38	223,20	681,39	25,15	155,40	128,74	-	60,74	1.566,00	82,42
Mamona (TAM)	1.653	kg	562,02	37,20	442,30	-	5,41	34,58	-	21,58	1.103,09	0,67
Mandioca (TA) <sup>(5)</sup>	29	t	1.131,18	115,00	724,25	32,00	9,86	422,71	-	28,53	2.463,53	84,95
Milho (TM)	50	60kg	305,49	31,35	655,04	-	231,27	416,50	-	84,63	1.724,28	34,49
Soja (TMA)	33	60kg	444,55	108,53	367,95	79,52	68,08	44,86	-	60,36	1.173,85	35,57
Soja (TM)	33	60kg	126,48	108,53	629,82	79,52	189,38	-	-	78,38	1.212,11	36,74
Tomate Sta.Cruz envarado (TM)	1.715	cx.	13.926,91	197,14	25.629,90	2.629,38	1.396,66	17.308,01	-	1.170,98	62.258,98	36,30
Tomate caqui envarado (TM)	930	cx.	13.364,21	1.940,70	11.100,20	1.814,25	906,74	12.511,44	-	923,60	42.561,14	45,76
Tomate rasteiro (TM)	18,6	t	1.351,50	82,60	1.593,19	893,90	1.355,12	-	-	666,40	5.942,71	319,50
Trigo (TM) (ano 1974)	23	60kg	89,91	198,34	520,66	10,16	145,61	165,30	-	68,38	1.198,36	52,10

<sup>(1)</sup> Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

<sup>(2)</sup> Foram incluídos operação animal, sacaria e beneficiamento.

<sup>(3)</sup> Somente do capital em máquinas e animais.

<sup>(4)</sup> Tração mecanizada e animal na região de Itapetininga e tração animal e manual na região de Divinolândia.

<sup>(5)</sup> Cultura de ano e meio.

<sup>(6)</sup> Inclui também carregamento e transporte.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal; TAM = tração animal e manual.

QUADRO 12. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1974/75  
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas <sup>(1)</sup>	Outros <sup>(2)</sup>	Depreciação <sup>(3)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Abacaxi(TA)(Implantação e 2º ano) <sup>(4)</sup>	23.000	kg	3.210,11	3.615,50	723,16	103,43	23,64	250,19	37,69	7.963,72	0,346
Abacaxi(TM)(Implantação e 2º ano) <sup>(4)</sup>	24.500	kg	3.394,39	3.615,50	929,70	103,43	494,30	210,47	195,24	8.943,03	0,365
Abacaxi(TMM)(Implantação e 2º ano) <sup>(4)</sup>	23.800	kg	2.974,83	4.125,00	2.145,39	331,26	315,92	91,40	163,37	10.147,17	0,426
Banana na varzea	33	t	1.347,76	-	2.613,48	332,10	28,52	-	55,36	4.377,22	132,64
Banana no morro	32	t	1.440,54	-	2.681,07	332,10	36,46	-	70,74	4.560,91	142,53
Café formação (1.000 covas)(só 1º ano)	-	-	812,60	480,00	428,00	-	-	326,60	127,84	2.175,04	2,17 <sup>(6)</sup>
Café <sup>(5)</sup>	25	60kg	2.308,65	8,80	1.764,00	557,60	136,82	740,41	65,28	5.581,56	223,26
Café <sup>(5)</sup>	18,7	60kg	2.116,30	13,20	1.102,25	557,60	135,02	585,06	63,04	4.572,47	244,52
Café <sup>(5)</sup>	12,5	60kg	1.698,09	17,60	769,00	557,60	133,22	431,13	60,94	3.667,58	293,41
Café <sup>(5)</sup>	6,3	60kg	1.226,55	-	-	518,80	129,91	151,51	8,70	2.035,47	323,09
Figo formação-1º ano, plantio (1660 pés)	-	-	2.395,30	-	3.095,58	301,67	215,49	163,50	213,92	6.385,46	3,85 <sup>(6)</sup>
Figo produção	6.308	engrad.	8.770,81	-	6.002,98	8.007,01	715,60	12.229,95	1.388,49	37.114,84	5,88
Laranja formação (plantio 200 pés)(TM)	-	-	393,54	924,00	437,52	202,22	389,51	-	177,74	2.524,52	12,62 <sup>(6)</sup>
Laranja produção	400	cx.	291,96	-	836,80	400,41	355,40	-	161,95	2.046,52	5,12
Maracujá formação (1.000 pés)	-	-	1.858,10	840,00	693,50	344,42	660,92	6.106,32	256,99	10.760,25	10,76 <sup>(6)</sup>
Maracujá produção	875	cx.	1.224,00	-	1.866,00	736,53	877,72	3,06	312,22	5.019,53	5,74
Uva niagara formação (1º ano)(4.000 pés)	-	-	3.939,75	1.760,00	10.925,00	267,09	4,41	160,82	8,79	17.065,86	4,27 <sup>(6)</sup>
Uva niagara produção (4.000 pés)	2.600	cx.	5.474,00	-	3.218,00	902,19	315,56	2.610,00	146,69	12.666,44	4,87
Controle à ferrugem do cafeeiro:											
Pulverizador costal manual			189,36	-	-	480,00	40,86	-	47,94	758,16	-
Pulverizador acoplado trator			54,06	-	-	480,00	185,04	-	68,82	787,92	-
Pulverizador tração animal			39,90	-	-	480,00	75,18	-	53,34	648,42	-
Pulverizador estacionário c/mangueira			175,92	-	-	480,00	83,34	-	33,78	773,04	-
Pulverizador acoplado a micro-trator 4 rodas			40,50	-	-	480,00	126,60	-	51,72	698,82	-
Pulverizador costal motorizado			113,88	-	-	480,00	142,14	-	40,20	776,22	-

<sup>(1)</sup> Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificante.

<sup>(2)</sup> Foi incluída operação animal.

<sup>(3)</sup> Somente do capital em máquinas.

<sup>(4)</sup> Cultura de abacaxi - semi-perene - Tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Baurú e mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

<sup>(5)</sup> Incluiu-se controle à ferrugem utilizando pulverizador acoplado a micro-trator, usando 4 kg de fungicida por vez, em 6 pulverizações ao ano.

<sup>(6)</sup> Custo de formação por unidade de pé (1.000, 1660, 200, 1000 e 4.000 pés) conforme cada caso.



QUADRO 13. - Estimativa de Resultado Econômico da Exploração do Leite na Região do Vale do Paraíba, em Diferentes Tamanhos, por Litro de Leite, Estado de São Paulo, Junho de 1974

Item	Tamanho ( <sup>1</sup> )		
	Pequeno	Médio	Grande
A - Renda	- Cr\$/litro -		
Venda do produto	1,000	1,000	1,000
Aumento de inventário	...	...	...
Outros rendimentos ( <sup>2</sup> )	0,244	* 0,238	0,236
Total	1,244	1,238	1,236
B - Custo Operacional			
Mão-de-obra variável	0,186	0,107	0,050
Mão-de-obra permanente	0,069	0,205	0,248
Sementes e mudas	0,002	0,017	0,002
Adubos e defensivos	0,008	0,038	0,036
Combustível e lubrificantes ( <sup>3</sup> )	0,065	0,058	0,024
Alimentação	0,294	0,225	0,254
Vacinas e medicamentos	0,028	0,049	0,017
Impostos ( <sup>3</sup> )	0,006	0,008	0,005
Arrendamento de pasto	-	0,056	0,002
Transporte de leite	0,085	0,085	0,044
Taxas (Pró-rural)	0,021	0,021	0,021
Reparos ( <sup>3</sup> )	0,109	0,071	0,059
Utensílios diversos	0,019	0,028	0,006
Custo operacional efetivo	0,892	0,968	0,768
Depreciação ( <sup>3</sup> )	0,093	0,073	0,069
Mão-de-obra familiar	0,336	0,093	-
Custo operacional total	1,321	1,134	0,837
A-B=Resíduo disponível para remunerar terra, capital e empresário	-0,077	0,104	0,399

(<sup>1</sup>) A "pequena" exploração produz menos de 100 l/dia; a "média" de 100 a 300 l/dia; e a "grande", acima de 300 l/dia.

(<sup>2</sup>) Créditos da exploração (venda de animais, de esterco e sacaria usada, por exemplo).

(<sup>3</sup>) Despesa rateada proporcionalmente à renda das atividades da empresa.

QUADRO 14. - Estimativa de Custo Operacional das Culturas do Estado de Minas Gerais, 1974/75

Cultura	Produtividade		Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de mão-de-obra e máquinas	Depreciação	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade							
Algodão	120	arrôba	64,53	990,40	610,78	991,65	79,11	2.736,47	22,80
Amendoim TM	72	sc.25kg	447,60	722,60	151,96	459,31	36,37	1.817,84	25,25
Arroz de sequeiro	25	sc.60kg	100,00	714,00	153,80	470,09	35,22	1.473,11	58,92
Cana-de-açúcar nova.	105	tonelada	333,31	1.086,80	60,00	1.286,41	92,39	2.858,91	27,23
Cana-de-açúcar soca e ressoca	60	tonelada	-	695,00	15,36	275,00	67,34	1.052,70	17,54
Feijão (TA)	20	sc.60kg	360,00	683,20	102,19	509,18	51,76	1.706,33	85,32
Mamona	1.500	quilo	30,00	767,60	14,64	862,72	123,52	1.798,48	1,20
Milho	58	sc.60kg	34,80	951,11	69,81	434,50	33,94	1.524,16	26,28
Soja	27	sc.60kg	120,00	688,19	75,81	381,40	95,41	1.360,81	50,40
Sorgo	42	sc.60kg	54,00	907,90	48,92	411,35	13,20	1.435,37	34,18

Fonte: Centro de Estudos Rurais, Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, e Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 15. - Estimativa do Custo Operacional de Culturas do Estado do Espírito Santo, 1974/75

Cultura	Produtividade		Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação <sup>(1)</sup>	Outros	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade							
Milho (manual)	27	sc.60kg	24,00	-	10,00	320,00	162,00	516,00	19,11
Soja	22	sc.60kg	362,00	385,00	90,00	445,00	-	1.282,00	58,27
Sorgo	28	sc.60kg	57,00	280,00	60,00	400,00	112,00	909,00	32,46

<sup>(1)</sup> Incluiu-se gastos com mão-de-obra e operação das máquinas.

Fonte: ACARES.

QUADRO 16. - Estimativa de Custo Operacional de Culturas Anuais do Estado do Paraná, 1974/75

Cultura	Produtividade		Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação <sup>(1)</sup>	Colheita por empreita	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade							
Algodão	120	arrôba	90,91	743,80	537,19	731,40	859,50	2.962,80	24,69
Amendoim sem adubo	66	sc.25kg	278,92	-	165,28	458,67	495,87	1.398,74	21,19
Arroz	21	sc.60kg	41,32	-	-	599,17	-	640,49	30,50
Feijão	10	sc.60kg	61,98	-	-	557,85	-	619,83	61,98
Mamona sem adubo	1.000	quilo	123,96	-	-	681,81	-	805,77	0,81
Mandioca sem adubo	20	tonelada	330,58	-	33,06	962,80	-	1.326,44	66,32
Milho híbrido mecanizado	66	sc.60kg	66,12	661,16	16,53	723,14	-	1.466,95	22,23
Soja	33	sc.60kg	123,97	702,48	214,88	661,16	-	1.702,49	51,59
Trigo	29	sc.60kg	163,22	454,55	33,06	611,57	-	1.262,40	43,53

(<sup>1</sup>) Incluiu-se os gastos com mão-de-obra e operação de máquinas.

Fonte: Firma de Planejamento de Campo Mourão.

QUADRO 17. - Estimativa de Custo Operacional de Culturas Anuais do Estado de Santa Catarina, 1974/75

Cultura rotineira	Produtividade		Operação ( <sup>1</sup> )	Insumos	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade				
Arroz irrigado	56	sc.60kg	1.113,30	391,30	1.504,60	26,87
Feijão	12,5	sc.60kg	599,70	126,00	725,70	58,06
Mandioca	15	tonelada	967,00	30,00	997,00	66,47
Milho	31	sc.60kg	652,80	132,30	785,10	25,33
Soja	16	sc.60kg	525,60	189,20	714,80	44,67
Trigo	10,5	sc.60kg	495,90	152,00	647,90	61,70

(<sup>1</sup>) Incluiu-se os gastos com mão-de-obra e operação das máquinas.

Fonte: ACARESC.

QUADRO 18. - Estimativa do Custo Operacional de Culturas do Estado do Rio Grande do Sul, 1974/75

Cultura	Produtividade		Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação <sup>(1)</sup>	Depreciação	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade							
Arroz irrigado	60	sc.50kg	172,18	400,06	106,75	948,73	...	1.627,72	27,13
Soja	23	sc.60kg	192,50	565,92	59,06	300,71	138,97	1.257,16	54,66
Trigo	20	sc.60kg	118,75	540,00	15,86	256,73	123,19	1.054,53	52,73

<sup>(1)</sup> Incluiu-se os gastos com mão-de-obra e operação de máquinas.

Fonte: Arroz = Instituto Rio Grandense do Arroz; soja e trigo = FECOTRIGO.

QUADRO 19. - Estimativa do Custo Operacional de Culturas Anuais do Estado de Goiás, 1974/75

Cultura	Produtividade		Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação <sup>(1)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade						
Algodão	120	arrôba	47,00	476,00	724,00	1.366,00	2.613,00	21,77
Amendoim (TM)	64	sc.25kg	620,00	331,00	62,00	778,00	1.791,00	27,98
Arroz	21	sc.60kg	68,00	331,00	6,00	529,00	934,00	44,48
Feijão	13	sc.60kg	310,00	331,00	5,00	373,00	1.019,00	78,38
Mamona	1.500	quilo	104,00	331,00	5,00	477,00	917,00	0,61
Mandioca	15	tonelada	19,00	208,00	-	587,00	814,00	54,27
Milho	26	sc.60kg	29,00	372,00	5,00	551,00	957,00	36,81
Soja	27	sc.60kg	247,00	372,00	62,00	680,00	1.361,00	50,41
Sorgo	33	sc.60kg	34,00	331,00	5,00	488,00	858,00	26,00

<sup>(1)</sup> Incluiu-se gastos com mão-de-obra e operação das máquinas.

Fonte: PESAC - Estado de Goiás.



**3-MERCADOS**

**DE FATORES**



### 3 - MERCADOS DE FATORES

#### - Fertilizantes

##### - Panorama internacional

A partir do segundo semestre de 1973, o suprimento mundial de fertilizantes caracterizou-se pela restrição da oferta, principalmente para os fertilizantes nitrogenados e fosfatados face ao desencadeamento de uma conjuntura desfavorável para a manutenção da taxa de crescimento do setor. Com efeito, os países essencialmente importadores tiveram suas disponibilidades reprimidas a níveis inferiores à demanda, causando o desequilíbrio e a consequente alta nos preços. Tal desequilíbrio adveio principalmente do crescimento da demanda nas fontes primárias de produção (América do Norte, Europa Ocidental e Japão), cujos excedentes exportáveis foram reduzidos.

A falta de estoque de matéria-prima básica pode ser citada como outro fator condicionante da oferta, agravada ainda pelo decréscimo de suprimento de gás natural, nafta e outros derivados de petróleo, essenciais ao fabrico de fertilizantes. A oferta de rocha fosfatada também foi reduzida a níveis inferiores à capacidade da indústria.

Uma outra causa, embora de menor expressão que as anteriores, foi o incremento na utilização da uréia como alimentação animal, trazendo em consequência diminuição na oferta do nitrogênio utilizado como fertilizante.

No caso específico dos Estados Unidos, desde meados de 1971 que já se notava o desequilíbrio entre oferta e procura, obrigando o governo a congelar os preços internos em 15/08/71. Como consequência, a diferença de preço entre o mercado doméstico e o externo aumentou sensivelmente com vantagens crescentes para as exportações. Essa situação desencadeou intensa saída de fertilizantes. Para assegurar o suprimento interno o governo revogou o congelamento dos preços e a oferta se dirigiu preferencialmente para aquele mercado. Dada essa situação de níveis de preços altos, o consumo físico no ano agrícola de 1972/73 aumentou de 3% e o gasto em US\$ de 12%. Para 1974 estima-se um gasto dos agricultores com fertilizantes em torno de US\$ 4 bilhões, caso os preços se situem em nível semelhante ao de novembro de 1973 ou pouco superior, o que representará aumento de 40% em apenas um ano.

No período de 1960 a 1973, a produção e o consumo de fertilizantes nitrogenados e fosfatados no mundo apresentaram crescimentos semelhantes, cerca de 290% para os nitrogenados e 114% para os fosfatados. Entretanto, os potássicos não se comportaram da mesma maneira com acréscimo da ordem de 147% para a produção e 125% para o consumo. Isto indica a potencialidade da oferta desse último grupo e restrições temporárias para os dois primeiros.

A produção mundial de nitrogenados em 1973 foi estimada em 42,2 milhões de toneladas de N e o consumo correspondente em 40,2 milhões. Para 1974 as previsões de produção alcançam a 45,8 milhões de toneladas e um consumo de 44,8 milhões ocorrendo, portanto, acrés-

cimo de 8,5% na produção e 11,4% no consumo.

Para os fosfatados, as estimativas de produção em 1973 são de 26,13 milhões de toneladas de  $P_2O_5$  com 25,82 milhões de consumo. As previsões para 1974 indicam produção de 28,8 milhões de toneladas e consumo de 27,7 milhões de  $P_2O_5$ .

Produção e consumo dos fertilizantes potássicos em 1973, segundo as mesmas estimativas, alcançaram respectivamente a 23,7 milhões e 20,3 milhões de toneladas de  $K_2O$ . As previsões para 1974 são de 24,1 milhões de produção e 21,4 milhões de toneladas de consumo.

Os acréscimos no consumo em 1973, relativamente a 1972, foram de 8% para o nitrogênio, 11% para  $P_2O_5$  e 5,4% para  $K_2O$ . Em 1974, os acréscimos relativos a 1973 são estimados em 11,4%, 7,2% e 5,3%, respectivamente para N,  $P_2O_5$  e  $K_2O$ .

As regiões desenvolvidas caracterizam-se como supridoras de fertilizantes, enquanto que as demais permanecem numa total dependência dos excedentes exportáveis daquelas. O quadro 20 mostra o balanço (equilíbrio entre oferta e demanda) das regiões, segundo classificação da FAO, para o ano de 1974. As estimativas constantes nesse quadro indicam que, em 1974, apesar das dificuldades presentes do setor industrial, o suprimento estará garantido com pequena margem para os nitrogenados e fosfatados e bem maior para os potássicos, ou seja, 1 milhão de toneladas para N, 1,18 milhão de toneladas para  $P_2O_5$  e 2,67 milhões de toneladas para  $K_2O$ . Essas margens reduzidas para N e  $P_2O_5$  podem causar déficit temporário no suprimento, caso a estacionalidade da demanda por esses nutrientes apresente pico que não possa ser atenuado por política interna de cada país.

O consumo mundial de fertilizantes está previsto alcançar 105 e 123 milhões de toneladas em 1980, com média de 114 milhões de toneladas de nutrientes contra 72,3 milhões em 1972, o que representa uma taxa geométrica de crescimento esperada de 4,8 a 6,9 a.a., ou 5,8% como média do período. Nas regiões desenvolvidas, as taxas de crescimento mais rápidas são esperadas na Europa Oriental e Rússia (6,1 a 7,6% a.a.). A média anual da taxa de crescimento nas regiões em desenvolvimento se situa entre 8 a 10,7%, com a América Latina experimentando os maiores acréscimos quando comparada à Ásia e África.

Em termos mundiais o nitrogênio experimentará os maiores ganhos, passando de 33,7 milhões de toneladas em 1972 para 57 milhões de toneladas em 1980. Desse último, aproximadamente 39 milhões de toneladas serão utilizadas nas regiões desenvolvidas, 11,2 milhões de toneladas nas regiões em desenvolvimento e 6,8 milhões de toneladas em outros países da Ásia. Os maiores acréscimos na utilização de N são esperados para a Europa Oriental e Rússia, seguidas pela América do Norte, Europa Ocidental e Nações desenvolvidas da Ásia, as quais irão aumentar o uso a uma taxa geométrica anual excedente a 9,4%.

O consumo mundial de fósforo é estimado em 28 a 34 milhões de toneladas de  $P_2O_5$  em 1980. Se esse consumo se situar no ponto médio de 31 milhões de toneladas, a taxa média anual de crescimento é estimada em 5%. O uso de fosfatados está centralizado nas regiões mais desenvolvidas que responderam por mais de 80% do consumo mundial de 1972. Até 1980 é esperado um decréscimo nessa participação, fixando-se em 76% do total mundial.

Os países em desenvolvimento mais que duplicarão o consumo de  $P_2O_5$  até 1980, mas sua participação será de apenas 1/4 do total mundial.

As estimativas para fertilizantes potássicos indicam que em 1980 o consumo poderá alcançar a 30,6 milhões de toneladas de  $K_2O$  ou ficar no nível mínimo esperado de 26 milhões de

QUADRO 20. - Estimativa da Produção e do Consumo Mundial de Nitrogênio, Fosfato, Potássio e o Balanço por Região, 1974  
(1.000t de N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>, K<sub>2</sub>O) <sup>(1)</sup>

Região	Nitrogenados			Fosfatados			Potássicos		
	Produção A	Consumo B	Balanço A-B	Produção C	Consumo D	Balanço C-D	Produção E	Consumo F	Balanço E-F
Região desenvolvida									
América do Norte	10.057	9.513	544	6.641	5.345	1.296	8.236	4.666	3.570
Oeste da Europa	10.419	7.429	2.990	6.016	6.116	- 100	5.264	5.101	163
Leste da Europa e URSS	10.510	10.147	363	7.257	6.161	1.096	6.994	6.505	489
Japão	3.443	906	2.537	834	834	0	0	680	- 680
Outros países desenvol- vidos <sup>(2)</sup>	634	544	90	1.703	1.830	- 127	70	362	508
Subtotal	35.062	28.539	6.523	22.451	20.286	2.165	21.364	17.314	4.050
Região em desenvolvimento <sup>(3)</sup>									
América Latina	1.268	1.903	- 635	734	1.341	- 607	0	960	- 960
África em desenvolvimen- to	453	906	- 453	888	417	471	335	172	163
Ásia em desenvolvimento	3.352	4.621	-1.269	815	1.730	- 915	0	716	- 716
Subtotal	5.074	7.429	-2.355	2.437	3.488	-1.051	335	1.848	-1.513
Outros países de Ásia <sup>(4)</sup>	1.359	4.621	-3.262	1.286	1.332	- 46	100	226	- 126
Total mundial	41.495	40.589	906	26.174	25.106	1.068	21.799	19.388	2.411

<sup>(1)</sup> Considerou-se 1 t = 1,104t curta.

<sup>(2)</sup> Inclui África do Sul, Israel e Oceania.

<sup>(3)</sup> Exclui outros países da Ásia.

<sup>(4)</sup> Inclui Republica Popular da China, Taiwan, Norte do Vietnã, Norte da Coréia e Mongólia.

Fontes: U.S. and World Fertilizer Outlook, Committee on Agriculture and Forestry United States Senate. Washington, Março de 1974.

toneladas. Nessas condições o nível médio esperado de consumo é de 28,3 milhões de toneladas de  $K_2O$ . Para a expansão no nível médio, a capacidade de produção satisfará plenamente a demanda. Contudo, se o nível máximo de consumo for atingido alguns déficits regionais poderão ocorrer a menos que se realizem ajustamentos na capacidade operacional das principais fontes produtoras. Dada a potencialidade de produção e as reservas existentes no Canadá, tu do indica que esse País manterá o domínio das exportações de fertilizantes potássicos e podrá ajustar sua oferta.

Os fertilizantes nitrogenados e fosfatados alcançaram os seus níveis máximos de preços em 1974 e alguns acréscimos ainda poderão ocorrer. Os preços dos fosfatados poderão atingir um pico e se nivelarem durante o ano vindouro. Nos anos seguintes, 1976 e 1977, poderão haver tendência de decréscimo quando ocorrerem as produções adicionais das novas fábricas. No entanto, os nitrogenados aparentemente não atingirão esse pico a curto prazo. Tal previsão é evidenciada pela demora de 3 a 4 anos para que a capacidade adicional da indústria possa surtir efeitos apreciáveis no mercado.

Ao analisar a evolução dos preços pagos pelo agricultor norte americano no período de 1967-73 verifica-se que a partir de 1967 eles apresentaram tendência de decréscimo até 1969 quando atingiram índice mínimo do período (89,8). Em 1970 iniciou-se uma alta de preços, porém, só em 1973 conseguindo ultrapassar o índice de 1967; no ano passado o índice se situou em torno de 119. Tal índice máximo representa acréscimo de 21,3% em relação a 1972. Para 1974, são esperados incrementos anuais superiores a 60% para os nitrogenados e fosfatados (quadro 21).

Tomando-se como base o ano de 1972, o maior acréscimo registrado foi para a uréia: superior a 200% em 1973 e neste ano o acréscimo esperado é da ordem de 20%.

#### - Situação nacional

A evolução do consumo nacional de fertilizantes tem apresentado crescimento expressivo e contínuo nos últimos 7 anos, embora com algumas variações ao longo do período. Relativamente aos respectivos anos anteriores, 1967 e 1970 foram os que experimentaram maiores acréscimos de consumo aparente (59,3%). Em 1973, o aumento nesse consumo foi superior a 30% (quadro 22).

A taxa geométrica de crescimento de consumo aparente, no período de 1962-73 foi de 20,8% a.a.. A partir de 1967, essa taxa foi ainda superior (27,2% a.a.) sendo a seguir suplantada pela taxa de crescimento do último triênio (29,9% a.a.).

Dentre os fatores que contribuíram para a manutenção dessas altas taxas de crescimento, podem ser citados: expansão de área de cultivo e consumo (ainda em pequena escala) de fertilizantes em áreas de pastagens e reflorestadas; maior consumo de fertilizantes por unidade de área; incentivos governamentais ligados a programas oficiais; ampliação da oferta de crédito para insumos modernos; modificação na concessão do crédito ao longo do ano, permitindo que os empréstimos não sejam restritos aos 3 meses de início de safra.

QUADRO 21. - Preços Médios de Fertilizantes Pagos pelo Agricultor Norte Americano, 1968-73  
(US\$/tonelada)

Ano	Fertilizante						Média	
	Sulfato de amônia	Nitrato de amônia	Superfosfato simples	Superfosfato triplo	Diamônio fosfato	Cloreto de potássio	US\$/t	Índice(1967=100)
1967	54,80	73,70	42,10	82,20	108,00	52,20	68,83	100,0
1968	53,60	66,60	43,20	76,80	98,10	48,80	64,52	93,7
1969	52,60	60,90	44,20	73,70	93,00	46,50	61,82	89,8
1970	52,30	60,50	46,20	75,70	94,80	52,50	63,67	92,5
1971	51,50	63,60	48,40	76,60	95,20	58,00	65,55	95,2
1972	52,60	65,10	50,60	78,50	98,10	58,80	67,28	97,7
1973 <sup>(1)</sup>	53,00	90,48	54,85	103,20	125,00	67,70	81,89	119,0

<sup>(1)</sup> Fertilizer Situation - Economic Research Service (Média dos meses de abril, setembro e dezembro).

Fonte: Agricultural Statistics - United States - Department of Agriculture.

QUADRO 22. - Consumo Nacional de Fertilizantes em Termo de Nutrientes, 1969-74  
(tonelada)

Ano	N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O	Total	Variacão (%)
1969	165.332	265.761	195.657	626.750	+ 4,0
1970	275.936	395.938	306.693	998.567	+ 59,3
1971	291.975	486.127	347.902	1.126.004	+ 12,7
1972	363.082	721.824	361.636	1.446.542	+ 28,5
1973 <sup>(1)</sup>	423.547	883.181	592.586	1.899.314	+ 31,3
1974 <sup>(2)</sup>	476.914	994.462	667.252	2.138.628	+ 12,6

<sup>(1)</sup> 300 t estocadas em 1972 foram transferidas para o consumo de 1973.

<sup>(2)</sup> Previsões.

Fonte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo e Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

Ao analisar a evolução das relações de consumo entre os nutrientes básicos (N:P:K), confrontando-as com as correspondentes do consumo mundial, verifica-se que o consumo brasileiro comportou-se de maneira bem diferente do padrão internacional onde se nota claramente a tendência de crescimento para os nitrogenados e a perda na participação dos fosfatados e potássicos. Para o Brasil, os fosfatados tiveram maior ganho na relação, passando de 1,61 em 1969 para 2,08 em 1973 e os potássicos que apresentavam a relação de 1,18, no início do período, passaram para 1,40 no final do quinquênio (quadro 23).

QUADRO 23. - Evolução das Relações entre os Nutrientes Básicos (N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>, K<sub>2</sub>O) na Formação do Consumo Brasileiro de Fertilizantes, 1969-73

Ano	N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O
1969	1,00	1,61	1,18
1970	1,00	1,43	1,11
1971	1,00	1,66	1,19
1972	1,00	1,99	0,99
1973	1,00	2,08	1,40

Fonte: Quadro 22.

QUADRO 24. - Produção Nacional de Fertilizantes, Capacidade Atual, Capacidade em 1975, Consumo em 1975 e Participação Relativa da Produção Nacional sobre o Consumo em 1975 para N e P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>

(tonelada)

Nutriente	Capacidade em 1973	Expansão planejada	Capacidade planejada	Consumo projetado para 1975	Participação da (1) produção nacional no consumo (%)
N	225.915	158.125	384.040	537.005	57,2
P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	558.800	237.800	796.600	1.119.764	56,9
Total	784.715	395.925	1.180.640	1.656.769	57,0

(1) Admitindo uma taxa operacional das indústrias de 80%.

Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) e Instituto de Economia Agrícola.

#### - Região Centro-Sul

A região Centro-Sul, responde por 91,8% do consumo total do País. Dentro da região, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná são os maiores consumidores. Todavia, os estados de Mato Grosso, Goiás e Espírito Santo são os que apresentam maior incremento no consumo.

No contexto geral, a região em estudo segue um certo paralelo com a situação nacional, todavia, algumas diferenças marcantes podem aflorar quando se analisa isoladamente cada estado.

#### São Paulo

Nos últimos cinco anos o consumo aparente no Estado de São Paulo cresceu cerca de 160%. Estimativas para 1973 acusam consumo em torno de 670 mil toneladas de nutrientes básicos e preve-se 750 mil toneladas, para 1974, com a taxa anual de acréscimo estimada em 12,6%.

A evolução do consumo aparente por unidade de área cultivada tem crescido rapidamente. Se se considerar as áreas cultivadas com culturas anuais e perenes e às destinadas a descanso, o consumo em 1973 alcançou a 113,6 kg/ha e preve-se 120 kg/ha para 1974. Porém, se for adicionada a área cultivada às destinadas a pastagem artificial o consumo cairá drasticamente para 48 kg/ha, face ao baixo nível de utilização de fertilizantes em novas pastagens.

A evolução dos preços reais de fertilizantes no período 1967-74 apresentou tendên

cia de decrêscimo até 1972, sendo bem mais acentuada até 1970, quando o índice médio alcançou o ponto mínimo de 86,3. Em 1971 iniciou-se reação altista, porém, só ultrapassando o alcançado em 1967 no ano passado, quando o índice real se situou em torno de 107. Essa evolução acompanha de perto aquela verificada no mercado doméstico dos Estados Unidos, embora o confronto seja feito entre preço real no mercado brasileiro e preço corrente no mercado norte americano. Em 1974, embora com dados ainda preliminares, observa-se o mais alto índice de todo o período (quadro 25). Entretanto, em São Paulo a elevação deste ano em preços correntes é significativamente superior à verificada nos Estados Unidos (125% contra 40%). Essa diferença explica-se por diversos fatores: a) comportamento diferente das taxas de inflação; b) elevação acentuada do frete devido à crise do petróleo; e c) preços diferenciados de fertilizantes e suas matérias-primas com possíveis vantagens oferecidas pela indústria ao mercado americano.

QUADRO 25. - Evolução dos Preços<sup>(1)</sup> de Fertilizantes, Estado de São Paulo, 1967-74  
(Preços Médios Ponderados em Cr\$/10t)

Ano	Preço corrente	Preço real <sup>(2)</sup>	Índice: 1967 = 100	
			Corrente	Real
1967	1.834,00	1.433,00	100,0	100,0
1968	2.228,00	1.401,00	121,5	97,8
1969	2.603,00	1.356,00	141,9	94,6
1970	2.846,00	1.237,00	155,2	86,3
1971	3.552,00	1.282,00	193,7	89,5
1972	4.419,00	1.364,00	240,9	95,2
1973	5.472,00	1.539,00	298,4	107,4
1974 <sup>(3)</sup>	12.303,00	2.854,00	670,8	199,2

(<sup>1</sup>) Preço à vista posto em São Paulo.

(<sup>2</sup>) Corrigido pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

(<sup>3</sup>) Média de maio.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Embora no ano em curso se tenha previsto variação de 12,6% no consumo aparente de fertilizantes, nos anos vindouros certamente a relação de preços fertilizante/produto será um condicionante essencial, primeiro, à continuidade do processo de adoção e, segundo, à própria economicidade para os agricultores que já utilizam este insumo moderno. Em 1974 a reação desses últimos agricultores teria sido de precaver-se contra a possível escassez e adquirir o fertilizante mesmo a preços elevados a médio prazo, porém, os impactos de uma relação



QUADRO 26. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir uma Tonelada de Fertilizantes <sup>(1)</sup>, Estado de São Paulo, 1967-74

Ano	Arroz em casca (sc.60kg)		Milho (sc.60kg)		Cafê beneficiado (sc.60kg)		Soja (sc.60kg)		Algodão em caroço (15kg)	
	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice
1967	10	100	29	100	4	100	15	100	35	100
1968	10	100	36	124	4	100	13	87	32	91
1969	11	110	24	83	2	50	13	87	32	91
1970	13	130	25	86	2	50	11	73	30	86
1971	8	80	25	86	3	75	11	73	25	71
1972	9	90	26	90	2	50	12	80	26	74
1973	10	100	20	69	2	50	9	60	23	66
1974 <sup>(2)</sup>	16	160	36	124	4	100	20	133	31	88

<sup>(1)</sup> Preço médio ponderado.

<sup>(2)</sup> Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

de preços desfavorável deverão tornar-se mais evidentes (quadro 26). Essa relação de preços atuou preponderantemente no incremento do uso de fertilizantes. Em 1974, embora com dados ainda preliminares, há uma expressiva inversão na tendência dos preços relativos, inclusive ultrapassando o índice máximo alcançado em 1967. Isso em última análise significa que o produtor agrícola teve seu poder aquisitivo aumentado até 1973 perdendo-o parcialmente em 1974.

Tal evidência é assinalada pela relação benefício/custo advinda do emprego de fertilizantes. Utilizando dados de experimento em milho, realizado por técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas<sup>(1)</sup> e atualizando os valores de insumo (fertilizante) e produto (milho) para o ano agrícola 1973/74, chega-se aos resultados constantes no quadro 27.

QUADRO 27. - Relação Benefício/Custo, para a Cultura do Milho em Localidades Seleccionadas do Estado de São Paulo, 1973/74

Localidade	Acréscimo na receita proporcionado pela adubação, (Cr\$/ha) (a)	Custo do adubo (Cr\$/ha) (b)	Relação benefic./custo (a)/(b)
Ribeirão Preto	1.882,00	280,40	6,7
Tietê	911,20	246,90	3,7
Piracicaba	1.474,00	287,30	5,1

Esses dados indicam que para cada 1,00 cruzeiro gasto em adubo, os retornos seriam de Cr\$ 6,70 em Ribeirão Preto, Cr\$ 3,70 em Tietê e Cr\$ 5,10 em Piracicaba, para a safra 1973/74. Se os níveis de preço de fertilizante para a safra 1974/75 se situarem próximos do verificado no período janeiro/maio de 1974 e se se considerar o preço estimado para o milho em 1974 o mesmo a vigorar em 1975, a relação benefício/custo cairá para 3,2, 1,7 e 2,5, respectivamente em Ribeirão Preto, Tietê e Piracicaba. Para manter-se a mesma relação verificada em 1973/74, aos preços vigentes de fertilizante no período, haverá a necessidade de o preço do milho em 1975 ascender a mais de Cr\$ 70,00/saca de 60kg. Embora com preços inferiores, o produtor ainda encontrará vantagens na adubação, mas o seu poder aquisitivo ficará grandemente reduzido, caso prevaleçam as condições referidas nesta breve análise. Tais vantagens persistirão sempre que a relação benefício/custo for superior à unidade.

Usando outra metodologia, chega-se também a resultados que sugerem uma redução das doses ótimas de nutrientes na adubação do milho em Ribeirão Preto<sup>(2)</sup>. Assim, enquanto as doses ótimas seriam de 78kg/ha de N, 30kg/ha de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e 39kg/ha de K<sub>2</sub>O no ano 1972/73, aos novos preços vi-

<sup>(1)</sup> Luiz Eugenio Coelho de Miranda e Joassy de Paula N. Jorge - Adubação do Milho - Comprovação da Eficiência das Fórmulas Recomendadas em Função da Análise do Solo. Projeto BNDE/ANDA/CIA Nº 12 - 1971.

<sup>(2)</sup> Com base em estudo de H. de Campos, P.F.C. de Araujo e H.V. de Arruda, Agricultura em S. Paulo, Tomo I e II, 1973.

gentes elas passariam a 58 kg/ha de N, 31 kg/ha de K<sub>2</sub>O e não utilização de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> em 1973/74.

Com relação ao consumo de calcário, o seu crescimento, a exemplo dos fertilizantes, dependerá dos preços relativos, além do transporte, por ser este um dos fatores que mais onera o preço final desse corretivo. Há indicações, que acima de 150 km, o preço do transporte é igual ou superior ao preço do calcário posto moinho.

Embora São Paulo tenha capacidade para produzir 3 milhões de toneladas de calcário / ano, em 1973 a produção não ultrapassou a 50% dessa capacidade.

Mesmo presentes algumas dificuldades, produção e consumo de calcário tem apresentado crescimento dos mais expressivos. No período de 1969-73, o acréscimo foi da ordem de 100%, partindo-se de uma produção e consumo de 749 mil toneladas em 1969 para 1.500 mil toneladas em 1973. Para 1974 produção e consumo deverão alcançar 1.870 mil toneladas (quadro 28).

QUADRO 28. - Produção e Consumo de Calcário Moído para Uso Agrícola na Região de São Paulo, 1969-74 (1.000t)

Ano	Calcário moído	Índice (1969 = 100)
1969	748,6	100
1970	831,9	111
1971	913,2	122
1972	1.023,0	137
1973	1.500,0	200
1974 <sup>(1)</sup>	1.870,0	250

(<sup>1</sup>) Previsão.

Fonte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo, para os anos de 1969, 1970 e 1971. Os anos de 1972, 1973 e 1974, estimativas junto aos moinhos.

#### Minas Gerais

A expectativa da diminuição da oferta contribuiu para um comportamento irregular da demanda no período de janeiro a maio de 1974. Nessas condições, foram observadas compras antecipadas principalmente pelas grandes firmas agropecuárias e cooperativas.

Por outro lado, dada a pressão da demanda no período, as firmas formuladoras preocupadas em minimizar os custos de produção reduziram consideravelmente o número de fórmulas disponíveis no mercado, colocando os agricultores sem muitas opções para formulações especiais.

A escassez de nitrogenados fez com que se observasse em maio alguns fechamentos de pequenos contratos para entregas futuras. Devido a incerteza de recebimento das matérias-primas, as firmas distribuidoras não estavam fechando grandes contratos de vendas para entre

gas futuras, tanto de elementos simples, quanto de formulados. Os contratos realizados no período eram mais dirigidos para retirada imediata, sendo que os volumes entregues no período de janeiro a maio do corrente ano se apresentaram superiores aos registrados em igual período nos anos anteriores. Estima-se que cerca de 30% do volume a ser comercializado no Estado, na safra em vias de formação, já teriam sido transacionados nos primeiros cinco meses do ano.

Nesse início de ano agrícola tem-se observado disponibilidades das formulações para entregas imediatas e as firmas já estão repondo os estoques nos postos distribuídos pelo interior do Estado.

Os preços pagos pelos agricultores experimentaram grandes variações no período, conforme elucidada o quadro 29. Ademais, grandes variações de preços foram observadas para um mesmo adubo simples ou formulado entre as firmas que comercializam fertilizantes.

QUADRO 29. - Preços Médios Pagos pelos Agricultores em Janeiro e Maio de 1974  
(Cr\$/t)

Elemento simples	1974		Variação (%)
	Janeiro	Maio	
Salitre do Chile	1.468,00	1.628,11	+ 10,91
Sulfato de amônio	681,77	1.341,33	+ 96,74
Superfosfato simples	511,74	1.033,24	+ 101,91
Superfosfato triplo	1.034,46	1.707,85	+ 65,10
Fosfato de Araxá	226,35	314,26	+ 38,84
Cloreto de potássio	629,31	1.162,07	+ 67,85
Nitrocálcio	723,26	1.434,14	+ 98,29

Fonte: Centro de Estudos Rurais, Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

#### Espírito Santo

É um dos estados que tem apresentado alta taxa de incremento de consumo de fertilizantes. Em 1971 o consumo foi de 2.445t, em 1972, 7.483t e em 1973, 10.897t. O acréscimo de 1973 sobre o ano anterior foi, portanto, de 45,6%.

Do total consumido, 73% são destinados à cultura do cafeeiro e os outros 27% ao milho, batata, feijão e abacaxi, principalmente.

Apesar do alto incremento verificado, o consumo por unidade de área cultivada no Estado ainda é baixo, situando-se em torno de 14 kg/ha, portanto, inferior à média brasileira.

No ano agrícola 1973/74, houve um grande incentivo ao uso de insumos modernos (fertilizantes, corretivos e sementes), através de uma subvenção estadual de 50% do valor

de compra do insumo. Para 1974/75, a subvenção estadual continua, embora com percentual reduzido para 20%. Essa subvenção é dirigida principalmente para as culturas de soja e sorgo.

#### Rio de Janeiro

Tem-se observado nesse Estado uma utilização cada vez mais acentuada de fertilizantes, mercê a atuação dos órgãos de assistência técnica que vêm conseguindo a cada dia despertar maior interesse dos produtores.

Assim, nos últimos 4 anos a demanda por fertilizantes vem aumentando na ordem de 20% a 25% a.a., encontrando-se atualmente o mercado com escassez desse insumo. As entregas estão sendo realizadas com mais de 120 dias de prazo, o que dificulta ao produtor planejar suas atividades.

Quanto aos preços observa-se que os mesmos sofreram forte crescimento de julho de 1973 para maio de 1974. O sulfato de amônio experimentou crescimento no período de 166%, o superfosfato de 120% e o cloreto de potássio de 165%.

A continuar a escassez atual dificilmente se atingirá a meta prevista para 1974/75 pela ACAR-RJ: o consumo de 8.970t de fertilizantes.

#### Paraná

A grande parcela dos fertilizantes consumidos é importada pelo porto de Santos. Em 1973 as importações pelo porto de Paranaguá atingiram apenas 10% do total adquirido pelo Estado.

Está em vias de conclusão o terminal de recebimento de matéria-prima do porto de Paranaguá, bem como a fábrica de fertilizantes da área portuária. Com esses projetos, o Estado do Paraná pretende alcançar 80% de suas necessidades internas em 1976.

Apesar de a oferta no ano agrícola 1973/74 não ter ocorrido no volume esperado, houve relativo equilíbrio no mercado, face a retração da procura causada pelos altos níveis de preço.

No caso do trigo, os agricultores precavendo-se de possível falta de adubos, anteciparam seus pedidos, fazendo com que eventuais atrasos na entrega não afetassem a normalidade do plantio.

Para o ano agrícola 1974/75, é esperado uma normalidade de suprimento desse insumo, embora a níveis de preços muito superiores ao da safra passada.

#### Santa Catarina

O suprimento de fertilizantes tem se verificado com alguma deficiência, visto que há disponibilidade no mercado de adubos formulados, porém, há uma falta generalizada dos adubos simples necessários à adubação de correção e em cobertura.

Dada a fertilidade natural do solo e às culturas de maior expansão econômica no Estado, a maior procura repousa nos fertilizantes nitrogenados e fosfatados. Todavia, vem ocorrendo maior procura por hiperfosfatos face a escassez dos superfosfatos (simples, duplo e triplo) e do composto di-amônio fosfato.

Os preços apresentaram incremento, de janeiro de 1973 a janeiro de 1974, desde 96,2% para o cloreto de potássio até 233,3% para a uréia.

Se se cotejar os preços vigentes em maio de 1974 nos dois estados do extremo sul, verifica-se que o Estado de Santa Catarina apresenta pequeno âgio, variando entre 3 e 10%.

O afluxo de calcário no Estado é grandemente dificultado pelo transporte, que além de onerar o preço desse corretivo, é deficiente em virtude da quantidade exigida em curto período, cujo transporte é por via rodoviária. O Estado importa 90% de suas necessidades de São Paulo e do Paraná.

#### Rio Grande do Sul

De acordo com informações prestadas pelas empresas supridoras de fertilizantes, haverá disponibilidade para assegurar a demanda no ano agrícola 1974/75. A oferta é dirigida principalmente para os cultivos de arroz, soja e milho, cujas demandas se avolumam nos meses de setembro e outubro. O trigo é outra cultura de elevado consumo de fertilizantes, com intensa demanda nos meses de abril/maio.

Dada a instabilidade do preço dos produtos agrícolas, as empresas fornecedoras de fertilizantes sentem a dificuldade de programar as suas importações, temendo eventual retração na procura. Por outro lado, há indicações de que os produtores de arroz e soja, principalmente, que dispõem de capacidade de armazenamento, efetuaram compras antecipadas, objetivando garantir os preços.

Quanto ao suprimento das culturas ditas de inverno, cuja demanda por fertilizantes se situa nos meses de abril/maio, as informações disponíveis indicam que a procura ficou aquém das expectativas da indústria.

No confronto entre o preço pago pelo agricultor no ano agrícola que se inicia e no ano anterior, notam-se incrementos substanciais tanto nos adubos simples (quadro 30) como nos formulados (quadro 31). No primeiro grupo, o maior incremento observado foi para a uréia (306,6%) e o menor para o cloreto de potássio (86%).

QUADRO 30. - Preços de Fertilizantes, Rio Grande do Sul, Julho/Agosto de 1973 e Maio/Junho de 1974

Produto	Preço posto na fábrica (Cr\$/t)		Variação (%)
	Julho/agosto 73	Maio/junho 74	
Sulfato de amônio	570,00	1.864,00	227,0
Uréia	883,00	3.590,00	306,6
Fosfato de amônio <sup>(1)</sup>	1.145,00	3.600,00	214,4
Superfosfato simples	458,00	1.390,00	203,5
Superfosfato triplo	982,00	3.375,00	243,7
Cloreto de potássio	632,00	1.175,00	86,0

(<sup>1</sup>) - 18-46-0

Fonte: Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

QUADRO 31. - Preço de Algumas Fórmulas mais Comuns de Fertilizantes, Rio Grande do Sul, Julho/Agosto 1973 e Maio/Junho 1974

Fórmula	Preço posto na fábrica (Cr\$/t)		Variação (%)
	Julho/agosto 73	Maio/junho 74	
9-36-12	990,00	3.076,00	210,7
3-39-9	958,00	2.430,00	153,6
0-30-10	742,00	2.350,00	216,7
5-20-10	650,00	1.880,00	189,2
5-30-15	855,00	2.530,00	195,9
10-30-15	895,00	2.200,00	145,8

Fonte: Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Goiás

O consumo de fertilizantes nesse Estado alcançou 130 mil toneladas em 1973 e prevê-se 280 mil para 1974, ou seja, um acréscimo de 115%.

A expansão da fronteira agrícola do Estado através do programa Goiás-Rural, que pre

tende desmatar 1 milhão de hectares até 1975, poderá ser um indicador de incremento no uso de fertilizantes a curto prazo se os programas de assistência técnica atuarem nesse sentido.

Em período de apenas seis meses, janeiro a junho de 1974, os preços subiram assim : 99% para o cloreto de potássio, 170% para o superfosfato simples e 265% para o sulfato de amônio.

#### Mato Grosso

A evolução dos preços de fertilizantes foi a mesma verificada em Goiás. Todavia, a lêm dos altos preços vigentes de fertilizantes o preço do calcário encontra-se em níveis dos mais elevados em Mato Grosso, superando o preço do calcário em São Paulo em mais de 260%. Em dezembro de 1973, quando o preço do calcário paulista (posto moinho), se situava em Cr\$60,00/t, em Mato Grosso esse corretivo alcançara em média Cr\$ 220,00/t.

#### I

Num contexto global, a perspectiva para 1975 é ainda de acréscimo nos preços, porém, em níveis inferiores aos alcançados em 1974. Um possível arrefecimento nos níveis de preços é esperado a partir de 1976, quando novas unidades industriais entrarem em plena atividade, além da expansão das já existentes. Por outro lado, o comportamento da demanda em 1974 é ainda imprevisível. O período dos financiamentos é agora mais amplo, o que poderá atenuar os picos de demanda. As decisões de alguns agricultores podem ser retardadas pela evolução desfavorável dos preços relativos; outros agricultores (e cooperativas principalmente) teriam, porém, antecipado suas compras na expectativa de escassez maior.

#### - Defensivos Agrícolas

Segundo a FAO, a América do Norte é responsável por 50% do consumo mundial de defensivos agrícolas. A Europa participa desse total com 20%, o Extremo Oriente com 15%, a América Latina com 10% e a África com 5%.

Nos Estados Unidos (maior consumidor mundial de defensivos agrícolas) as culturas maiores consumidoras desse insumo são: milho, algodão, arroz, soja e trigo. Na Europa, a França se destaca como o maior consumidor, no Extremo Oriente o Japão e na América Latina, o Brasil.

Relativamente às importações, até outubro de 1973 já haviam atingido a 54 milhões de dolar FOB. Essas são as informações disponíveis de valor, mas sabe-se que, em termos físicos, as importações do 3º quadrimestre representaram cerca de 70% do total. Com efeito, as importações de 1973 deverão alcançar pelo menos 60 milhões de dólares, o que representa 64% de acréscimo em relação ao ano anterior. Por outro lado, as exportações nacionais que atin-



giram a 2.310 mil dólares em 1972, não deverão ultrapassar essa cifra em 1973 dado que até ou tubro desse ano haviam sido exportados apenas 1.700 mil dólares. Essa diminuição nos excedentes exportáveis é reflexo de um aumento rápido da demanda nacional.

Com base no volume físico (quadro 32), o consumo aparente de defensivos no último quinquênio aumentou cerca de 84%, com os herbicidas experimentando o maior acréscimo (478%) seguidos de perto pelos fungicidas (464%). Os inseticidas não mostraram acréscimo físico no período: 40.650 toneladas em 1969 contra 33.844 toneladas em 1973. Todavia, essa redução aparente no consumo de inseticidas é explicada pela importação maciça de produto técnico (princípio ativo de maior concentração), resultando em termos reais num maior volume de princípio ativo consumido. Os fungicidas tiveram seu consumo grandemente aumentado nos últimos anos em boa parte explicado pelo controle à ferrugem do cafeeiro. O espetacular aumento nos herbicidas se deve aos bons resultados proporcionados por esse defensivo, em termos técnicos, e a relativa escassez de mão-de-obra rural.

QUADRO 32. - Consumo Aparente Brasileiro de Defensivos<sup>(1)</sup> Agrícolas, 1969-73  
(tonelada)

Defensivo	1969	1970	1971	1972	1973
<b>Inseticida</b>					
Importação	21.400	17.267	17.331	24.896	18.234
Produção nacional	<u>12.114</u>	<u>12.504</u>	<u>13.280</u>	<u>14.005</u>	<u>15.610</u>
Subtotal	33.514	29.771	30.611	38.901	33.844
<b>Fungicida</b>					
Importação	4.185	6.125	8.619	20.054	26.082
Produção nacional	<u>1.500</u>	<u>1.640</u>	<u>2.939</u>	<u>4.250</u>	<u>6.300</u>
Subtotal	5.685	7.765	11.558	24.304	32.382
<b>Herbicida</b>					
Importação	1.451	3.429	5.042	4.750	7.931
Produção nacional	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>450</u>
Subtotal	1.451	3.429	5.042	4.750	8.381
<b>Total geral</b>	<b>40.630</b>	<b>49.965</b>	<b>47.211</b>	<b>67.955</b>	<b>74.607</b>

(<sup>1</sup>) Consumo aparente = importação mais produção nacional.

Fonte: Sindicato da Indústria de Defensivos do Estado de São Paulo.

A produção nacional de inseticidas em 1973 se aproximou dos volumes importados, representando cerca de 46% do total consumido. O mesmo não aconteceu com os fungicidas que de uma participação de 25% do total consumido em 1971 passaram a 19% em 1973. Isto se deveu

ao grande incremento verificado nos cûpricos cujo suprimento é feito à base de produtos importados.

Especial menção aos herbicidas que em 1973, pela primeira vez, foram produzidos no Brasil. Outro fato marcante em 1973 repousa no valor das vendas, alcançando a 1,2 bilhão de cruzeiros, quantia esta superior em cerca de 30% às vendas do ano anterior.

Os inseticidas, de modo geral, são consumidos por todas as culturas, mas a cultura do algodão detem a maior parcela desse consumo, vindo a seguir café, soja e trigo.

A maior afluência dos fungicidas é para a lavoura cafeeira, mas a fruticultura e horticultura também se caracterizam como grandes consumidoras de fungicidas. O consumo das demais culturas, por unidade de área, ainda é pequeno.

Para os herbicidas, a lavoura canavieira é a maior consumidora desse insumo. Soja, algodão, trigo, café e pastagens formam o segundo grupo de maior expressão no consumo.

No período de 1969 a maio de 1974, os preços reais apresentaram evolução crescente para alguns defensivos e decrescente para outros. Dentre os que apresentaram crescimento ponderável, ressalte-se que os fungicidas a base de cobre (sulfato) em 1973 experimentam crescimento real de 10,7%. Em maio de 1974, relativamente à média de 1973, o acréscimo real foi da ordem de 70%.

#### - Tratores

As importações brasileiras de tratores de 4 rodas que em 1968 representaram cerca de 7% da produção nacional, em termos de unidades físicas, foram se restringindo a ponto de nos dias atuais não se registrar nenhuma importação.

Por outro lado, as exportações apresentaram crescimento considerável nos últimos 3 anos. Em 1971 o valor das exportações atingiu a 543 mil dólares; em 1973, cerca de 1,9 milhão de dólares e 327 unidades exportadas. Até maio de 1974, 91 unidades foram exportadas, atingindo aproximadamente 600 mil dólares.

No ano de 1973 face a uma demanda interna não satisfeita, algumas tentativas foram feitas visando o incremento da oferta através das importações. Todavia, as dificuldades inerentes à realização de transações internacionais a curto prazo, a inexistência de peças de reposição para tratores importados e mesmo a falta de excedentes exportáveis nos principais mercados fizeram com que as decisões governamentais se dirigissem para o incremento da oferta da indústria nacional, a curto prazo, com facilidades no suprimento de matérias-primas e peças acessórias.

Essa política redundou na eliminação da alíquota "ad valorem" para pneus e peças acessórias vitais e com deficiência de oferta pela indústria nacional. Isto trouxe grandes benefícios à agricultura, através do aumento da oferta e estabilização dos preços administrados, embora ainda não se tenha alcançado o equilíbrio.

Em 1973 a indústria brasileira de micro-trator de 4 rodas, cultivador motorizado, trator de 4 rodas e trator de esteira apresentou incremento na produção da ordem de 29%. O maior aumento verificado foi para os tratores de esteira (53%). Os micro-tratores e cultivadores motorizados experimentaram crescimento de 34% e os tratores de 4 rodas de 29% (quadro 33).

QUADRO 33. - Produção da Indústria Brasileira de Tratores, 1967-73  
(Índice 1967 = 100)

Ano	Cultivador motorizado (1)		Trator de esteira		Trator de 4 rodas	
	Produção	Índice	Produção	Índice	Produção	Índice
1967	2.231	100	73	100	6.223	100
1968	2.612	117	106	145	9.818	158
1969	2.281	102	91	125	9.548	153
1970	2.474	111	185	253	14.048	226
1971	2.556	114	770	1.055	22.122	355
1972	3.773	169	1.282	1.756	29.142	468
1973	5.080	228	1.961	2.686	37.170	597
Total	21.007	-	4.468	-	128.071	-

(1) Inclusive micro-trator de 4 rodas.

Fonte: "ANFAVEA" - Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores.

No grupo de tratores de 4 rodas, que é o de maior expressão, o trator pesado (acima de 74HP) apresentou o maior incremento (110%) e ultrapassou, pela primeira vez, em número de unidades vendidas o trator de categoria média (51 a 74HP).

No trator de categoria leve verificou-se incremento de 32,6%, acréscimo este proporcionado em grande parte pelo trator de bitola estreita (cafeeiro), face ao incremento da demanda para controle à ferrugem.

Confirmando a previsão do IEA, os tratores de categoria média apresentaram em 1973 decréscimo de venda de 9% relativamente a 1972. Com isto, a sua participação no grupo de tratores de 4 rodas que fôra de 46,3% em 1972 passou para 36,6% em 1973 e, os tratores pesados modificaram sua participação de 20,5% em 1972 para 33,4% em 1973. Os tratores leves também tiveram sua participação aumentada de 33,2% em 1972 para 34% em 1973.

A meta de produção da indústria brasileira de tratores de 4 rodas é de 49.000 unidades em 1974, portanto, o incremento previsto é de 33,7%. Contudo a consecução de tal objetivo está condicionada ao suprimento adequado de matérias-primas básicas e peças acessórias, daí dificilmente tal meta será alcançada. O mais provável é que a produção se situe em torno de 42 mil unidades, com um incremento, portanto, de cerca de 13% ao invés de 33,7%, conforme fôra programado.

Em 1973 a região Centro-Sul, absorveu cerca de 94% da venda da indústria brasileira de tratores. A região Sudeste participou desse mercado com 44%, a Sul com 43% e a Centro-Oeste com 7%. São Paulo apresenta o maior consumo desse bem de capital (37%), vindo o Paraná em segundo lugar (21%), Rio Grande do Sul (19%), Minas Gerais (5,4%), Goiás (3,8%), Mato Grosso (3,4%) e Espírito Santo (3%).

No ano agrícola 1973/74, o mercado de tratores se caracterizou pelo desequilíbrio entre oferta e demanda, face aos bons resultados comerciais alcançados em 1973 pela maioria dos produtos agrícolas e pela falta de matérias-primas e peças acessórias vitais. Todavia, a análise isolada de cada estado evidencia leves diferenciações inter-estaduais.

Assim, no Rio Grande do Sul a comercialização de tratores para a safra 1974/75 está se processando com a demora de 90 a 120 dias, a partir da data da emissão do pedido. No ano anterior, esse prazo oscilava entre 60 a 90 dias, notando-se um agravamento da situação no ano agrícola em curso.

Em Santa Catarina, o prazo de entrega varia de 60 a 90 dias. A demanda tem crescido em função do acréscimo de área cultivada com soja e trigo, além da contribuição dos projetos de reflorestamento e fruticultura de clima temperado.

No Paraná, o prazo de entrega do trator alcançou até 6 meses quando comercializado a preço de tabela. As entregas imediatas sofriam gios de até 40% sobre o preço de tabela. Para o ano agrícola 1974/75, a oferta está em equilíbrio com a demanda para alguns modelos , principalmente os de categoria mais pesada e, pequeno desequilíbrio  notado para os tratores de categoria leves e médias, oscilando entre 30 a 60 dias o prazo de entrega. Contudo, há notícias de uma leve contrao de demanda iniciada em maio de 1974; fenmeno este também presente em São Paulo.

Em 1973 São Paulo absorveu cerca de 37% da produo total da indústria, com incremento da ordem de 20% sobre o ano anterior.

A ocorrência de uma demanda crescente de tratores especialmente a partir de 1969 resultou, entre outros fatores, da melhoria da relao de preços produto-trator. Os dados disponíveis mostram tendência decrescente na quantidade necessária de produtos para adquirir um trator. As únicas variaes ocorridas na série foram para o arroz no período de 1967 a 1970 e para a soja em 1974, embora os dados sejam preliminares. Apesar da tendência de acréscimo nos preços reais a partir de 1972, a relao de preços continua favorável (quadro 34).

Em Minas Gerais ainda perdura a falta de tratores no mercado, face ao incremento na oferta não ter acompanhado o aumento da procura nos últimos anos. Com efeito, para o ano agrícola 1974/75 a comercializao de tratores naquele estado está se verificando com defasagem na entrega que varia de acordo com a marca, sendo em média de 120 dias para os tratores Agrale e Valmet, e alcançando 8 a 12 meses para os tratores Massey Ferguson e de esteira de um modo geral. Tratores CBT e cultivadores motorizados encontram-se em disponibilidade.

Ao analisar o período de janeiro a maio de 1974 em Minas Gerais verifica-se que a carência de tratores se vem agravando, pelos aumentos sucessivos na demanda a partir de março, dando como consequência uma elevao nos prazos de entrega. A procura desses 5 meses comparativamente ao mesmo período do ano anterior, cresceu 42% para tratores de rodas e 50% para os de esteiras. Ressalte-se ainda que este não  o período de maior demanda, devendo aumentar nos próximos meses. Pesquisa realizada pela Secretaria da Agricultura (Assessoria de Planejamento e Coordenao), estimou o número de tratores e máquinas agrícolas existentes em 1973 e as necessidades para 1974 e 1975, revelando que em 1974 o número de tratores de rodas deveria ser aumentado de 42% sobre 1973, os tratores de esteira de 38% e os micro-tratores de 29% (quadro 35).

Em Goiás, a comercializao de tratores para o ano agrícola 1974/75 está se processando com defasagem 60 a 120 dias entre o registro do pedido e a efetivao da entrega. Os

QUADRO 34. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir um Trator Leve (44 HP), Estado de São Paulo, 1967-74

Ano	Arroz em casca (sc.60kg)		Milho (sc.60kg)		Cafê beneficiado (sc.60kg)		Soja (sc.60kg)		Algodão em caroço (15kg)	
	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice
1967	727	100	2.174	100	334	100	1.105	100	2.608	100
1968	729	100	2.595	119	270	81	973	88	2.330	89
-49- 1969	834	115	1.717	79	187	56	928	84	2.337	90
1970	881	121	1.698	78	131	39	754	68	2.021	77
1971	524	72	1.531	70	162	48	684	62	1.537	59
1972	518	71	1.475	68	116	35	681	62	1.449	56
1973	499	69	979	45	91	27	456	41	1.125	43
1974 (1)	379	52	836	38	81	24	474	43	710	27

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

maiores prazos são verificados para tratores de pneus de categoria leve e os menores para os pesados. As peças de reposição e pneus estão sendo comercializados com âgios sobre o preço de mercado ou com mais de 30 dias de espera para obtê-las aos preços de tabela.

QUADRO 35. - Número de Máquinas Existentes em 1973 e Necessidades para 1974 e 1975, Minas Gerais

Tipo de máquina	Número existente	Necessidade		Necessidade de acréscimo			
		1974	1975	1974 em relação a 1973		1975 em relação a 1974	
	1973	1974	1975	Unidade	%	Unidade	%
Trator de pneu	15.665	22.264	27.175	6.599	42	4.911	22
Trator de esteira	2.278	3.150	3.668	872	38	518	16
Colhedeira auto-motriz	805	1.223	1.544	418	52	321	26
Colhedeira tracionada	498	877	1.166	378	76	289	33
Trihadeira	863	1.380	1.689	517	60	309	22
Pulverizador motorizado costal	17.250	24.788	29.584	7.538	44	4.796	19
Pulverizador motorizado de barra	2.657	4.810	6.334	2.153	81	1.524	32
Avião agrícola	15	57	81	42	280	24	42
Patrola	597	828	943	231	39	115	14
Pulverizador manual	80	120	190	40	50	70	58
Pulverizador tração animal	115	145	180	30	26	35	24
Micro-trator	406	523	652	117	29	129	25

Fonte: Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.

#### - Sementes

O aumento no uso de sementes melhoradas é um dos fatores básicos para o rápido incremento da tecnificação da agricultura, pois além de efeito direto na produtividade, os resultados a serem alcançados pelo uso de fertilizantes e outros insumos, estão a depender da qualidade da semente utilizada.

No Rio Grande do Sul, mesmo para as culturas de interesse econômico, as sementes utilizadas eram provenientes das sobras de colheitas, contribuindo para o baixo rendimento cultural. A tendência geral, porém, é uma degradativa substituição desse sistema, conforme demonstra o quadro 36.

Observa-se que a proporção da área cultivada com sementes melhoradas já alcança alto percentual para as culturas de maior expressão econômica do Estado (soja, trigo e arroz);

outras culturas ainda se encontram com níveis baixos de utilização.

QUADRO 36. - Número de Firmas e de Municípios e Proporção de Área Cultivada com Semente Melhorada, Rio Grande do Sul, 1974

Cultura	Número de firmas produtoras de sementes certificadas	Número de municípios produtores de sementes	Proporção de área cultivada com semente melhorada (%)
Arroz	124	18	50
Soja	142	60	85
Trigo	106	60	90
Milho	8	13	30
Batatinha	15	11	2,5
Feijão	-	-	0,2
Forrageiras	24	-	-

Fonte: CESM/RS.

Em Santa Catarina, a disponibilidade de semente melhorada depende da cultura em consideração. Assim, para o arroz é esperada uma oferta suficiente para atender a demanda estadual. Para o feijão, a demanda será bem superior à oferta. As sementes de milho produzidas no Estado acrescidas das tradicionais importações do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo serão suficientes para atender a demanda. A oferta de sementes de soja e trigo deverá estar em equilíbrio com a demanda local.

No Paraná a quase totalidade da área com algodão é cultivada com semente selecionada (quadro 37) mas a pequena parcela restante (aproximadamente 10%) deve estar utilizando semente selecionada proveniente de São Paulo, porém, não fiscalizada no estado paranaense.

Assim, a oferta de semente selecionada de algodão atende às necessidades, já que além da produção estadual ser praticamente suficiente, São Paulo atende a demanda não satisfeita.

Apesar do Estado de São Paulo apresentar (em termos brasileiros) elevadas taxas de utilização de sementes melhoradas, ainda é baixo o seu consumo na maioria dos cultivos; exceto no algodão, cuja taxa é de 100% da área, e no milho que evoluiu de 42% em 1963 para 77% em 1973.

A venda de sementes para plantio na safra 1973/74 apresentou incremento para a maioria das sementes, relativamente à 1972/73 (quadro 38). Expressivos aumentos foram verificados para feijão (163,7%), amendoim (55,9%) e milho híbrido (26,3%).

QUADRO 37. - Semente Seleccionada de Algodão, Produzida e Plantada, Densidade de Plantio e Área Cultivada com Semente Seleccionada, Paranã, 1970/71 a 1973/74

Ano	Semente		Densidade de plantio (kg/ha)	Área cultivada	
	Produzida (t)	Plantada (t)		Com semente seleccionada (ha)	Sem semente seleccionada (ha)
1970/71	9.190	...	...	...	...
1971/72	9.067	9.268	36	257.444	32.956
1972/73	7.346	8.417	36	233.806	22.542
1973/74	...	7.694	36	213.722	34.271

Fonte: Ministério da Agricultura e Secretaria da Agricultura do Paranã.

O milho variedade apresentou decréscimo de 26,2%, porém, dada sua pequena participação no total, muito pouco representou no total de sementes melhoradas (híbrido mais variedade), resultando ainda um saldo de 21,4% para a soma dos dois cultivares.

QUADRO 38. - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo, pela Secretaria da Agricultura e Firms Particulares, para as safras 1972/73 e 1973/74

Semente	Unidade	Secretaria da Agricultura		Firms Particulares	
		1972/73	1973/74	1972/73	1973/74
Algodão	sc.30kg	614.240	576.382	38.081	53.730
Amendoim	cx.20kg	76.960	119.985	51.826	29.638
Arroz	sc.50kg	97.346	102.791	797	1.922
Feijão de mesa	sc.50kg	6.135	16.181	153.999	164.878
Milho híbrido	sc.50kg	137.136	173.236	...	...
Milho variedade	sc.50kg	14.247	10.510	...	...
Soja	sc.50kg	51.587	31.800	...	...

Fonte: Divisão de Sementes e Mudas DSM-CATI.



Para o amendoim, embora a safra 1973/74 tenha apresentado incremento nas vendas de 55,9%, a demanda ainda foi superior a oferta, resultando que um certo potencial para o uso de semente melhorada se transferiu para as sementes próprias, com possíveis reflexos na diminuição da produtividade.

Na soja, a distribuição de sementes produzidas pela Secretaria da Agricultura ficou quase restrita à cooperadores e certificadores. Dessa forma, a área plantada em São Paulo ou foi com sementes próprias ou advindas de outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul.

A produção de sementes pela Secretaria da Agricultura de São Paulo para plantio de 1974/75 é estimada em 900.000sc. de algodão, 110.000sc. de arroz, 270.000sc. de amendoim, 16.000sc. de feijão de mesa, 200.000sc. de milho híbrido, 27.000sc. de milho variedade e 150.000sc. de soja.

Verifica-se, pois, que exceção feita ao feijão, todas as sementes têm produção esperada bem superior às vendas na safra 1973/74. E, a guiar-se pela taxa média de sementes recusada nos últimos 5 anos, a disponibilidade para venda em 1974 será bem superior à de 1973.

As sementes que têm participação significativa dentre as produzidas pelas firmas particulares são as de milho híbrido, amendoim, soja e em reduzida escala o arroz. O milho híbrido experimentou incremento de venda de apenas 7% em 1973/74, relativamente à safra anterior, o amendoim um significativo aumento de 41%, a soja decréscimo de 43% e o arroz um substancial incremento de 141%, embora sua participação seja reduzida quando comparada com as produções da Secretaria da Agricultura.

No Rio de Janeiro, a produção de sementes é ainda limitada, apesar de existir um programa em execução, originado do Plano Nacional de Sementes. O Estado do Rio não possui firmas produtoras de sementes certificadas, não havendo portanto registros de área cultivada com sementes melhoradas. Foram produzidas no Estado até junho deste ano 30.580sc. de 50kg de sementes de arroz, 420sc. de feijão preto e 500sc. de milho híbrido, e ainda 240sc. de sementes de soja. Importaram-se no mesmo período, 200sc. de semente de feijão de Minas Gerais e 15.000sc. de milho híbrido de São Paulo. Esses números constituem a disponibilidade para plantio no ano agrícola 1974/75.

A produção de sementes melhoradas em Minas Gerais também não é compatível com as suas necessidades, exigindo por isso importações de outros estados que representam, para algumas sementes, volume considerável. Assim, no algodão cerca de 68% das necessidades totais são importadas de São Paulo. Para soja, 40% são importadas do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. No sorgo 80% são importadas de São Paulo e Rio Grande do Sul; apenas o feijão não depende de importações e pequena quantidade é importada de arroz (quadro 39).

QUADRO 39. - Procedência Percentual das Sementes Utilizadas no Estado de Minas Gerais, 1974

Semente	Procedência	
	Próprio estado	Outros estados
Algodão	31,48	68,52
Amendoim	85,20	14,80
Arroz	94,00	6,00
Feijão	100,00	-
Mamona	90,00	10,00
Milho	88,00	12,00
Soja	60,00	40,00
Sorgo	20,00	80,00

Fonte: Centro de Estudos Rurais - Secretaria da Agricultura de Minas Gerais.

A taxa de utilização de semente melhorada na agricultura mineira, apresenta-se elevada para algumas sementes, quando comparada com a de outros estados; as taxas de feijão, amendoim, soja, arroz e sorgo são consideradas superiores à média do Centro-Sul (quadro 40).

QUADRO 40. - Quantidade de Semente Melhorada Utilizada, Quantidade Total e Taxa de Utilização de Semente Melhorada, Estado de Minas Gerais, 1974

Produto	Unidade	Total de semente plantada	Semente melhorada	Taxa de utilização de semente melhorada (%)
Algodão	sc.30kg	100.700	99.600	98,9
Amendoim	sc.30kg	15.200	4.500	29,6
Arroz	sc.50kg	504.000	50.400	10,0
Feijão	sc.50kg	1.028.000	102.800	10,0
Mamona	sc.30kg	5.700	1.140	20,0
Milho	sc.40kg	871.800	523.000	60,0
Soja	sc.50kg	69.000	55.200	80,0
Sorgo	sc.25kg	4.800	4.800	100,0

Fonte: Dados da CAMIG, APC/SA. Centro de Estudos Rurais da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais.

Também em Minas Gerais, a previsão da demanda total e da quantidade de sementes melhoradas para a safra 1974/75 pode ser vista no quadro 41.

QUADRO 41. - Previsão da Demanda Total de Sementes e da Quantidade de Sementes Melhoradas para a Safra 1974/75, Minas Gerais

Produto	Unidade	Demanda potencial de semente	Demanda de semente melhorada	Quantidade produzida em Minas Gerais	Quantidade importada de outros estados
Algodão	sc.30kg	158.000	142.000	60.000	82.000
Amendoim	sc.30kg	32.300	9.700	3.400	6.400
Arroz	sc.50kg	486.600	48.700	17.700	31.000
Feijão	sc.50kg	1.112.000	111.200	111.200	-
Mamona	sc.30kg	7.600	1.500	750	750
Milho	sc.40kg	871.800	523.000	418.400	104.600
Soja	sc.50kg	273.000	218.000	43.000	175.000
Sorgo	sc.25kg	25.000	25.000	2.500	22.500

Fonte: Dados da CAMIG, APC/SA e CER/SA.

No Estado de Mato Grosso, a produção de sementes para algumas culturas já alcança nível expressivo como é o caso do arroz, soja e trigo (quadro 42).

Contudo, face a inexistência de um serviço de certificação de sementes, aliada a não fiscalização do comércio de sementes, pode ocorrer que muitas dessas sementes não sejam de boa qualidade. Aliás, essa situação é válida para toda região em estudo e para o País de um modo geral. Algumas exceções podem ser encontradas em alguns estados onde se tem fiscalização no comércio de sementes. Todavia, tal fiscalização ainda não tem o alcance desejado e a comercialização, mesmo nos estados de agricultura mais tecnificada, se processa de maneira pouco controlada pelas entidades oficiais. Daí a dificuldade de se separar nas estatísticas o que é comercializado como semente mas não contém as qualidades exigidas daquilo que se pode realmente definir como semente melhorada.

QUADRO 42. - Produção de Sementes no Estado de Mato Grosso, 1973 e 1974

Semente	Unidade	1973	1974
Amendoim	sc.25kg	11.200	...
Arroz	sc.50kg	227.000	141.160
Milho	sc.50kg	30.000	4.920
Soja	sc.50kg	215.500	92.660
Trigo	sc.50kg	294.800	71.660

Fonte: Comissão Estadual de Sementes do Estado de Mato Grosso.

#### Mercado de Trabalho

As informações disponíveis sobre mercado de trabalho se restringem aos salários pagos aos trabalhadores rurais. Contudo, sabe-se que em várias regiões do País a disponibilidade de mão-de-obra rural diminui a cada ano principalmente face ao fluxo migratório rural-urbano.

No Estado do Rio Grande do Sul, a mão-de-obra rural é exigida em maior intensidade nos meses de outubro/novembro e março/abril. Face a maior demanda nesses períodos os salários experimentam âgios de até 50% sobre o valor normal. Apesar do aumento do índice de mecanização agrícola, no ano 1973/74 ocorreram sérias dificuldades nas colheitas de soja e arroz, sendo até mesmo requisitada a colaboração do Exército Nacional nas áreas de fronteira. Os salários registrados para a categoria de trabalhadores efetivos atingiram em 1973 a média de Cr\$ 841,00/mês para o administrador e Cr\$ 284,00 para o mensalista. O diarista teve remuneração média em torno de Cr\$ 12,40.

Em São Paulo, a evolução dos salários rurais nos últimos 6 anos é apresentada no quadro 43, para 4 categorias de trabalhadores. Pode-se observar um aumento, em valores correntes, entre março de 1973 e março de 1974, de 35% para diarista residente, 58% para volante, 23% para administrador e 34% para tratorista; em todos casos se evidenciando a escassez de mão-de-obra no meio rural e a melhoria da renda do trabalhador. É de se notar que escassez se revela mais pronunciada entre os trabalhadores contratados externamente à propriedade, já que no caso de diarista residente, tratorista e administrador a evolução em termos reais se apresentou ao redor de 10%. De qualquer forma, todas as categorias de trabalhadores rurais experimentaram aumentos maiores que os concedidos no meio urbano; os acordos trabalhistas se mantiveram em torno de 20% de aumento em valores correntes o mesmo ocorrendo para o salário mínimo. A tendência de alta nos salários rurais permaneceu na safra 1973/74 e, se o desenvolvimento urbano e a oferta de emprego nos setores secundário e terciário da economia permanecerem em ascensão, pode-se esperar novas altas para 1974/75. Ademais, a tendência de mecanização poderá ser ainda mais acelerada, na medida em que os preços relativos (ca

QUADRO 43. - Salários Rurais e Respective Índices no Estado de São Paulo, 1968-74

Ano	Mês	Diarista residente a seco			Volante			Administrador			Tratorista ou motorista		
		Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)
1968	Nov.	3,40	5,48	85,09	3,60	5,80	82,39	180,00	289,88	93,13	120,00	193,26	82,64
1969	Mar.	3,45	5,31	82,45	3,88	5,97	84,80	185,14	284,91	91,53	134,68	207,26	88,63
1969	Nov.	4,30	5,73	88,98	4,43	5,90	83,81	215,36	286,80	92,14	168,11	223,88	95,73
1969	Média	3,88	5,59	86,80	4,16	5,99	85,09	200,25	288,90	92,81	151,40	218,43	93,40
1970	Mar.	4,62	5,87	91,15	5,42	6,89	97,87	217,79	276,73	88,90	161,45	205,14	87,72
1970	Nov.	5,65	6,36	98,76	5,88	6,62	94,03	279,20	314,38	101,00	205,33	231,20	98,86
1970	Média	5,14	6,18	95,96	5,65	6,80	96,59	248,50	299,28	95,15	183,39	220,87	94,45
1971	Mar.	5,68	6,01	93,32	6,58	6,96	98,86	289,53	306,11	98,34	207,80	219,70	93,95
1971	Nov.	7,21	6,79	105,43	7,49	7,06	100,28	333,01	313,75	100,80	259,92	244,89	104,72
1971	Média	6,44	6,44	100,00	7,04	7,04	100,00	311,27	311,27	100,00	233,86	233,86	100,00
1972	Mar.	7,46	6,62	102,80	8,92	7,92	112,50	379,90	337,28	108,36	259,29	230,20	98,43
1972	Nov.	9,30	7,55	117,24	9,80	7,96	113,07	424,00	344,42	110,65	322,00	261,56	111,84
1972	Média	8,38	7,16	111,18	9,36	8,00	113,64	401,95	333,75	107,22	290,64	248,48	106,25
1973	Mar.	9,90	7,66	118,94	10,30	7,97	113,21	506,40	391,82	125,88	321,10	248,45	106,24
1973	Nov.	12,80	9,04	140,37	13,50	9,54	135,51	558,00	394,30	126,67	432,00	305,26	130,53
1973	Média	11,35	8,43	130,90	11,90	8,84	125,57	522,20	395,23	126,97	376,55	279,64	119,58
1974	Mar.	13,40	8,51	132,14	16,30	10,36	147,16	625,00	397,08	127,57	429,00	272,55	116,54

(1) Média do Estado, em valores correntes.

(2) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1974 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(3) Índice simples calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971 base de comparação: média de 1971 = 100.

pital/mão-de-obra) estimularem a substituição de mão-de-obra por capital na agricultura paulista.

No Estado de Minas Gerais, a mão-de-obra é considerada um fator limitante ao desenvolvimento da agropecuária. Dois aspectos básicos devendo ser aí considerados: a) baixa qualificação; e b) disponibilidade do recurso.

A baixa qualificação da mão-de-obra é uma característica quase que constante no meio rural, exceção feita à algumas regiões, como a do Triângulo Mineiro, que apresentam trabalhadores com alguma qualificação. Por outro lado, em diversos trabalhos do Centro de Estudos Rurais ficou bem evidenciada a falta de mão-de-obra. Esse déficit de mão-de-obra pode ser parcialmente explicado pela migração do meio rural.

No Estado do Rio de Janeiro, a disponibilidade de mão-de-obra para a agropecuária vem se mostrando cada vez mais escassa, já chegando a constituir problema para o empresariado rural. Além do movimento migratório para os centros urbanos (área do Grande Rio), observa-se ainda o deslocamento dos trabalhadores rurais para outros estados, atraídos por melhores salários. Em virtude dessa escassez observa-se que a remuneração vem gradativamente sendo elevada, independentemente dos aumentos em função do acréscimo do salário mínimo. Em 1973 a média de salários pagos à diaristas situou-se em Cr\$ 8,40; aos tratorista em Cr\$ 337,00/mês. No 1º semestre de 1974 o salário do diarista alcançou Cr\$ 12,00.

No Estado de Goiás, as informações disponíveis dão conta de que a mão-de-obra rural está ficando cada vez mais escassa. Tal escassez seria resultante do aumento da demanda pela abertura de novas áreas. A média de salários pagos no ano agrícola 1973/74 foi de Cr\$ 12,50 para o diarista residente e volante com refeição, e de Cr\$ 550,00/mês para o tratorista a seco.

Finalmente, em Mato Grosso a remuneração ao trabalhador em dezembro de 1973 situou-se em Cr\$ 720,00/mês para administradores, representando incremento de 63% sobre o mesmo mês do ano anterior; para o tratorista Cr\$ 450,00/mês (incremento de 35%); trabalhador eventual Cr\$ 13,00/dia (incremento de 45%), e trabalhador em geral Cr\$ 307,00/mês (incremento de 45%).



**4-MERCADOS  
DE PRODUTOS**

#### 4 - MERCADOS DE PRODUTOS

##### - Algodão

##### - Panorama internacional

Ao findar a temporada 1973/74 observa-se uma situação bem diferente daquela do ano anterior, quando pontificava uma ascensão de preços sem precedentes e escassez geral de matérias-primas. Neste ano, pela terceira vez consecutiva o volume produzido supera o consumo, ainda que por estreita margem; na temporada 1973/74 a produção mundial é estimada em 59,9 milhões de fardos e o consumo em 58,3 milhões.

O comércio internacional de algodão na presente temporada deverá situar-se em torno dos 20 milhões de fardos, incluindo as importações da China Continental.

Com relação aos preços, à partir de meados de janeiro do corrente ano, quando atingiram seu máximo, observou-se queda quase que contínua. Assim, nos primeiros 5 meses do ano, o tipo "5" do algodão brasileiro já teve queda em torno de 26%, em Liverpool. Esta queda das cotações internacionais pode ser explicada por motivos adicionais tais como: a próxima safra norte-americana que se afigura como a recorde dos 10 últimos anos (14 a 15 milhões de fardos); os aumentos esperados em outros países produtores; na China Continental há indícios de aumento na produção, o que demandaria menor volume de importação; e finalmente, os estoques de algodão em poder dos países nitidamente importadores são consideráveis.

Paralelamente, a situação de tendência de baixa no preço do produto há que se considerar que os custos de produção e de comercialização aumentaram significativamente a partir dos últimos meses de 1973 o que condicionaria o refreamento de baixa nas cotações.

##### - Situação interna

As perspectivas de elevados preços existentes por ocasião do plantio no ano agrícola 1973/74 e os níveis de preços mínimos na época tidos como bons, não foram suficientes para impedir a redução da área de semeadura na zona meridional do País. Apesar desta contração na área, com o bom desenvolvimento da lavoura até janeiro de 1974 previa-se uma produção semelhante à aquela obtida no ano anterior, contudo, as chuvas excessivas de fevereiro e março fizeram com que houvessem acentuada queda nos rendimentos físicos e o volume de produção caiu mais que proporcionalmente em relação a safra 1972/73.

Talvez pior que a queda no rendimento foi a grave deterioração na qualidade de produto, afetando o rendimento no benefício e também a renda dos agricultores face aos deságios nos preços de tipos inferiores.

Apesar das previsões de safras até agora disponíveis indicarem queda de 13% do algodão em caroço, no volume de produção do Centro-Sul do País, acredita-se que tal queda seria



maior, uma vez que a produção de algodão em pluma já classificada, segundo também cálculos preliminares, deve situar-se ao redor de 350 mil toneladas o que representa um volume 23% inferior aquele de temporada anterior.

Quanto às exportações são até o momento bem reduzidas, tendo atingido até fins de junho pouco mais de 22 mil toneladas.

Com relação aos preços recebidos pelos cotonicultores, estes se situavam a níveis considerados satisfatórios ao início do período de comercialização. Contudo, a partir de meados de maio registraram-se quedas sucessivas de preços no mercado interno, ajustando-se às cotações no mercado internacional. Em consequência, parte do produto entregue às usinas não teve negócios fechados.

Aliado ao problema de baixa qualidade do produto, o aviltamento de preço levou o Governo Central a prorrogar a data de vencimento dos financiamentos de custeio.

Mesmo assim, esta situação afetará certamente a renda dos cotonicultores na safra 1973/74.

Agregadamente, na região Centro-Sul a área de plantio caiu de 1.077 mil hectares em 1972/73 para 896 mil hectares em 1973/74, registrando-se maiores quedas nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Quanto à produção, como já dito, deverá situar-se em 1973/74 aproximadamente 350 mil toneladas de algodão em pluma contra as 458 mil toneladas obtidas em 1972/73.

#### Goiás

Condições climáticas adversas na safra 1972/73, juntamente com avanço de outras culturas competitivas, fizeram com que a área de cultivo reduzisse 53% alcançando 72.130 hectares em 1973/74. Nesta safra as chuvas de fevereiro-março de 1974 motivaram quebras na produção, e nesta altura espera-se tão somente volume de algodão em pluma ao redor de 21 mil toneladas.

#### Minas Gerais

No Triângulo Mineiro, principal região produtora, praticamente o mesmo fenômeno de Goiás se fez presente nas duas últimas safras. Certo avanço da malvãcea foi observado na região norte do Estado. No cômputo geral foram semeados 93.300 hectares em 1973/74, o que representa recuo de 42% na área. Últimas estimativas indicam produção em torno de 20 mil toneladas de algodão em pluma.

#### Mato Grosso

As estatísticas disponíveis para este Estado são contraditórias, porém acredita-se que significativos avanços na área de cultivo estejam se registrando. Na temporada 1973/74 calcula-se que a produção de algodão em pluma atinja 11 mil toneladas.

## São Paulo

Sucessivas diminuições de área de cultivo vem sendo observada nos últimos anos. No ano agrícola 1973/74 registrou-se queda de 8% em relação ao ano anterior, tendo sido plantados 395,6 mil hectares. A produção estimada pela última previsão de safras do IEA é de 510 mil toneladas de algodão em caroço, 18% menos que a de 1972/73, face às razões já apontadas (menor área e condições climáticas adversas). Cálculos mais recentes indicam uma produção de algodão em pluma de 176 a 178 mil toneladas, pois as entradas de algodão em caroço nas usinas de beneficiamento até fins de julho totalizaram 515.652 toneladas.

## Paraná

A área de cultivo nos dois últimos anos é bastante semelhante, tendo atingido 248 mil hectares em 1973/74. E ao que tudo indica, o Estado que praticamente não foi afetado pelo excesso de chuvas ao início da colheita. Assim, a produtividade estimada para 1973/74 é de 1.598 kg/ha superior a do ano passado (1.560 kg/ha) e o algodão de melhor tipo. Estima-se a obtenção de 120 mil toneladas de algodão em pluma.

### - Perspectivas

A evolução de preços de algodão a partir de meados de maio e a atual conjuntura dos mercados de fatores e de produtos competitivos, torna difícil prognosticar 1974/75.

Se de um lado tem-se o estímulo pelo crescimento da demanda interna, do outro existem fatores que desestimulam a expansão de aumento de área de cultivo. Em sendo uma das culturas mais tecnificadas, certamente o nível de emprego de insumos modernos será afetado face a deterioração da relação preços insumo/produto. Outro problema se assenta na escassez de mão-de-obra no período crítico de colheita. Ainda, como parâmetro de decisão do agricultor deve-se levar em conta o nível de preço mínimo de garantia para o algodão em relação aos preços mínimos dos demais produtos competitivos.

Em São Paulo é bem provável que ocorra nova contração na área de plantio, porém pequena, uma vez que a área já se situa em dimensão bastante reduzida.

Para os demais estados produtores da Região Centro-Sul, as perspectivas são bem diversas. Assim, no Paraná, onde inicialmente se previa acentuada expansão no plantio pelos bons resultados das duas últimas safras, é possível que esse aumento seja reduzido pelo recrudescimento de interesse pela soja. Em Goiás é aguardado aumento na área em 1974/75, sem contudo se aproximar daquela registrada em 1972/73; acredita-se que possa se aproximar dos 100 mil hectares.

O comportamento no Sul de Mato Grosso e no Triângulo Mineiro deve ser bem semelhante ao de Goiás. Quanto ao Norte de Minas Gerais com os progressos introduzidos em sua infra-estrutura algodoeira, é de se esperar um firme aumento. Assim, o Estado de Minas Gerais apresenta-se com perspectivas de recuperação na área de cultivo, sem contudo atingir os níveis das safras 1971/72 e 1972/73.

- Amendoim

- Panorama internacional

Em 1973/74 a produção mundial de amendoim em casca foi estimada em 16.800 mil toneladas aproximadamente, portanto 800 mil toneladas acima da do ano anterior. Este aumento de 5% na produção mundial se verificou em razão da maior safra obtida na Índia, primeiro produtor, apesar das menores colheitas nos países da região oeste da África (Nigéria e Níger principalmente) devido a ocorrência de prolongadas secas.

Para a safra 1974/75 a produção mundial deverá ser inferior a anterior, em razão da menor colheita prevista na Índia, e apesar dos esperados aumentos nos países da região oeste da África. Para a safra americana 1974/75, porém, prevê-se ligeira queda em relação a de 1973/74.

- Situação interna

A produção brasileira de amendoim está concentrada quase que totalmente na região Centro-Sul ou mais especificamente em São Paulo e Paraná, de onde até os últimos anos provinham ao redor de 85% do total brasileiro (quadro 44).

Nos dois últimos anos, entretanto, diversos fatores ocasionaram um desinteresse pela cultura por parte dos agricultores, com sensível queda na produção, principalmente em razão da menor área cultivada no Estado de São Paulo, primeiro produtor. Este desinteresse deve-se à baixa rentabilidade econômica que proporciona o amendoim, principalmente quando comparado com outras culturas.

São Paulo

A área dedicada ao amendoim apresentou quedas nos dois últimos anos, bastante expressivas, em decorrência da baixa rentabilidade econômica que tem proporcionado, e deslocando a preferência dos agricultores por outras culturas de menores riscos e maiores rendas.

No ano agrícola 1973/74, a área plantada com esta oleaginosa quando comparada com a anterior com a média dos últimos cinco anos, apresentou-se menor de 22% e 52%, respectivamente (quadro 45).

Quando da época de comercialização do amendoim no último ano agrícola, os preços recebidos pelos agricultores foram considerados bastante baixos, em parte devido a qualidade do produto, mas também como consequência da proibição da exportação e tabelamento do preço do óleo no mercado interno. Assim, nos meses de janeiro e fevereiro predominaram cotações de Cr\$ 23,00 a Cr\$ 27,00 por saca de 25 quilos em casca, quando o preço mínimo era de Cr\$ 24,00/saca. Face a liberação da exportação do óleo, bem como pela pequena quantidade em estoque pelos produtores, os preços a partir de março iniciaram ascensão (quadro 46).

QUADRO 44. - Produção de Amendoim em Casca nos Principais Estados Produtores, Região Centro-Sul e Brasil, 1970-74

Ano	São Paulo		Paraná		Mato Grosso		Centro-Sul		Brasil (1.000t)
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	
1970	620,0	67	154,1	17	36,6	4	833,4	90	928,1
1971	637,5	67	170,5	18	53,0	6	885,5	94	944,7
1972	645,0	67	155,8	16	76,8	8	909,3	95	956,2
1973	312,5	53	134,4	23	76,4	13	538,4	92	584,9
1974	268,6	...	140,6	...	54,4	...	487,5	...	...

Fonte: MA, IEA, CEPRES.

QUADRO 45. - Área, Produção e Rendimento da Cultura do Amendoim em Casca no Estado de S.Paulo, 1968/69 a 1973/74

Ano agrícola	Área		Produção		Rendimento	
	1.000ha	Índice	1.000t	Índice	kg/ha	Índice
1968/69	469,3	100	532,5	100	1.135	100
1969/70	447,7	95	620,0	116	1.385	122
1970/71	505,8	108	637,5	120	1.260	111
1971/72	504,0	107	645,0	121	1.280	113
1972/73	270,0	58	312,5	59	1.157	102
1973/74	209,7	45	268,6	50	1.281	113

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 46. - Preços Recebidos pelos Produtores de Amendoim em Casca no Estado de São Paulo, 1969-74 (Cr\$/sc.25kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	9,12	9,32	12,70	14,33	20,85	23,77
Fev.	8,98	9,07	14,66	13,94	24,97	24,41
Mar.	8,82	9,36	15,28	13,89	25,52	30,45
Abr.	8,69	9,75	15,39	14,06	25,27	32,79
Mai.	8,83	9,78	14,45	14,56	25,61	33,72
Jun.	9,02	11,15	14,13	15,38	28,59	33,14
Jul.	9,25	12,11	14,86	16,32	32,81	34,49
Ago.	9,53	12,73	16,44	18,01	35,39	36,87
Set.	11,19	12,91	16,46	16,80	39,88	...
Out.	11,58	13,19	16,17	18,77	39,90	...
Nov.	11,82	12,97	16,62	18,67	39,50	...
Dez.	11,17	13,12	17,33	20,39	38,21	...

Levando em conta o padrão da variação estacional dos preços recebidos pelos produtores paulistas, é natural a queda nos meses imediatos à colheita, principalmente de dezembro até março. Porém, no ano agrícola 1973/74 as quedas foram por demais acentuadas.

As exportações realizadas pelo porto de Santos no período de janeiro a julho, quan

do comparadas às do mesmo período de 1973, apresentam as seguintes variações percentuais: +59% para o amendoim descascado; e -32%, -49%, e -18% para o amendoim com casca, farelo e óleo, respectivamente.

#### Paraná

No último ano agrícola, a cultura do amendoim apresentou queda de área plantada como decorrência da falta de melhores perspectivas quanto a rentabilidade econômica a ser obtida (quadro 47).

Apesar das estatísticas preliminares indicarem a produção deste último ano em 140 mil toneladas, porém, informações provenientes de fontes não oficiais sugerem um total bastante inferior (80 mil toneladas) sem, contudo, especificar as possíveis razões da diferença.

QUADRO 47. - Área, Produção e Rendimento do Amendoim em Casca no Estado do Paraná, 1968/69 a 1973/74

Ano agrícola	Área		Produção		Rendimento	
	1.000ha	Índice	1.000t	Índice	kg/ha	Índice
1968/69	54,7	100	78,9	100	1.442	100
1969/70	68,9	126	112,8	143	1.637	114
1970/71	113,8	208	122,4	155	1.075	75
1971/72	104,2	190	155,8	197	1.495	104
1972/73	108,0	197	134,4	170	1.244	86
1973/74 <sup>(1)</sup>	90,5	165	140,0	177	1.547	107

(<sup>1</sup>) Dados preliminares.

Fonte: CEPRES, EAGRI-SUPLAN-MA.

Em razão do escoamento da produção paranaense ter como base o mercado paulista, as variações dos preços acompanham as verificadas no Estado de São Paulo. Dessa forma no período de maior comercialização da safra das águas do último ano agrícola, meses de janeiro e fevereiro, os preços recebidos pelos produtores foram bastante baixos, ocorrendo posteriormente uma ascensão (quadro 48).

QUADRO 48. - Preços Médios Mensais Recebidos pelos Agricultores, para o Amendoim em Casca ,  
Estado do Paraná, 1968/69 a 1973/74  
(Saca de 25kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	8,75	9,00	8,75	14,50	17,50	27,00
Fev.	8,75	9,50	13,75	13,25	19,50	25,50
Mar.	8,00	9,50	14,75	14,00	21,25	38,00
Abr.	8,25	9,50	14,25	14,75	23,50	41,00
Mai.	8,50	9,25	13,50	14,50	23,00	...
Jun.	8,75	9,50	13,50	15,00	22,50	...
Jul.	8,75	9,75	15,25	15,50	...	...
Ago.	10,00	10,50	15,00	16,50	28,00	...
Set.	10,50	11,50	15,00	17,50	32,00	...
Out.	13,25	11,75	14,75	19,00	...	...
Nov.	12,00	11,25	14,50	17,50	32,50	...
Dez.	11,75	11,25	14,50	24,00	31,25	...

Fonte: FGV/ACARPA.

#### - Perspectivas

Até o momento as previsões não indicam uma possível recuperação desta cultura. Inclusive, é provável para o próximo ano agrícola uma nova queda de produção, devida a menores plantios nos Estados de São Paulo e Paraná.

Baseando-se nas perspectivas paulista e paranaense, a produção do Centro-Sul não deverá ser superior a 450.000 toneladas em 1975. Quanto aos demais estados, a produção para o próximo ano deverá situar-se nos mesmos moldes da última safra.

O mercado internacional de sementes de oleaginosas, farelos e óleos está bastante instável no momento, em razão da queda da produção da soja americana. Assim, apesar dos estoques de sementes de oleaginosas acumulados no final da presente temporada, poderão ocorrer mudanças na atual situação, que até junho se vinha caracterizando por sucessivas baixas, tendo no decorrer de julho mostrado inversão com altas nas cotações internacionais. Desse modo as condições para se desenvolverem as exportações brasileiras poderão ser favoráveis, tanto para o produto "in natura" como para seus derivados (óleo e farelo).

- Arroz

- Panorama internacional

A produção mundial de arroz em casca da safra 1973/74, incluindo-se a República Popular da China, é estimada em cerca de 313 milhões de toneladas métricas, novo recorde, superando a do ano passado em 5,5% e a de 1971/72 em 1,4%. Tal acréscimo se deve em grande parte às produções recordes na Índia, Indonésia e Estados Unidos, bem como à recuperação na China, Japão e Tailândia. A escassez do produto no mercado mundial após o ano de 1972 fez com que muitos países abandonassem a política de redução da área de plantio e, com isso, a área de cultivo foi ampliada.

Apesar da apreciável produção em 1973/74, o volume de arroz disponível para o comércio internacional está restrito pelo aumento das necessidades internas dos países exportadores, incluindo-se a necessidade de reposição de estoques. Nos países importadores continua a haver dificuldades de suprimento, ainda que os preços tenham provocado certa retração na demanda. Assim, o nível do comércio internacional, registrado até maio de 1974, mostra-se consideravelmente menor que o do ano passado.

Os preços de arroz beneficiado para exportação, FOB-Bangkok, elevaram-se de 180% a 220%, conforme a variedade e o tipo do produto, no período de fevereiro/73 a fevereiro/74. Diversos fatores contribuíram para tal fenômeno: redução das quantidades ofertadas no mercado, elevação dos custos de produção, novas relações cambiais (desvalorização das moedas fortes) e imposição de sobre-taxas de exportação por parte de alguns países tradicionais exportadores.

- Situação interna

No quadro 49, estima-se a produção nacional de arroz da safra 1973/74 ao redor de 7,2 milhões de toneladas, o que corresponde a aumento de 1,4% sobre o ano anterior (7.102 mil t) e a 8,3% em relação a 1971/72 (6.651 mil t). Contudo, ela é ainda inferior à de 1969/70 (7.553 mil t) e à de 1964/65, quando se obteve a maior safra brasileira (7.580 mil t).

Em média, a região Centro-Sul produziu nos três últimos anos cerca de 81% do total, numa área correspondente a 77% do total do País. No decorrer da década de 60, a produção do Centro-Sul cresceu 33%, enquanto a do Norte-Nordeste e a do Brasil, cresceram, respectivamente, 65% e 37%. A área plantada cresceu 55% na região Centro-Sul, enquanto no Norte-Nordeste o aumento foi de 77%. No Brasil, esse acréscimo foi de 59%. Embora na década de 60 a produtividade tenha diminuído no Centro-Sul, há indicações de que no último triênio estaria ocorrendo tendência de ligeiro acréscimo.

A maior produtividade do Centro-Sul deve-se à participação dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde se praticam culturas irrigadas na quase totalidade da área cultivada. Nos últimos 3 anos, a produtividade média do Rio Grande do Sul tem sido superior em 133% à média do Brasil e em 122% à média do Centro-Sul.

Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás e Santa Catarina dispõem de excedentes exportáveis para outros estados; os três primeiros produzindo em conjunto, mais de 60% do total



QUADRO 49. - Área, Produção e Rendimento de Arroz em Casca nos Estados do Centro-Sul, 1971/72 a 1973/74

Estado	1971/72			1972/73			1973/74 <sup>(1)</sup>		
	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rend. (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rend. (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rend. (kg/ha)
Rio Grande do Sul	392,5	1.450,4	3.695	390,0	1.350,0	3.462	415,5	1.516,5	3.650
Mato Grosso	391,8	694,4	1.772	478,0	937,5	1.961	578,3	1.256,2	2.172
Goiás	977,0	1.150,7	1.178	923,4	1.118,0	1.210	998,9	958,9	960
Paraná	542,6	571,0	1.052	493,1	624,5	1.266	450,6	601,1	1.334
São Paulo	503,0	660,0	1.312	519,0	582,0	1.121	464,7	582,0	1.252
Minas Gerais	334,7	468,6	1.400	439,6	594,2	1.352	464,9	571,5	1.229
Santa Catarina	113,6	235,1	2.070	108,0	233,0	2.157	104,1	221,9	2.132
Rio de Janeiro	76,6	140,7	1.837	63,1	104,9	1.662	50,2	83,4	1.661
Espírito Santo	58,5	82,5	1.410	52,8	83,9	1.589	43,0	61,0	1.419
Centro-Sul	3.390,3	5.453,4	1.608	3.467,0	5.628,0	1.623	3.570,2	5.852,5	1.639
Norte-Nordeste	1.077,7	1.197,7	1.111	1.062,9	1.474,3	1.387	963,0	1.349,8	1.402
Brasil	4.468,0	6.651,1	1.489	4.529,9	7.102,3	1.568	4.533,2	7.202,3	1.589

(<sup>1</sup>) Dados preliminares.

Fonte: Secretarias Estaduais da Agricultura, Sistema ABCAR, Fundação IBGE e Ministério da Agricultura.

do Centro-Sul e cerca de 50% do total brasileiro.

#### Rio Grande do Sul

A área plantada nos últimos anos teve pequeno crescimento o mesmo se observando com a produtividade. A tendência para a próxima safra indica uma estabilização nos níveis do ano anterior. Aliás, a principal característica do arroz no Estado é a oferta relativamente estável devido ao uso de alta tecnologia, especialmente com irrigação.

Não se observa competitividade com outras culturas, pois normalmente o arroz é plantado uma vez cada 3 a 4 anos na mesma área, destinando-se os anos restantes para pastagem nativa, ou como vem ocorrendo ultimamente para plantio de soja.

As principais empresas de fertilizantes no Estado asseguram o pleno fornecimento do insumo para atender as safras de arroz, soja e milho, com maior demanda nos meses de setembro e outubro. Entretanto, as empresas confessam dificuldades de programar as suas importações de matéria-prima, temendo eventual retração na procura de fertilizantes em função dos preços e das dificuldades de financiamento ao produtor. Por outro lado, produtores de arroz e soja, com capacidade de armazenamento, objetivando garantir preços, já estão efetuando compras e sendo normalmente abastecidos.

A demanda de sementes melhoradas é bem atendida. Cerca de 75% das sementes são de boa qualidade e as restantes dos próprios orizicultores.

Apesar dos aumentos dos índices de mecanização, recurso utilizado pelos empresários rurais para enfrentar o problema da mão-de-obra, ocorreram este ano sérias dificuldades nas colheitas de arroz e soja, sendo requisitado até, como ocorreu na fronteira, a colaboração de unidades do Exército Nacional. Para a safra 1974/75, em vista do crescente índice de mecanização desta cultura, espera-se não haver carência de mão-de-obra.

#### Mato Grosso

O arroz é colhido por meios mecânicos (colhedeiros ou combinadas) no sul do Estado (região de Dourados e periferia) e manualmente nas demais regiões, principalmente Norte do Estado.

O armazenamento ainda não é usual, uma vez que o arroz fica empilhado até sua venda, parcial ou total, para intermediários ou caminhoneiros. Os produtores não possuem armazéns e a capacidade armazenadora oficial e/ou particular é insuficiente.

#### Goiás

A diversificação de culturas no Estado não tem diminuído a área das culturas tradicionais, mas tem se baseado na abertura de áreas novas com outras culturas de igual ou maior expressão econômica. Além de elevar a produtividade, existe ainda uma necessidade de ampliar a área cultivada.

Em 1973, a colheita de arroz foi prejudicada pelo excesso de chuva e, em 1974, pela estiagem verificada no período crítico e pela chuva na época da colheita.

Com o Programa Goiás-Rural, em 1973 foram desmatados mais de 70.000 hectares e neste ano deverão ser incorporados mais de 500.000ha; a cultura do arroz absorvendo provavelmente a maior parcela desta área. Com apoio do Governo Estadual está sendo implantada também a irrigação do arroz, cuja potencialidade é muito grande para aumentar a produtividade.

Os principais mercados para o produto goiano são Guanabara e São Paulo.

#### Paraná

No período 1947-72, o arroz participou com 7,6%, em média, da renda agrícola do Estado. A área plantada, de culturas de sequeiro, corresponde a aproximadamente 10% da área nacional.

Acredita-se que esteja aumentando a área "solteira" que em 1968 atingia a 52% do total e decrescendo o plantio intercalar (28% da área em 1968), devido ao deslocamento da oriz cultura para as regiões Oeste e Sudeste, onde não predomina a cafeicultura.

Na última década, o crescimento médio da área foi de 8,4% ao ano. Recentemente, o binômio soja-trigo tem ocasionado retrações na área de arroz, mas a produção tem sido estável face ao aumento da produtividade.

O uso de sementes selecionadas ainda é pouco difundido no Estado, em grande parte devido ao sistema de cultivo em sequeiro, que caracteriza culturas mais tradicionais. Estima-se que no último triênio a área plantada com sementes selecionadas tenha oscilado de 1% a 5% em relação ao total (com tendência de melhoria).

Em 1972 e 1973, apenas 20% do total produzido foram exportados para outros estados.

#### São Paulo

No decorrer da década de 60 a participação da produção paulista no total do País caiu de 14% para 8%, enquanto a área plantada no Estado, que representava 20% do Brasil, caiu para 12%. A maior área cultivada de arroz no Estado ocorreu na safra 1963/64, com 1.108.400 hectares, produzindo 900.000 toneladas. Desde então, tem-se observado uma tendência de decréscimo da área cultivada com arroz, oscilando nos últimos 3 anos ao redor de 500.000 hectares com rendimento médio em torno de 1.200kg/ha, proporcionando uma produção anual de 600.000 toneladas. Praticamente a totalidade da área é de lavouras de sequeiro, cujos rendimentos são tão altamente condicionados aos fatores climáticos, mormente precipitações pluviométricas. As sociando-se tal fato à inexistência de novas fronteiras agrícolas no Estado, chega-se à conclusão de que o abastecimento estadual de arroz estará na dependência de importações cada vez maiores de outras unidades da Federação.

A grosso modo, estima-se a taxa de uso de sementes melhoradas seja de 25% a 30% no período 1971-73. De um modo geral o nível tecnológico da cultura de arroz é relativamente baixo no Estado.

## Minas Gerais

Neste Estado, o arroz vem sofrendo forte concorrência de outras culturas, tais como soja, algodão e amendoim.

Ademais, com o problema gerado pela escassez de mão-de-obra, os produtores mineiros passaram a mecanizar intensamente a lavoura em período recente, criando situações de acúmulo de pedidos nos revendedores de máquinas e implementos agrícolas.

O principal mercado para o produto mineiro é o Estado de São Paulo; outros de menor importância são Guanabara, Bahia e Rio de Janeiro.

Estima-se que 10% da área cultivada no Estado estejam utilizando sementes melhoradas, sendo que 60% dessas sementes seriam importadas de outros estados.

## Santa Catarina

Principalmente nas áreas de arroz irrigado, responsáveis por 75% da produção estadual, a cultura não sofre competição por parte de outras.

Há carência de mão-de-obra em 50% dos municípios produtores, especialmente aqueles localizados no Vale do Itajaí e Planalto de Canoinhas. Este fenômeno deverá repetir-se na safra 1974/75. Por outro lado, há informações de um bom suprimento de sementes selecionadas.

Os principais mercados do produto catarinense são Paranã, São Paulo e Rio de Janeiro.

## Espírito Santo

Estima-se que da área total de arroz, cerca de 10% sejam irrigados, 86% de várzea e 4% de sequeiro. A produtividade média dos últimos 3 anos tem sido, entretanto, menor que a média brasileira. Tem-se observado redução da área cultivada, de 10% e 19%, respectivamente, para 1972/73 e 1973/74.

### - Perspectivas

De modo geral, os preços recebidos pelos produtores de arroz na safra 1973/74 foram considerados bons. Os acréscimos em relação a 1972/73 variaram de 17% a 62%, conforme o estado produtor. No Rio Grande do Sul, não se observaram oscilações intensas nos preços do arroz em casca. Assim, a média dos preços de fevereiro/março de 1974 foi superior em apenas 17% à de igual período de 1973. Nos demais estados, devido ao aumento da demanda e redução dos estoques, a pressão de compra nas zonas produtoras provocou elevações de 50% (Minas Gerais) a 62% (São Paulo) nos preços, em pleno período de mais intensa comercialização (abril/maio).

Espera-se para a próxima safra gaucha um leve aumento (inferior a 5%) em relação à atual, tendo como causa principal o nível de preços verificados em 1973/74. Fatores que

concorreriam para limitar a ampliação maior da área são a inexistência de terra facilmente irrigáveis e a disponibilidade de máquinas agrícolas.

Em Mato Grosso, principalmente pela abertura de novas fronteiras agrícolas, deverá o correr grande expansão da área de plantio. Estima-se aumento ao redor de 20% na próxima safra.

A cultura do arroz em Goiás absorverá a maior parte das extensas áreas desmatadas com recursos do Programa Goiás-Rural. Está sendo ampliada a área da cultura irrigada e estuda-se a possibilidade da obtenção de duas safras anuais. Por tais fatos e estímulo de preços, deverá ocorrer aumento da área na próxima safra de, pelo menos, 15% em relação à 1973/74.

Bons preços e elevada produtividade são fatores favoráveis à expansão da cultura no Paraná. Apesar das reduções de área nos últimos anos, os fatores mencionados deverão ser capazes de manter a área da safra passada, com possibilidades de pequeno aumento (inferior a 5%). Apesar dessa previsão, se não for observada a produtividade do último ano agrícola, a produção esperada deverá ser inferior.

Em São Paulo, pequeno aumento de área (de 5 a 10%) é esperado para o próximo ano agrícola. Para um acréscimo de 5% e o rendimento médio verificado nos últimos 3 anos, a produção esperada deverá ser 3% maior que a atual.

Também em Minas Gerais, espera-se incremento da área de plantio. O Estado tem boas condições para o plantio deste cereal. Acréscimo ao redor de 10% na área deverá resultar numa produção proporcionalmente maior considerando-se a produtividade média dos 3 últimos anos.

Em Santa Catarina a área plantada com arroz tende à estabilização. Os fatores que concorrem para sustentar esta tendência são a escassez de terras apropriadas para a cultura irrigada e também de água para irrigação. Na verdade existem ainda grandes áreas no litoral do Estado que poderiam ser cultivadas com arroz, porém exigindo elevados investimentos de infraestrutura, especialmente drenagem. Poderá ocorrer ampliação na área plantada com arroz de sequeiro, motivada pelo preço alcançado na safra 1973/74, de modo que no geral para o Estado permanecerá situação semelhante à da safra passada.

Globalmente deverá ocorrer expansão da área cultivada no Centro-Sul, tendo em vista os bons resultados obtidos pelos produtores na atual safra. Significativos aumentos são esperados nos estados centrais, onde se verificam aberturas de extensas áreas para aproveitamento na agricultura, em grande parte absorvidas pela cultura de arroz de sequeiro nos primeiros anos.

A previsão de área para a região Centro-Sul seria da ordem de 3.900 mil hectares, ou seja, superior em 9% à da safra 1973/74. Considerando-se a média dos rendimentos verificados nos últimos 3 anos, chega-se a uma produção global da região de 6.400 mil toneladas, também 9% maior que a da safra anterior.

Os maiores acréscimos são esperados para os Estados de Mato Grosso e Minas Gerais, ao passo que o Paraná provavelmente apresentará decréscimo, a menos que se repita a boa produtividade de 1973/74. Difícilmente os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo deixarão de apresentar decréscimo da área de plantio.

- Caf e

- Situa o internacional

Os dados do quadro 50 permitem comparar a situa o estatística nos três últimos anos de comercializa o, em termos de produ o, consumo e estoques ("carry-over") mundiais de caf e, com a que ocorrera nos anos 1950/51 e 1960/61.

Em 1950/51, caracterizava-se uma situa o de disponibilidade bastante reduzida, resultando em estoques pequenos. Ao contrário, em 1960/61 o suprimento total atingiu um máximo (126,7 milhões de sacas) resultando em "carry-over" da ordem de 66 milhões de sacas. Nos últimos três anos, verifica-se uma produ o global inferior ao consumo, tendendo a diminuir os estoques disponíveis, que se mant m no entanto em níveis relativamente elevados.

QUADRO 50. - Suprimento e Distribui o Mundial de Caf e Verde  
(milhares de sacas de 60kg)

Ano de comercializa�o (1)	Come�o do "carry-over" (2)	Produ�o	Suprimento total	Exporta�o l�quida (3)	Distrib. interna	Fim do "carry-over"
1950/51	8.133	38.164	46.297	31.593	8.163	6.541
1960/61	60.940	65.768	126.708	44.220	12.954	66.534
1970/71	53.000	58.300	111.300	52.300	18.200	40.800
1971/72	40.800	71.800	112.600	57.500	19.000	36.100
1972/73	36.100	71.500	107.600	53.200	19.200	35.200

(1) Outubro/setembro na maioria dos países.

(2) Estoques existentes nos países produtores.

(3) Para consumo e estoques nos países importadores. Estes, são normalmente estimados em 4.000.000 de sacas.

Fonte: Anuário Estatístico do Caf e-Bureau Pan Americano do Caf e.

No que diz respeito ao ano-colheita 1973/74, estima-se em 75,5 milhões de sacas a quantidade de caf e que entrará no fluxo de comercializa o, dos quais 66 milhões de colheita recente e cerca de 9,5 milhões provenientes de colheitas anteriores, segundo dados divulgados pela OIC no III Seminário do Comércio de Caf e, em Santos. Também segundo a mesma fonte, o consumo mundial no período   estimado em 76,5 milhões de sacas, dos quais 19 milhões nos países exportadores. Preve-se que os estoques de caf e para além das necessidades do comércio e da indústria alcancem no final do ano-safra 1973/74 cerca de 32 milhões em países produtores. O volume correspondente aos produtores deverá apresentar a seguinte distribui o: 15 milhões no Brasil (dados de 31 de março, sendo 13 milhões do IBC e 2 milhões nas mãos do comércio e produtores),

6 milhões em países produtores de café suave, especialmente Colômbia, e 6 milhões em países produtores de café robusta, principalmente Angola e Costa do Marfim.

A análise do quadro presente indicaria, portanto, uma perspectiva de equilíbrio entre disponibilidade e demanda e também de uma reserva razoável para atender emergências.

Segundo o diretor executivo da OIC, o preço nominal médio do café no mercado internacional está hoje bem próximo dos atingidos nos anos 50. Este preço é, entretanto, inferior em termos reais. Entre 1951 e 1957, o preço médio FOB foi de 52 centavos de dólar por libra-peso (68,64 dólares por saca de 60 quilos) mas considerando a queda do poder aquisitivo do dólar, esse mesmo preço seria hoje de 87 centavos (114,84 dólares). Os preços médios FOB durante 1973 foram de 54,3 centavos. Em março de 1974 foram de 59,8 centavos (78,94 dólares) para as exportações aos Estados Unidos.

Embora os preços indicativos da OIC traduzam valores nominais, permitem a apreciação da evolução das cotações das diversas categorias de café e indicam a tendência geral do mercado e das relações entre as categorias. O quadro 51 mostra a tendência altista verificada em 1973 e 1974, voltando nos últimos meses considerados a apresentar níveis decrescentes, mais realistas, já que é sabida a concessão de descontos de parte de vários países, sobre as cotações nominais adotadas.

QUADRO 51. - Médias Mensais dos Preços de Café Indicativos da Organização Internacional de Café (OIC)  
(centavos de dólar por libra-peso)<sup>(1)</sup>

Ano e mês	Suaves colombianos	Outros suaves	Arábicos não despulpados	Robustas	Média composta
1972					
Dez.	62,76	55,22	58,82	47,77	55,19
1973					
Jul.	75,53	61,54	72,04	47,99	62,85
Ago.	73,38	60,36	72,75	47,36	62,33
Set.	72,29	60,20	72,88	50,08	63,07
Out.	71,14	62,50	73,34	52,00	64,05
Nov.	70,83	63,19	74,48	52,97	64,82
Dez.	71,03	64,57	73,50	53,95	65,09
1974					
Jan.	75,24	69,42	70,69	55,65	66,22
Fev.	80,17	74,69	74,36	60,55	70,78
Mar.	79,35	71,46	78,00	62,72	72,04
Abr.	81,23	70,30	78,86	64,03	72,89
Mai.	82,35	71,02	80,00	64,53	73,74
Jun.	80,00	70,00	73,25	59,68	69,31
Jul.	77,25	68,00	72,50	58,43	67,85
Ago. dia 28	77,00	65,00	69,50	56,32	65,61

<sup>(1)</sup> Uma saca de 60 quilos equivale a 132,271 libras-peso.

Fonte: Organização Internacional de Café (OIC).

Verifica-se tendência de franca elevação para todas as categorias, a partir do nível de dezembro 1972, de 55,19 centavos de dólar do preço indicativo da média composta, atingindo um máximo em maio do corrente.

Os preços indicativos dos "Arábicos não despulpados", dos quais a maior parte se constitui de cafés do Brasil, mantiveram níveis sempre superiores aos da categoria "Outros suaves" centro americanos. Porém, dada a concessão de descontos na maior parte desse período, não são pelo Brasil, mas também por vários outros países exportadores, a grande queda nos preços indicativos verificada a partir do mês de junho próximo passado, reflete em parte a consideração de níveis mais realistas das cotações.

No ano de 1973, as exportações mundiais de café cru aumentaram de cerca de 4 milhões de sacas ou 7%, atingindo um nível recorde de 59,5 milhões de sacas. O maior aumento verificou-se nas exportações da categoria "Outros suaves" (15%), que atingiram 14,4 milhões de sacas, como resultado de maiores embarques do México, Equador, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador e Índia. As exportações de "Suaves colombianos" aumentaram de 6% atingindo 9 milhões de sacas (Kenya e Tanzânia cresceram proporcionalmente mais que a própria Colômbia). Os "Arábicos não despulpados" tiveram suas exportações aumentadas de apenas um por cento, atingindo 19,3 milhões de sacas. As exportações de Robustas aumentaram de 9%, atingindo 16,8 milhões de sacas.

O considerável aumento das quantidades exportadas no ano passado, face ao consumo mundial estável, resultou em aumento significativo de estoques nos países importadores (cerca de quatro milhões acima do normal). Atribue-se esse comportamento do mercado internacional de café, de modo análogo ao que ocorre com outras matérias-primas, às expectativas oriundas de sucessivas crises monetárias que favoreciam a tendência ao aumento de estoques.

Acresce que as perspectivas de uma produção exportável da safra 1974/75 relativamente grande, estimada pelo Departamento de Agricultura dos EUA em 60,6 milhões de sacas (35% acima da produção de 1973/74), favoreceram a posição dos importadores. Opinam alguns setores especializados que os compradores estão baseando suas decisões, cada vez mais, nos estoques acumulados nos países produtores e consumidores, assim como no tamanho da próxima safra.

Por outro lado, a política de defesa de preços que manteve a cotação dos cafés brasileiros acima dos centro-americanos, conforme apontam os preços indicativos da OIC, contribuiu para a considerável retração de vendas externas verificada no Brasil, durante este ano.

As exportações brasileiras, que atingiram níveis recordes nos anos-safra 1971/72 e 1972/73 (20 e 19,2 milhões de sacas respectivamente; quadro 52) mostraram ponderável declínio no primeiro semestre deste ano. Dados preliminares disponíveis dão conta de um volume exportado no primeiro semestre, da ordem de 7.100 mil sacas de café verde, inclusive o equivalente verde de café solúvel, contra 9.257 mil e 9.080 mil, respectivamente nos primeiros semestres de 1972 e 1973. Cumpre observar que parte desses volumes se refere a exportações contratadas no final do ano anterior.

A disposição das autoridades governamentais brasileiras de não permitir a deterioração dos preços a nível de comércio bem como de produtores foi, porém, bem enfatizada no III Seminário do Café em Santos, assim como em outras oportunidades mais recentes.

Diversas medidas foram adotadas no sentido de ativar as exportações, fortalecendo-se concomitantemente a política de sustentação de preços no mercado interno.



QUADRO 52. - Exportações Anuais de Café do Brasil, 1962/63 a 1973/74  
(sc.60kg)

Ano safra	Exportação
1962/63	16.872.512
1963/64	18.869.532
1964/65	12.418.507
1965/66	16.521.298
1966/67	16.421.183
1967/68	18.964.252
1968/69	18.090.985
1969/70	19.135.418
1970/71	16.037.171
1971/72	20.042.234
1972/73	19.242.726
1973/74 <sup>(1)</sup>	18.000.000

(<sup>1</sup>) Estimativa preliminar.

Fonte: Instituto Brasileiro do Café (IBC) - até 1972/73.

Em julho de 1973, o registro mínimo para exportação era de 62 centavos de dólar por libra-peso, para cafés do tipo 6 para melhor, bebida isenta do gosto "Rio-Zona", exportados por qualquer porto, passando a 63 em dezembro, 69,5 em janeiro e baixando para 68 centavos em julho do corrente (Res. 880 de 28/06/74). A resolução 882 de 31 de julho, manteve esse mesmo nível.

No mesmo período, a quota de distribuição evoluiu de 30,74 dólares por saca, em julho de 1973 para 32,51 e 33,58 dólares em junho de 1974, para baixar para 25,85 dólares em agosto do corrente (Res.884). Diversos valores da quota foram determinados nesse intervalo de tempo, com um mínimo fixado em 30 de janeiro, de 22,61 dólares (Res. 815).

Além dessas disposições básicas, buscando conservar níveis adequados de cotações internacionais, concedeu o IBC em maio desconto de 8 centavos de dólar por libra-peso para cafés vendidos, a partir de 15 de maio para embarque até 31 de julho. Posteriormente, pela Resolução 882, admitiu reduções de até 4 centavos sobre o preço mínimo de registro (reintegro).

Assim, as mais recentes medidas do IBC procuram obviamente o reajuste das cotações a níveis mais baixos do que os nominalmente vigentes, com vistas a facilitar as exportações. A queda de preços a níveis excessivamente baixos será, no entanto evitada, segundo as disposições das autoridades governamentais, aumentando-se inclusive o nível de operação da empresa multinacional de países produtores. Exemplo desse propósito, é o acordo firmado em Bogotá no início do mês de setembro do corrente, entre Brasil, Colômbia e Organização Inter-Africana, estabelecendo uma política de cooperação para defender preços internacionais do pro-

duto.

Medidas de suporte aos preços recebidos pelos produtores procuram evitar, concomitantemente, maior deterioração dos preços no mercado interno, via garantia de maiores preços de compra pelo IBC a partir de 19 de outubro do corrente.

São dignas de menção especial as declarações de conferencistas estrangeiros no III Seminário do Café em Santos, e das autoridades cafeeiras do Brasil, referentes a necessidade de melhoria da qualidade de cafés brasileiros ofertados no mercado externo (assim como no interno).

#### - Situação interna

O quadro 53 mostra as estimativas das safras no Brasil. Observa-se que a referente ao ano-safra 1974/75 (2a. estimativa-IBC, maio de 1974), atinge 26,4 milhões de sacas, o que corresponderia a quantidade somente inferior a do ano 1965/66, ou seja, a maior safra dos últimos dez anos. Contudo, informações preliminares autorizam prever reduções nas primeiras estimativas, e deve-se lembrar que mesmo que a safra deste ano atingisse a quantidade prevista, não seria ela suficiente para atender as necessidades normais de exportação e consumo interno, calculadas em cerca de 27 milhões de sacas.

Ademais, argumenta-se que a uma safra relativamente grande, costuma seguir uma de menores proporções em vista do comportamento fisiológico do cafeeiro, pelo que em princípio não deverá ocorrer grande acúmulo de estoques aos já existentes, e considerados apenas suficientes para atender imprevistos. A retração de compras externas no presente ano poderá, porém, acrescentar quantidades significativas às disponibilidades.

Os dados do quadro 53, permitem também observar a sensível tendência à diminuição da safra do Paraná, que a partir de um máximo de 21,4 milhões de sacas, atinge um mínimo de 1,6 milhão em 1970, variando acentuadamente em função da ocorrência de geadas e secas; nos últimos cinco anos passando a ser pouco superior ou mesmo inferior às safras paulistas.

Em São Paulo, após a safra recorde de 1959 (15,9 milhões de sacas) houve 6 safras inferiores a média do período considerado de 14 anos (7,5 milhões), tendo em 1964 atingido o mínimo de 1,8 milhão. Nos últimos quatro anos as safras tem-se mantido a níveis maiores que a média, a exceção do ano de 1973 quando atingiu 7 milhões.

Minas Gerais apresentou sensível desenvolvimento em termos de produção, tendo atingido do segundo a estimativa do IBC, um máximo na presente safra 1974/75, superior as safras dos últimos 13 anos considerados.

O total da produção brasileira, no período, mostra-se aquém das necessidades de consumo e exportação anuais, a exceção das safras de 1961, 1962, 1965 e 1974. Se se assumir um consumo no período de 14 anos da ordem de 364 milhões de sacas (26 milhões em média por ano) observa-se um déficit da ordem de 45 milhões de sacas (318,7 milhões de sacas produzidas).

Tal déficit corresponde obviamente a retiradas de disponibilidades em estoque, que atingiram um máximo em mãos do IBC, de 66,1 milhões de sacas em junho de 1966. Os dados do quadro 54 ilustram a evolução das quantidades estocadas pelo IBC, em junho de cada ano.

QUADRO 53. - Produção Brasileira de Café por Estado, 1961/62 a 1974/75<sup>(1)</sup>  
(Em milhões de sacas de 60kg)

Ano safra	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Outros	Total
1961/62	21,4	11,3	4,0	1,9	1,0	39,6
1962/63	18,0	5,2	2,5	2,4	0,8	28,9
1963/64	9,5	10,1	1,6	1,3	0,7	23,2
1964/65	3,6	1,8	1,2	1,1	0,6	8,3
1965/66	20,4	11,2	2,9	1,9	0,6	37,0
1966/67	7,7	6,2	2,8	1,6	0,5	18,8
1967/68	12,9	8,5	2,0	0,7	0,4	24,5
1968/69	8,3	4,6	1,9	1,6	0,6	17,0
1969/70	12,3	6,1	1,3	0,5	0,4	20,6
1970/71	1,6	4,4	3,0	1,6	0,4	11,0
1971/72	12,8	9,8	1,3	0,4	0,3	24,6
1972/73	9,7	9,4	3,7	1,2	0,5	24,5
1973/74	4,1	7,0	2,0	0,8	0,4	14,3
1974/75 <sup>(2)</sup>	10,2	9,8	4,7	1,2	0,5	26,4
Total	152,5	105,4	34,9	18,2	7,7	318,7
Média	10,9	7,5	2,5	1,3	0,5	22,8
Participação (%)	47,8	33,1	11,0	5,7	2,4	100,0

<sup>(1)</sup> Estimativas finais das safras.

<sup>(2)</sup> 2a. Estimativa - IBC em maio de 1974.

Fonte: IBC/DEC - Anuário Estatístico de Café - 1972.

QUADRO 54. - Estoques de Café em Junho de Cada Ano, em Poder do IBC, 1960-74  
(1.000sc.60kg)

Ano	Quantidade	Ano	Quantidade
1960	26.000	1968	54.872
1961	33.000	1969	43.216
1962	42.070	1970	30.296
1963	50.172	1971	18.639
1964	50.274	1972	18.111
1965	50.626	1973	16.229
1966	66.099	1974	11.630
1967	59.547		

Fonte: Instituto Brasileiro do Café - Ministério da Indústria e Comércio.

Como se pode observar, os estoques atingiram o nível mínimo dos últimos quinze anos, e caso as estimativas se concretizem para a safra 1974/75 (26,4 milhões de sacas) e o consumo global atinja a média assumida (26 milhões) os estoques do IBC, permanecerão mais ou menos no mesmo nível atual.

Embora haja sempre o risco de geadas, secas ou ferrugem virem a diminuir safras futuras, o Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais está propiciando condições para o aumento da produção e produtividade do setor.

Os dados do quadro 55 mostram a distribuição por estado da população cafeeira que totalizava, em 1973/74, 2,76 bilhões de covas. As estimativas do IBC permitem também o cálculo da produtividade média por estado, embora obviamente aproximado. Verifica-se que ainda é baixa a produtividade, conquanto somente a discriminação por faixas etárias poderia dar uma idéia mais próxima da realidade. Observa-se também o elevado percentual de cafeeiros novos, plantados a partir de 1969/70 quando, através do "Plano de Emergência", foi financiado o plantio de 39 milhões de cafeeiros no País.

No ano agrícola 1970/71, foi elaborado pelo IBC-GERCA o Plano de Renovação e Revigoramento, com programação para formação de mudas, plantio, incentivo ao uso de fertilizantes e corretivos e incentivo ao uso de defensivos em cafezais. Nesse ano, teria sido financiado o plantio de 136 milhões de pés. Em 1971/72, foi contratado o plantio de 86 milhões de pés e incluiu-se o financiamento para recepa de cafezais.

A partir de 1972, instituiu-se o Plano Trienal de Renovação e Revigoramento de Cafezais, prevendo a aplicação de perto de 5 bilhões de cruzeiros no triênio 1972-75. O quadro 56 mostra a distribuição por estado dos cafeeiros novos financiados nas primeira e segunda etapas do Plano Trienal (1972/73 e 1973/74 - posição até maio de 1974). A primeira etapa previa o plantio de 200 milhões de pés, mas dado o interesse despertado, foi financiado o plantio de 362,7 milhões. As aplicações para plantios e outros programas de melhorias das lavouras atingiram o montante global de 1,7 bilhão de cruzeiros.

Para 1973/74 foi programado o plantio de mais 245 milhões de pés, e para 1974/75 estendeu-se o plano para mais 200 milhões.

Considerando-se o número de cafeeiros novos plantados, dos quais uma parte iniciará produção já no próximo ano, é de se prever que o IBC atingirá em breve a meta prevista de 26-28 milhões de sacas anuais em média. Dois fatores principais poderão eventualmente contribuir para que tal montante não seja atingido ou superado, quais sejam a elevação contínua de custos de produção que poderia desestimular o tratamento adequado dos cafezais ou provocar maior proporção de substituição da cultura, e a incidência da ferrugem.

Recente publicação do IBC-GERCA, estima que para a colheita 1974/75 pode-se prever prejuízos de 20 a 25% na produção global de café, ocasionados pela ferrugem. Pesquisas realizadas recentemente pelo GERCA (março de 1974) indicam que cerca de 48% dos cafeeiros do Paraná estavam sendo tratados contra a ferrugem. Em Minas Gerais esse percentual atingia apenas 28% e no Espírito Santo, 3%. Em São Paulo, o percentual de cafeeiros tratados na safra 1973/74 foi estimado pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) em cerca de 60%.

A doença, cujos efeitos não se fizeram sentir de modo muito aparente no decorrer do período mais propício ao desenvolvimento em 1972, mostrou-se mais intensa em 1973, e em 1974 teria apresentado sinais de agravamento. As lavouras devidamente tratadas, porém, mostram excelente nível de controle. Ensaios efetuados pelo IBC - Instituto Agrônomo de Campinas já

QUADRO 55. - População Cafeeira, Produtividade por Estado e Total do País, 1973/74 e Estimativa 1974/75

Estado	1973/74 <sup>(1)</sup>			Produtividade (sc.60kg/ 1.000covas)	1974/75 <sup>(2)</sup>	
	População cafeeira (mil covas)		Total		Cafeeiros que deve- rão produ- zir (1.000covas)	Produtividade (sc.60kg/ 1.000covas)
	Em produção	Sem produção				
Paraná	622.463	281.703	904.166	7	717.106	14
São Paulo	646.000	134.000	780.000	11	615.000	16
Minas Gerais	402.063	190.142	592.205	5	430.709	11
Espírito Santo	237.206	53.704	290.910	3	244.378	5
Outros	124.300	66.740	191.040	3	124.300	4
Total	2.032.032	726.289 <sup>(3)</sup>	2.758.321	7	2.131.493	12

<sup>(1)</sup> 4a. estimativa final.

<sup>(2)</sup> 2a. estimativa.

<sup>(3)</sup> Inclue 168.914.000 de cafeeiros adultos sem produção.

Fonte: Dados do IBC/DEC - Divisão de Estatística.

observaram diferenças na produção de cafeeiros tratados e não tratados, da ordem de 70%, 150% e 280% em diferentes regiões.

QUADRO 56. - Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais: Discriminação dos Financiamentos por Estado, Etapas 1972/73 e 1973/74 (milhões de pês)

Estado	1972/73 Nº de cafeeiros financiados	1973/74 <sup>(1)</sup> Nº de cafeeiros financiados
Paraná	94,0	9,3
São Paulo	96,0	53,3
Minas Gerais	102,0	49,6
Espírito Santo	9,0	9,2
Outros	61,7	17,7
Total	362,7	139,1

(1) Posição até maio de 1974 - planos contratados.

Fonte: IBC-GERCA.

O problema de controle de ferrugem, assim como a aplicação de adequada tecnologia de produção, está intimamente relacionado a custos. Nesse sentido, os custos operacionais calculados pelo IEA em 1974, para a produção de café cultivado pelo sistema manual, incluindo o controle da ferrugem, apontam montantes de Cr\$ 227,10, Cr\$ 247,00, Cr\$ 285,80 e Cr\$ 317,20 por saca de 60 quilos, conforme se trate, respectivamente, de lavouras com produção de 25, 18,7, 12,5 ou 6,3 sacas por mil pês ou hectare.

A elevação dos custos de produção, em relação aos da safra passada, é da ordem de 56% para o caso de cultura com 25 sacas por hectare, 50% para 18,7 sacas e 48% para 12,5 sacas; pressionando assim os preços internos do produto.

Conforme se verifica pelo quadro 57, após uma contínua elevação de preços recebidos pelo cafeicultor a partir dos preços médios de 1972, verifica-se desde abril do corrente nítida tendência à diminuição.

A conhecida retração de vendas no correr do presente ano, no entanto, torna nominais na maior parte as cotações ou preços recebidos indicados. Na verdade, relativamente pequena percentagem da safra teria sido vendida, a exceção de cafês de bebida suave que, segundo as informações disponíveis, alcançaram preços elevados.

Em termos correntes, observa-se que, apesar das recentes reduções verificadas, o nível atingido em julho representa elevação da ordem de 73% em relação ao preço médio de 1972 e de 21% em relação ao de 1973, no Estado do Paraná. Em São Paulo, as elevações foram de 75% e 21% respectivamente. Em relação a julho do ano passado, os preços no Paraná elevaram-se de 10,4% e em São Paulo de 17,8%. Tais percentuais, apesar de ilustrarem em certa medida a situação de preços, carecem sentido face ao relativamente pequeno movimento de vendas.

O IBC, através da Resolução 875 de 24 de junho último, estabeleceu novos níveis de preços de garantia, em vigor a partir de 1/10/74, para compras através do Banco do Brasil. As novas bases de garantia são de Cr\$ 430,00 por saca para os despulpados, Cr\$ 390,00 para os cafês do tipo 6 para melhor bebida isenta do gosto "Rio-Zona", produzidos nas regiões componentes do Grupo I e Cr\$ 310,00 para cafês do tipo 7/8 para melhor, bebida "Rio-Zona", produzidos nas regiões integrantes do Grupo II.

QUADRO 57. - Evolução dos Preços de Café Beneficiado no Interior de Cada Estado, 1973 e 1974 (em Cr\$/sc.de60kg)

Mês	Paraná	São Paulo	Minas Gerais		Espírito Santo
			Zona Sul	Zona da Mata	
Média de 1972	185,31	187,99	187,41	168,31	171,36
1973					
Jan.	227,76	238,34	227,97	206,78	218,51
Fev.	234,44	250,62	236,51	237,37	236,96
Mar.	236,52	258,33	253,74	226,03	238,63
Abr.	236,72	260,23	249,83	193,85	242,32
Mai.	239,05	261,09	251,89	231,06	247,43
Jun.	259,46	262,26	262,26	221,26	245,88
Jul.	290,25	278,70	271,50	240,90	256,84
Ago.	290,00	288,94	285,43	268,10	268,10
Set.	291,31	285,55	287,86	286,41	271,25
Out.	297,05	290,76	291,58	268,67	277,08
Nov.	283,23	288,52	289,74	269,70	278,78
Dez.	278,39	284,84	292,33	270,43	271,63
Média de 1973	263,68	270,68	266,72	243,38	254,45
1974					
Jan.	286,14	299,87	302,49	290,00	285,84
Fev.	326,26	326,11	328,31	308,75	317,33
Mar.	356,00	368,29	362,42	330,00	320,70
Abr.	359,86	377,62	376,41	318,33	331,72
Mai.	346,50	372,29	351,43	322,17	313,81
Jun.	340,65	337,81	328,27	287,08	294,42
Jul.	320,50	328,27	321,75	279,37	273,87

Fonte: Instituto Brasileiro do Café - DEC.

A medida implica em elevação de 36,5%, 34,4% e 34,8% respectivamente, sobre os níveis anteriores estabelecidos pela Resolução 813 de 24 de dezembro de 1973. Segundo o Ministério de Indústria e Comércio, eram necessários esses reajustes dos preços de garantia, e consequentemente de financiamento, para a manutenção e melhoria das cotações internas, bem como externas. Prazos e níveis de financiamentos nas diversas fases de comercialização foram, também, determinados em função das diretrizes de sustentação de preços.

Como medida coerente à política de sustentação e para disciplinar o mercado interno,

decidiu também o IBC suspender os subsídios oficiais as torrefações, permitindo o aumento do preço do café no varejo.

Em vista da retração de vendas no interior, face a conjuntura do mercado exportador caracterizada por pequeno movimento, o produto tem sido estocado e financiado. As compras do IBC, a partir de 19 de outubro, estabelecem um limite mínimo da ordem de Cr\$ 310,00 a Cr\$ 320,00 a serem efetivamente recebidos pelos produtores, já que as despesas de comercialização no caso de vendas ao IBC, montam segundo estimativas preliminares a cerca de Cr\$ 80,00, computando-se despesas de financiamento.

#### - Perspectivas

A situação estatística mundial e nacional, segundo os dados disponíveis, mostra-se e equilibrada graças em grande parte ao volume da safra brasileira (1974/75) estimada em 26,4 milhões de sacas. Uma certa retração no consumo interno no Brasil e possivelmente reduções nas quantidades exportadas no ano de 1974 concorreriam para afastar perspectivas imediatas de escassez.

A atual retração de compras de cafés do Brasil por parte dos países importadores, atribuída à existência de estoques maiores que os do ano passado nesses países e a maiores compras de cafés centro-americanos e colombianos, tendeu a deprimir as cotações em geral.

A mudança da orientação do IBC, no que concerne a adoção das políticas de descontos sobre as cotações nominais externas, propiciou a sua determinação a níveis mais realistas. A recente resolução reduzindo a quota de contribuição e os níveis de registro mínimo de 69,5 para 68 centavos de dólar por libra-peso, e concedendo descontos sobre o registro mínimo, configura a disposição das autoridades cafeeiras de reativar o mercado do produto brasileiro. Contudo, é também propósito claro dos responsáveis pela política cafeeira evitar quedas significativas nas cotações. Há disposição de defesa intransigente de preços no mercado externo, inclusive através da empresa multinacional (Café Mondial) e apoio a outros países produtores. Observam-se também indicações de que poderia ser aconselhável um novo acordo internacional. No âmbito interno, a defesa deverá se efetivar através de melhores preços de sustentação, e bases de financiamento.

Os efeitos de eventuais geadas, seca ou da ferrugem, podem certamente tornar grave a situação que ora se mantém em equilíbrio. Observam-se já efeitos prejudiciais da seca particularmente no Estado de São Paulo. Por outro lado, o início da produção dos cafezais plantados no Brasil há quatro anos (além dos plantios em outros países em montante não conhecido) poderão diminuir a perspectiva de escassez.

Os acordos entre países produtores e consumidores isoladamente, ou em conjunto via um plausível novo Acordo Internacional, poderão fazer com que permaneçam estáveis as cotações a níveis próximos aos ora vigentes.

A situação estatística do café no Brasil, que obviamente influi nas disponibilidades mundiais, mostra-se na melhor das hipóteses equilibrada em 1974/75, com estoques a níveis baixos.

Alguns itens do quadro 58 são estimativas de fontes oficiais. Tentativamente, são formuladas a partir dessas informações as hipóteses básicas para o ano de 1974/75. Assim, con



tinuariam os estoques a níveis próximos ao mínimo necessário para atender eventualidades.

Em resumo, a continuar a firme disposição das autoridades governamentais de impedir a deterioração de preços internos e externos, somada à pressão de custos de produção, não ocorrerão reduções ainda maiores nos preços internos, já situados a nível próximo dos preços de garantia. Ao contrário, as informações disponíveis indicam que os preços internos deverão se manter estáveis ou mesmo tender a elevação, em função das previsões para a safra 1975/76 que a credita-se será inferior à atual.

QUADRO 58. - Situação Estatística do Café no Brasil, 1974/75  
(Estimativas, em milhões de sacas de 60kg)

Item	Hipótese	
	A	B
1. Remanescentes em mãos de particulares em 30/6/74	1,5	5,0
2. Estoques oficiais em 30/6/74	12,0	11,3
3. Remanescente total em 30/6/74 (1+2)	13,5	16,3
4. Safra 1974/75	24,0	26,2
5. Disponibilidades totais para o período 1/7/74 a 30/6/75 (3+4)	37,5	42,5
6. Exportações até 30/6/75	18,0	18,5
7. Consumo interno até 30/6/75	7,0	6,7
8. Demanda total (6+7)	25,0	25,2
9. Remanescentes em 30/6/75 (5-8)	12,5	17,3

#### - Cana-de-Açúcar

##### - Panorama internacional

Em 1974, o mercado mundial de açúcar continua bastante favorável aos países exportadores devido à queda dos estoques mundiais nestes últimos anos, além de a oferta não ter acompanhado o consumo aparente (quadro 59).

Como País exportador, o Brasil vem atravessando nestes últimos anos uma situação extremamente favorável resultando num incremento significativo para o setor. Assim, em 1973 exportou-se 2,976 milhões de toneladas de açúcar, 45% sobre o volume registrado em 1972.

O total exportado de açúcar pelo Brasil correspondeu em divisas a US\$ 600,4 milhões, portanto 91% maior em 1972 (US\$ 314,1 milhões). Este grande aumento de valor resultou em boa

parte dos altos preços do produto no mercado internacional (quadro 60).

QUADRO 59. - Produção Mundial, Estoque e Consumo Aparente de Açúcar, 1970/71 a 1973/74 <sup>(1)</sup>  
(1.000 toneladas)

Item	1970/71	1971/72	1972/73 <sup>(2)</sup>	1973/74 <sup>(3)</sup>
Estoque inicial	21.362	18.961	16.996	16.155
Produção	72.772	73.852	77.458	80.513
Oferta total	94.134	92.813	94.454	96.668
Consumo aparente	74.560	76.168	78.650	81.640

<sup>(1)</sup> Ano comercial: setembro a agosto.

<sup>(2)</sup> Preliminar.

<sup>(3)</sup> Estimativa.

Fonte: F.O. Licht's International Sugar Report's e Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 60. - Preços do Açúcar no Mercado Internacional, 1969-74  
(US cents/libra-peso)

Ano	Londres <sup>(1)</sup>	New York <sup>(2)</sup>
1969	3,20	3,31
1970	3,69	3,68
1971	4,52	4,52
1972	7,32	7,42
1973 <sup>(3)</sup>	9,53	9,51
1974 <sup>(4)</sup>	20,05	19,90

<sup>(1)</sup> FOB Porto da Área do Caribe.

<sup>(2)</sup> FOB Porto da Área do Caribe.

<sup>(3)</sup> Preliminar.

<sup>(4)</sup> Até abril.

Fonte: International Sugar Organization.

QUADRO 61. - Produção de Açúcar na Região Centro-Sul, 1971/72 a 1973/74

Estado	1971/72		1972/73		1973/74	
	sc.60kg	%	sc.60kg	%	sc.60kg	%
Minas Gerais	3.952.339	4,4	4.700.902	4,7	5.272.446	4,7
Espírito Santo	370.599	0,4	459.476	0,5	687.396	0,6
Rio de Janeiro	7.388.960	8,2	9.334.778	9,4	10.177.718	9,1
São Paulo	43.279.144	48,2	47.269.022	47,8	58.511.116	52,5
Paraná	2.778.244	3,1	2.699.533	2,7	2.718.480	2,5
Santa Catarina	539.110	0,6	556.208	0,6	563.519	0,5
Rio Grande do Sul	281.214	0,3	198.776	0,2	131.634	0,1
Mato Grosso	70.015	0,1	53.047	0,1	85.394	0,1
Goiás	295.417	0,3	288.983	0,3	308.026	0,3
Centro-Sul	58.955.042	65,6	65.560.725	66,3	78.455.729	70,4
Outros estados	30.818.611	34,4	33.313.612	33,7	32.926.144	29,6
Brasil	89.773.653	100,0	98.874.337	100,0	111.381.873	100,0

Fonte: Instituto do Açúcar e do Alcool.

- Situação interna

A produção brasileira de açúcar nos últimos anos vem apresentando vigoroso ritmo de crescimento devido principalmente a situação do mercado internacional. Assim, quando do término do ano açucareiro 1973/74, no mês de junho, a produção total brasileira foi de 6.682,9 mil toneladas, aproximadamente 13% maior que a do ano anterior e 34% acima da média dos últimos 5 anos.

No último ano a região Centro-Sul participou com 70,4% do total brasileiro enquanto que nos dois anos anteriores essa participação se situou ao redor de 66% (quadro 61). Apesar de todos os estados componentes da região Centro-Sul serem produtores de açúcar, são principais: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná que juntos responderam por 64,7% da produção brasileira e 98% da produção regional.

Para o novo ano açucareiro, que já está se desenvolvendo, o IAA fixou como meta de produção 7.500 mil toneladas, portanto 12% superior à produção passada. Desse total a região Centro-Sul deverá produzir aproximadamente dois terços.

Perseguindo um maior incentivo aos fornecedores de cana, responsáveis ainda por significativa parcela do total da matéria-prima, o IAA ao estabelecer o novo preço da tonelada de cana posta usina fixou um subsídio de Cr\$ 10,69/t que, somado ao preço base de Cr\$ 42,75/t, resultará no preço final de Cr\$ 53,44/t. Isto veio reativar o setor produtivo que se sentia marginalizado em razão dos preços anteriores serem considerados insatisfatórios.

Na agricultura paulista, a cana-de-açúcar ocupa o terceiro lugar em área; apresentando neste último ano um aumento de 6,8% no total de área plantada, quando destinada a indústria. Quanto à cana destinada a forragem, o aumento na área foi de 28,4%. Consolidados, áreas, produções e rendimentos do último quinquênio aparecem no quadro 62.

QUADRO 62. - Área, Produção e Rendimento da Cana-de-Açúcar no Estado de São Paulo, 1969/70 a 1973/74

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1969/70	657,5	42.500,0	64.439
1970/71	822,8	38.300,0	46.548
1971/72	819,0	44.200,0	53.968
1972/73	802,0	42.000,0	52.369
1973/74	869,6	41.460,0	47.677

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

No Rio de Janeiro a área dedicada a cana-de-açúcar vem crescendo; em 1973/74 regis -

trou aumento de 8% em relação a 1972/73. Porém, as produções dos últimos anos tem sido insatisfatórias em razão dos baixos rendimentos obtidos (quadro 63).

QUADRO 63. - Área, Produção e Rendimento da Cana-de-Açúcar no Estado do Rio de Janeiro, 1970/71 a 1973/74

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1970/71	140,9	5.696,4	40.429
1971/72	148,3	4.647,6	31.339
1972/73	150,2	5.294,6	35.250
1973/74	162,3	5.713,9	35.206

Fonte: Ministério da Agricultura.

Em termos globais, embora muito cedo ainda, está se observando a possibilidade de não atingimento das cotas liberadas, face aos baixos rendimentos esperados, agrícola e industrial.

A produção de álcool, principalmente no Estado de São Paulo, decresceu neste último ano face a ênfase da industrialização para obter melhor rendimento em açúcar (quadro 64).

#### - Perspectivas

Devido aos novos preços da cana-de-açúcar, fixados pelo IAA, deverá haver por parte dos fornecedores interesse no aumento da área dedicada à cultura, o que se somará ao aumento normal previsto nas áreas das próprias usinas. Assim, a área do próximo plantio deverá sofrer novo aumento, principalmente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, pelas facilidades de aumento da moagem do parque açucareiro.

Como já observado anteriormente, face as excelentes condições para a exportação do açúcar brasileiro, que no ano de 1974 deverá situar-se ao redor de 3 milhões de toneladas, o IAA está proporcionando às usinas grandes incentivos para o aperfeiçoamento industrial, além do estímulo de preços para o maior rendimento agrícola.

As perspectivas para o mercado mundial indicam uma defasagem até o final da década entre produção e consumo de açúcar o que vem ao encontro do crescimento da agro-indústria brasileira.

QUADRO 64. - Produção de Alcool na Região Centro-Sul, 1971/72 a 1973/74

Estado	1971/72		1972/73		1973/74
	litros	%	litros	%	litros
Minas Gerais	16.308.835	2,7	21.137.940	3,1	20.825.859
Espírito Santo	1.201.050	0,2	1.700.000	0,3	1.222.200
Rio de Janeiro	41.840.817	6,8	47.255.822	6,9	58.039.905
São Paulo	453.101.135	73,9	500.104.280	73,4	454.660.456
Paraná	17.453.710	2,9	21.646.230	3,2	20.641.700
Santa Catarina	3.888.000	0,6	4.637.600	0,7	4.369.300
Rio Grande do Sul	1.202.550	0,2	1.022.291	0,2	300.100
Mato Grosso	71.295	0,0	-	-	-
Goiás	2.489.542	0,4	1.955.090	0,3	2.121.250
Centro-Sul	537.556.934	87,7	599.459.253	88,1	562.180.770
Outros estados	75.511.302	12,3	81.512.729	11,9	...
Brasil	613.068.236	100,0	680.971.982	100,0	...

Fonte: Instituto do Açúcar e do Alcool.

## - Feijão

### - Situação interna

A produção brasileira de feijão na safra 1973/74 é estimada em 2.508 mil toneladas, superando em 13,1% a da safra anterior (quadro 65). Essa produção, contudo, é inferior à do ano agrícola 1966/67, quando se obteve o recorde brasileiro (2.554 mil toneladas). Desde então, não obstante a expansão da área de plantio, a produção nacional tem decrescido continuamente, face aos baixos rendimentos observados. Tal fato tem ocasionado sérias crises no abastecimento.

Dos 10 estados da região Centro-Sul, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso constituem-se exportadores líquidos para outros estados. Os dois estados maiores produtores - Paraná e Minas Gerais - tem produzido cerca de 60% do total do Centro-Sul e 45% do nacional. Merecem destaque as excelentes produtividades alcançadas pelas lavouras do Rio Grande do Sul e Mato Grosso, com 800 e 900kg/ha, respectivamente, enquanto a média do Centro-Sul tem sido de 550kg/ha.

### Paraná

Nos últimos 4 anos tem-se observado tendência de crescimento da produção estadual, graças ao aumento da produtividade na safra das águas. Fenômeno inverso vem ocorrendo com a safra da seca cuja produtividade era bem superior à das águas até 1972/73 e no último bimestre tem sido prejudicada por adversidades climáticas e ataques de pragas e moléstias.

O Paraná tem contribuído com 22% da área plantada e 24% da produção brasileira, em média. O incremento da produção foi de 17% de 1971/72 para 1972/73 e de 27% de 1972/73 para 1973/74, enquanto a área só se alterou muito pouco no último ano. Esta reação positiva do aumento de área foi, possivelmente, devido ao elevado preço do produto na safra passada, bem como ao preço mínimo fixado, considerado bom pelos produtores. Esses preços serviram de estímulo aos agricultores que adotaram melhores tratamentos culturais. Isto, juntamente com as condições climáticas favoráveis, possibilitou aumento de 38% na produtividade do feijão das águas. Ressalte-se ainda que o feijão das águas representa, em média, 75% da área total cultivada com a leguminosa.

Em condições normais, o feijão na geração de renda agrícola estadual é apenas superada pelo café e milho. Nos últimos anos a área plantada com a leguminosa tem sido ao redor de 15% do total cultivado no Estado. Apesar disso, a participação do feijão no total dos financiamentos para custeio agrícola não chega a 2% e os recursos para comercialização estão em torno de 5% do total aplicado, o que evidencia uma posição secundária relativamente às demais culturas.

O uso de sementes selecionadas é inexpressivo. Os principais mercados para o produto paranaense são os Estados de São Paulo (feijão de cores), Guanabara (feijão preto), Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 1972, 65%, ou mais, da produção estadual foram exportados para outros estados. Em 1973 essa porcentagem diminuiu e para 1974 a disponibilidade de exce-

QUADRO 65. - Área, Produção e Rendimento de Feijão nos Estados do Centro-Sul, 1971/72 a 1973/74

Estado	1971/72			1972/73			1973/74 <sup>(1)</sup>		
	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
Paraná	1.036,6	416,4	402	1.036,2	488,3	471	1.077,6	622,6	578
Minas Gerais	807,8	434,9	538	846,7	437,6	517	842,3	462,4	549
Rio Grande do Sul	218,2	179,5	823	203,0	160,0	788	192,0	155,0	807
São Paulo	250,0	123,0	492	270,0	133,8	496	289,6	131,4	454
Santa Catarina	152,5	104,4	684	125,7	87,9	699	171,6	128,1	746
Goiás	180,9	118,9	657	153,9	73,9	480	192,4	92,4	480
Mato Grosso	59,4	50,6	852	62,3	58,4	937	67,3	61,5	914
Espírito Santo	89,2	47,6	534	85,0	31,2	367	97,0	37,1	382
Rio de Janeiro	11,5	7,6	661	10,7	3,6	336	14,0	8,1	578
Centro-Sul	2.806,1	1.482,9	528	2.793,5	1.474,7	528	2.943,8	1.698,6	577
Norte-Nordeste	1.844,8	424,1	230	2.153,9	743,4	345	2.022,7	809,3	400
Brasil	4.650,9	1.907,0	410	4.947,4	2.218,1	448	4.966,5	2.507,9	505

(<sup>1</sup>) Dados preliminares.

Fonte: Secretarias Estaduais da Agricultura, Sistema ABCAR, Fundação IBGE e Ministério da Agricultura.



dentos é estimada em 400.000 toneladas (65%).

#### Minas Gerais

A maior parte das lavouras mineiras de feijão apresenta em geral técnicas rudimentares, com grande utilização de mão-de-obra e plantio consorciado. O aumento de produção nos últimos 3 anos tem sido em função da área e não da produtividade, estimando-se para 1973/74 um aumento de 6% sobre a produção anterior.

As sementes utilizadas são produzidas no próprio estado, sendo estimada em cerca de 10% a taxa de sementes melhoradas; um alto índice em relação aos demais estados produtores. A produção da safra da seca, de maior produtividade, representa cerca de 70% da produção anual.

Guanabara e São Paulo recebem mais de 2/3 do volume de feijão exportado por Minas Gerais, situando-se Bahia e Rio de Janeiro como o 3º e 4º mercados, mas num plano bem inferior.

#### Rio Grande do Sul

As culturas de feijão e milho são normalmente praticadas em pequenas propriedades. Nos últimos anos observou-se uma diminuição na área plantada, com a substituição dessas culturas pela da soja.

A cultura ocupa pouca mão-de-obra de terceiros, ficando restrita à mão-de-obra familiar. Há falta de sementes em todo o Estado e o plantio é feito quase que exclusivamente com sementes dos próprios agricultores. O feijão preto é o predominante no Rio Grande do Sul.

A área plantada com feijão no ano agrícola 1973/74 atingiu 192.000 hectares, sendo 143.000 na safra principal e 49.000 na "safrinha". O rendimento médio foi de 832kg/ha na safra principal e 731kg/ha na safrinha, dando uma produção total de 155.000 toneladas.

#### São Paulo

A produção paulista, que teve o seu recorde em 1964/65 com 189.000 toneladas, vem apresentando tendência de crescimento nos últimos 3 anos, face à ampliação da área e melhoria de produtividade. A produtividade média da safra da seca tem sido ao redor de 34% maior que a das águas.

A sub-região agrícola de Itapeva, da DIRA (Divisão Regional Agrícola) de Sorocaba é a maior produtora, com participação média de 23% e 33%, respectivamente, da produção das águas e da seca do período 1970-73. A participação regional na produção das águas tem apresentado pequenas oscilações, enquanto a produção da seca tem crescido rapidamente. A produtividade média de Itapeva tem sido maior que a média estadual na safra da seca, porém menor na das águas.

A taxa de utilização de sementes melhoradas no Estado vem aumentando nos últimos anos. Assim, a área plantada com sementes melhoradas passou de 1% a 4,5% nos 3 últimos anos. Estima-se que a disponibilidade de semente melhorada em 1974/75 seja levemente inferior a do

ano anterior. Os preços medios estaduais estão no quadro 65A.

#### Santa Catarina

O feijão é encontrado nas propriedades rurais, onde predomina a mão-de-obra familiar, e cultivado em consorciação com o milho ou solteiro. Nesse grupo de produtores o feijão poderá competir em vantagem com a soja e é provável a escassez de sementes selecionadas de feijão na temporada 1974/75.

Os principais mercados para o produto catarinense são: Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

#### Goiás

A cultura do feijão em Goiás é uma das mais tradicionais, sendo geralmente plantada em consorciação com o milho. Os problemas da cultura são plantio consorciado, uso de variedades degeneradas, controle fitossanitário precário e comercialização deficiente.

Com o incentivo dos preços mínimos e a comercialização favorável em 1973, a cultura experimentou grande expansão de área. Os produtores iniciaram, inclusive, o plantio do feijão "solteiro", tecnicamente orientado.

Quase não se utiliza semente melhorada na cultura de feijão em Goiás. Os principais mercados para o produto goiano (feijões preto e roxo) são os Estado de São Paulo e Guanabara.

#### Mato Grosso

O feijão é cultivado em consorciação com o milho, ocorrendo o plantio de forma generalizada quando os agricultores vão "quebrar" o milho no mês de fevereiro. As estatísticas disponíveis apontam o Estado como sendo o de maior produção por unidade de área no Centro-Sul.

#### - Perspectivas

Entre os principais estados produtores, apenas em São Paulo constataram-se quedas nos preços recebidos pelos produtores no decorrer da safra 1973/74, estimando-se em -23% no primeiro semestre. Nos demais estados, os acréscimos percentuais em relação ao ano agrícola 1972/73 foram extremamente variáveis. No Paraná a média dos preços recebidos pelos produtores durante os 4 primeiros meses de 1974 foi ao redor de 30% maior que em igual período de 1973. Em Minas Gerais a média dos 5 primeiros meses de 1974 foi apenas 10% maior que a do período correspondente no ano passado. Contudo, a média de março-abril de 1974 foi cerca de 16% menor que a média do mesmo período de 1973. No Rio Grande do Sul a média dos preços recebidos pelos produtores no primeiro bimestre deste ano foi superior em 138% à do bimestre

QUADRO 65.A- Preços Médios Mensais Recebidos pelos Produtores de Feijão, Estado de São Paulo, 1969-74  
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	33,96	48,29	52,98	62,52	108,54	116,56
Fev.	35,67	42,35	54,74	61,01	123,45	107,12
Mar.	36,84	41,23	58,59	60,40	180,50	107,70
Abr.	50,30	37,54	61,39	63,32	238,58	115,36
Mai.	58,28	40,82	61,51	70,85	226,59	203,66
Jun.	59,27	44,18	58,85	70,84	220,91	198,50
Jul.	57,40	47,09	58,18	72,73	227,73	147,36
Ago.	70,35	49,72	56,89	87,77	241,43	163,39
Set.	83,97	57,14	55,78	93,85	252,27	...
Out.	91,14	53,60	56,98	101,59	249,40	...
Nov.	94,64	49,54	58,31	103,71	181,50	...
Dez.	58,97	51,17	62,42	99,31	122,44	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

correspondente de 1973. Em Santa Catarina a média dos preços nos 5 primeiros meses deste ano foi 91% maior que a de igual período de 1973.

Aos níveis atuais de preços, a expectativa no Paraná é de aumento da área de plantio, o qual possivelmente será inferior aos 4% verificados na última safra. Admitindo acréscimo de 2% na área e o rendimento médio dos últimos 3 anos, a produção esperada, porém, deverá ser 14% menor que a da safra 1973/74.

Como nos demais estados, com preços superiores aos níveis de 1972, mas ainda inferiores aos do ano passado, a cultura do feijão não se apresenta muito atrativa em Minas Gerais. Espera-se uma certa estabilização da área de plantio; a produção dependerá como sempre das condições meteorológicas.

No Rio Grande do Sul, estima-se um aumento da área, principalmente pelos bons preços alcançados no mercado interno e incentivos do governo estadual.

A área do próximo plantio das águas em São Paulo deve ser ligeiramente superior a 1973/74, apesar da queda de preços durante a última safra das águas. O eventual acréscimo deverá ser maior na zona prioritária do Estado, devido principalmente à ação da rede oficial de assistência técnica.

A tendência em Santa Catarina é também de aumentar a área plantada, embora não seja possível fixar um percentual de acréscimo. O fator de incremento seria o preço alcançado na última safra. Espera-se para este Estado a maior expansão de área no próximo ano agrícola, em toda região Centro-Sul.

Em Goiás, há expectativa de aumento da área de plantio para 1974/75, da ordem de 10%. Prognostica-se também que, com o rendimento igual à média dos últimos anos, a produção crescerá significativamente.

Face as boas condições para o desenvolvimento da cultura e aos menores custos de produção, é provável que a área de plantio em Mato Grosso se expanda a uma taxa de 5% a 10% em relação a 1973/74.

No Espírito Santo e Rio de Janeiro, poderão ocorrer acréscimos de 5% e 10%, respectivamente nas áreas de feijão. Assim sendo, a produção capixaba deverá aumentar e a fluminense nivelar-se a 1973/74.

Globalmente, a região Centro-Sul deverá apresentar acréscimo de área de plantio. Entretanto, a produção total estará condicionada aos índices de produtividade das lavouras, sempre muito difíceis de estimar. Prevalecendo o rendimento médio em cada estado dos 3 últimos anos, e para um aumento estimado de 5% da área de plantio, a produção esperada deverá ser ligeiramente inferior à da safra precedente. A queda de produção estimada para o Estado do Paraná não deverá ser compensada pelos acréscimos de produção de outros estados. Os maiores aumentos são esperados em Goiás, Espírito Santo e São Paulo, em função da possibilidade de melhoria de rendimento.

Considerando-se ainda o rendimento médio dos últimos 3 anos, estima-se que a produção de feijão do próximo ano agrícola na região Centro-Sul só será equivalente à da safra 1973/74 se o aumento da área for superior a 6%.

- Mandioca

- Parânorama internacional

Apesar dos mercados de produtos derivados de mandioca mostrarem expansão, nos últimos 14 anos, a participação brasileira apresenta tendência estacionária ou até mesmo decrescente. Fretes marítimos do Sudeste asiático relativamente mais baratos e baixo custo da mão-de-obra colocaram os artigos tailandeses em melhor posição competitiva, aproveitando esse país a grande expansão dos negócios de produtos de mandioca para ração no Mercado Comum Europeu. Preços da matéria-prima, distâncias entre as zonas de produção e o porto, apresentação do produto em "pellets" e racionalização das operações portuárias acentuam as vantagens comparativas em favor daquela região produtora.

Outros importantes países produtores de mandioca da Ásia, e do continente africano, apresentam pequenos excedentes, estando suas produções praticamente comprometidas com a demanda interna.

Embora os negócios internacionais de fécula raramente tivessem ultrapassado nos últimos 12 anos as 200 mil toneladas, 32 milhões de dólares em valor FOB aos preços atuais, a participação brasileira situa-se neste período em torno de 11 mil toneladas, denotando mesmo tendência decrescente. Este produto vem progressivamente deslocando a fécula de batata européia, pois a produção de batata com finalidade industrial vem perdendo interesse no continente europeu.

- Situação interna

A cultura de mandioca deve ser analisada dentro do contexto histórico e seu significado econômico transcende ao período colonial do País, o que entretanto não é objetivo deste trabalho. O consumo de seus produtos acha-se arraigado nos hábitos alimentares das classes de menor renda, notadamente da zona rural.

Em verdade, trata-se de uma das culturas nacionais menos atingida pelo melhoramento genético. As variedades cultivadas requerem na sua generalidade operações quase que totalmente manuais, o que atualmente constitui principal obstáculo ao seu desenvolvimento, em decorrência da elevação dos custos operacionais, com a escassez crescente da mão-de-obra. Esta situação pode ser avaliada pelos dados do IEA, referentes a São Paulo, onde o emprego de mão-de-obra em todo o ciclo da cultura de mandioca atinge 66,5 jornadas de trabalho por hectare. Este coeficiente representa cerca de duas vezes o emprego deste fator nas culturas de algodão e cana-planta; 3,7 vezes em cultura de milho; 3,9 em feijão; 4,3 em amendoim e 8,9 em soja.

Na região Centro-Sul é a cultura de mandioca economicamente expressiva em área, renda e emprego, principalmente em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Espírito Santo e Goiás.

## Santa Catarina

A produção de mandioca representa, entre as atividades agrícolas, a segunda em termos de renda bruta sendo o principal Estado exportador de produtos de mandioca. A área plantada em 1973-foi estimada em 150 mil hectares, tendo sofrido redução de 10% em 1974.

Apesar da tendência de expansão que caracterizou a década de sessenta, a cultura passou a se definir em função de uma regionalização cada vez mais acentuada. O Estado está dividido em três regiões distintas: Oeste, cuja exploração mandiogueira destina-se praticamente à alimentação de animais; Sul do Estado, onde a cultura tem destino industrial (farinha industrial e de mesa); e Vale do Itajaí, incluindo Jaguarã do Sul, cuja produção destina-se à fabricação de fécula e farinha de mesa e também ao fornecimento de alimento ao rebanho leiteiro e suíno.

Em 1973 a produção catarinense de fécula foi estimada em 45 mil toneladas, 80% oriundos do Vale do Itajaí onde a produção de farinha é inexpressiva. A região Sul produziu cerca de 55 mil toneladas de farinha de mandioca e aproximadamente 3 mil toneladas de farinha de raspa, esta, destinada ao consumo no próprio Estado.

Presentemente, a indústria do Vale do Itajaí, conta com abundância de matéria-prima, que este ano apresentou elevado teor de amido, em virtude das peculiaridades climáticas. A colheita nesta região deverá excepcionalmente estender-se até outubro.

No sul do Estado as ocorrências catastróficas que assolaram grande parte da região, se bem que não trouxessem grande diminuição da colheita de mandioca, atingiram algumas fábricas impossibilitando-as de funcionar ou permitindo operações apenas de forma precária. Na presente temporada, observou-se na região Sul grande procura de farinha de mandioca para alimentação humana, em decorrência da destruição parcial de outras fontes de alimentos regionais. Espera-se ao término da safra a ausência de remanescentes, ao contrário de anos anteriores quando os estoques vinham crescendo em virtude da deterioração dos preços externos.

## Rio Grande do Sul

Sendo o Estado tradicional produtor de mandioca, 2/3 da produção destinam-se à alimentação "in natura". Nos últimos anos a produção industrial vem decrescendo e as fábricas, remanescentes disputam com grandes dificuldades a matéria-prima.

O Estado que até 1970 exportava fécula, está atualmente importando de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Quanto à farinha de raspa, a produção gaúcha meramente cobre as necessidades do consumo local.

Nos últimos anos, a cultura sofreu bastante com a "corrida da soja" e com a alteração na política de misturas panificáveis.

## Paraná

Apesar do grande consumo de produto "in natura" na alimentação do rebanho suíno e do consumo humano de produto industrializado, o destaque é para a produção de fécula. Cer-

ca de 7 mil toneladas do produto foram exportadas no ano de 1973, além de 8 mil toneladas destinadas-se a São Paulo.

#### Goiás e Mato Grosso

Nos Estados de Goiás e Mato Grosso esta cultura assume aspectos de grande importância econômica e social. Encontrando-se nesses estados as maiores taxas anuais de crescimento demográfico do País (GO = 5,96% e MT = 5,56%), aliando-se às dificuldades de penetração que caracterizam seu interior e fase atual de colonização, os produtos de mandioca têm um consumo intenso e crescente.

#### Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro

Em Minas Gerais vem-se processando o aumento da área plantada com mandioca. Neste Estado, bem como no Espírito Santo e Rio de Janeiro predominam as pequenas unidades fabris, que se destinam basicamente a fabricação de farinha de mesa.

Sendo os produtos de mandioca bastante usados nas zonas rurais para a alimentação humana, a cultura tem grande significado econômico, porém o aumento do nível de renda e a taxa de crescimento demográfico permitem antever um futuro não muito promissor para as atividades farinheiras. A produção de fécula poderá constituir-se, todavia, futuro só empreendimento, desde que o produto final venha a competir em preço e qualidade com o artigo oriundo de Santa Catarina.

#### São Paulo

Desde 1963, a área plantada com mandioca passa por processo de progressiva diminuição. No último ano (1974) o plantio de mandioca para indústria diminuiu de 25% em relação ao realizado no ano anterior, enquanto que o plantio para consumo direto caiu de 8%. A área colhida, este ano, reduziu-se de 30% para uso industrial e de 37% para consumo direto em relação ao ano anterior.

A redução de área plantada está ligada à defasagem dos preços recebidos pelo produtor de mandioca, em relação aos preços de outros produtos agrícolas. É o que sugerem as variações do índice de preços de mandioca em relação ao índice das principais lavouras paulistas, excluindo-se o café.

Os preços refletem de forma particular a influência das medidas da política governamental. Assim é que os efeitos da Portaria Super nº 50 de 22 de outubro de 1971, estabelecendo a não obrigatoriedade da adição de farinha de raspa às misturas panificáveis, atingiram diretamente o setor de produção, acarretando um período de baixa dos preços reais da mandioca. Isso ocorreu em época de grande ascensão de outros preços recebidos pelos produtores, criando uma situação de desincentivo à cultura em toda a região Centro-Sul. Em 6/9/73, através da Portaria Super nº 32, revogando a anterior, voltou-se outra vez a obrigatorie

dade de mistura da farinha de raspa e reajustaram-se os preços; efeito positivo nos preços de mandioca ao produtor fez-se de imediato.

#### - Perspectivas

O comércio exterior de fécula é tido nos meios exportadores como negócio que promete para os próximos anos maior participação do artigo nacional, dadas as suas características e em virtude do término da intervenção ocidental nas guerras do Sudeste Asiático. A normalização do tráfego no Canal de Suez deverá encurtar a rota marítima daquela região em cerca de 3,8 mil milhas marítimas para a Europa e 2,3 mil milhas para os Estados Unidos, ficando porém ainda 44% superior à rota do Brasil aos portos do Noroeste Europeu e 96% superior à do nosso País aos Estados Unidos.

O futuro da atividade mandiogueira em toda a região Centro-Sul dependerá do tratamento que receber a mistura panificável e dos preços da farinha de raspa, além dos preços mínimos da fécula e farinha de mesa.

Em regiões importantes produtoras como o Vale do Itajaí, em Santa Catarina, a oferta de matéria-prima é normal, devendo-se manter esta tendência para o próximo ano.

Em São Paulo, no presente ano, a colheita iniciou atrasada. No próximo ano deverá iniciar-se mais tarde ainda devido à redução anterior do plantio, sem que este fato venha obrigatoriamente ocasionar aumento de preços da matéria-prima. Para 1975 está previsto, em função do modelo de Nerlove, um aumento de plantio de 2%. É viável contudo, como resultado da alteração do tratamento dado pela nova política de mistura da farinha de raspa e eventual arrefecimento no interesse por outras culturas, aumento algo superior.

Nas regiões industrializadas, somente algum fato novo, proveniente da pesquisa, poderá mudar as perspectivas da cultura. Em regiões mais agrícolas ou zonas de colonização pode-se esperar melhores perspectivas de área e produção.

#### - Milho

##### - Panorama internacional

A produção mundial (exceto China) é estimada para 1973/74 em 5% superior às 265 milhões de toneladas de 1972/73.

Os Estados Unidos, destacadamente o maior produtor, recuperando o nível de 1971/72, produziram cerca de 141 milhões de toneladas, mesmo assim, 9 milhões aquém da meta prevista pelo USDA.

Na Argentina espera-se colheita de 10 milhões de toneladas, contra 9,5 milhões da anterior, das quais 5 milhões poderão ser colocadas no comércio internacional. A África do Sul, recuperando-se da péssima colheita de 1973, prevê elevação de 158% em sua produção alcançando 10,6 milhões de toneladas, ou seja, nível semelhante ao da safra 1971/72.



Em 1973, o comércio internacional do milho alcançou novo recorde, refletindo a forte demanda por grãos alimentícios. Mais do que nunca foi evidenciada a existência de poucos países fornecedores, predominando Estados Unidos e Argentina.

Os Estados Unidos, mantendo sua supremacia elevaram em 48% suas transações, negociando 33 milhões de toneladas para os Países Baixos, Itália, Alemanha Ocidental e Espanha; mas os grandes responsáveis por este incremento são a União Soviética e o Japão para onde foram realizadas excelentes vendas.

A Argentina recuperou em 45% suas exportações anteriores exportando 4,3 milhões de toneladas. Esta recuperação foi possível principalmente face à expansão de negócios para a Itália, Espanha, Coreia do Sul e China.

Na França, as exportações caíram para 3,4 milhões de toneladas em decorrência dos baixos estoques remanescentes de 1972/73. Seus compradores foram os próprios membros da CEE (Países Baixos e Reino Unido). Outro exportador tradicional, a África do Sul, pouco participou das negociações internacionais, em decorrência de sua desastrosa safra 1972/73.

Ao final de março de 1974 os estoques mundiais de milho apresentavam-se em declínio, sendo estimado em 78,9 milhões de toneladas o total retido nos quatro principais exportadores (cerca de 14% inferior ao verificado em março de 1973). O estoque norte-americano situava-se em 12 milhões de toneladas (14%) abaixo do nível de um ano atrás e as indicações de aumento no consumo doméstico e nas exportações até o final da safra atual (setembro de 1974) deverão levar a um "carry-over" de 11,3 milhões de toneladas, ou seja, um terço inferior ao de setembro de 1973.

Os demais países ainda se apresentam com melhores estoques. A Argentina, devido ao excelente suprimento recém colhido, apresentou elevação de 80% em relação ao estoque de março do ano passado. A França também apresenta seus estoques bem acima (35%) dos de um ano atrás, entretanto seu escoamento deverá ser rápido em razão da demanda na Comunidade Econômica Europeia.

#### - Situação interna

A produção de milho na Região Centro-Sul do País deverá atingir na safra atual novo recorde de produção com volume aproximadamente estimado de 15,7 milhões de toneladas, representando aumento de 16% em relação a de 1972/73. Visto que esta região responde aproximadamente por 90% da produção brasileira é válida a ilação de que também a nacional sofrerá acréscimo proporcional. As estatísticas de área, produção e rendimento podem ser apreciadas nos quadros 66, 67 e 68.

#### Minas Gerais

Acusando 24% de expansão em sua área de milho que se mostrava estacionária nos primeiros anos de 70, é o principal estado produtor, com 3,6 milhões de toneladas.

Quando se consideram os anos extremos do período 1970/71 a 1973/74 observa-se significativo incremento na produtividade média, que alcançou seu ponto mais alto em 1971/72. Esse valor, entretanto, foi na última colheita apenas 1% superior à média da Região Centro-

Sul. A produção concentra-se na Zona da Mata, Rio Doce, Triângulo Mineiro e Sul do Estado, estimando-se que 80% da produção do Triângulo se destinam a São Paulo. Cerca de 50% do volume total são consumidos nas propriedades, sendo que a Guanabara recebe parcela significativa do volume comercializado.

#### Paraná

A cultura do milho assume posição de destaque na renda do setor agrícola paranaense, sendo, em condições normais, apenas superada pelo café, embora em 1970 e 1973 tenha ocupado a primeira posição quando contribuiu com mais de um quinto da renda deste setor; de uma maneira geral sua participação vem girando em torno de 12% a 13%. Em 1974, estima-se que o café e a soja suplantarão o milho em valor bruto da produção.

QUADRO 66. - Área Cultivada de Milho, por Estado da Região Centro-Sul, 1970/71 a 1973/74 (1.000ha)

Estado	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74
São Paulo	1.694	1.500	1.300	1.290
Paraná	2.173	1.879	2.070	1.896
Santa Catarina	706	724	815	882
Rio Grande do Sul	1.742	1.724	1.600	1.525
Rio de Janeiro	...	...	58	59
Guanabara	...	...	...	...
Minas Gerais	1.597	1.409	1.560	1.938
Goiás	462	437	452	583
Mato Grosso	156	165	175	186
Espírito Santo	241	241	170	181
Sub-total	8.771	8.079	8.210	8.540
Brasil	11.489	11.051	10.573	9.811
Centro-Sul (%)	76%	73%	77%	

Fonte: IEA, IBGE - Anuário Produção Agropecuária, CER, CCEA, ACARMAT, DEE/IBGE e ACARES - Unidade Planj. Agrop. Sec. Agricultura.

QUADRO 67. - Produção de Milho por Estado da Região Centro-Sul, 1970/71 a 1973/74  
(1.000 toneladas)

Estado	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74
São Paulo	2.760	3.000	2.598	2.628
Paraná	3.100	2.700	3.024	3.430
Santa Catarina	1.228	1.403	1.731	2.064
Rio Grande do Sul	2.402	2.237	2.080	2.236
Rio de Janeiro	...	...	70	78
Guanabara	...	...	...	...
Minas Gerais	1.808	2.712	2.956	3.599
Goiás	655	663	705	1.084
Mato Grosso	228	249	271	296
Espírito Santo	219	255	163	187
Sub-total	12.400	13.219	13.598	15.602
Brasil	14.299	15.763	16.550	16.090
Centro-Sul (%)	86%	84%	82%	97%

Fonte: IEA, CEPRES, IBGE, Sec. Agric.do R.S., CER, GCEA, ACARMAT, IBGE, ACARES.

QUADRO 68. - Rendimentos de Milho por Estado da Região Centro-Sul, 1970/71 a 1973/74  
(kg/ha)

Estado	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74
São Paulo	1.629	2.000	1.998	2.037
Paraná	1.426	1.437	1.461	1.809
Santa Catarina	1.739	1.938	2.124	2.340
Rio Grande do Sul	1.379	1.298	1.300	1.466
Rio de Janeiro	...	...	...	...
Guanabara	...	...	...	...
Minas Gerais	1.132	1.925	1.895	1.857
Goiás	1.418	1.517	1.560	1.859
Mato Grosso	1.462	1.509	1.549	1.591
Espírito Santo	909	1.058	959	1.033
Sub-total	1.414	1.636	1.656	1.827
Brasil	1.215	1.426	1.372	1.640

Nos últimos anos, com exceção da safra 1972/73, a cultura do milho vem apresentando, no Estado do Paraná, contínuas reduções de área, cujas causas podem ser atribuídas aos seguintes fatores: a) substituição pela cultura da soja, acreditando-se que o milho tenha sido a cultura que mais sofreu influência da acelerada expansão da leguminosa; b) erradicação de cafezais, notadamente na região Noroeste do Estado, onde predomina o arenito caiua, gerando uma diminuição na área do milho, devido ao cultivo intercalar com a rubiãcea; c) incidência de helmintosporiose; e d) preços pouco compensadores e aos quais se adiciona uma grande oscilação na época da safra.

Apesar dessa estabilização e mesmo retração de área, esta gramínea ocupa mais de um quarto da área total cultivada com as quinze principais culturas do Estado, sendo que no período de 1957-72 este percentual foi de 30%.

A redução da área não foi suficiente para gerar diminuição na produção, que contrariamente cresceu 13,4% nesta safra, devido obviamente a expressivo aumento na produtividade. Esse aumento de produtividade pode ser atribuído não só às boas condições climáticas durante o ciclo vegetativo da cultura mas também ao emprego de semente de novos híbridos, o que não vinha ocorrendo desde 1971, quando, em virtude de helmintosporiose, houve necessidade da retirada de circulação de híbridos suscetíveis.

Note-se que em algumas zonas do Estado a produtividade atinge a 2.200 kg/ha, estimando-se que do total da área apenas 50% são plantados como cultura solteira.

Avalia-se que cerca de 50% da produção são consumidos nas propriedades destinando-se parcela variável à exportação (Santos e Paranaguá), sendo o restante comercializado internamente no País. Desta última cota, admite-se que aproximadamente 60% dirigem-se para outros estados, na forma in natura, principalmente para São Paulo responsável pela absorção de 60 a 70% desse valor (quadro 69).

A esses índices devem ser acrescidas uma parcela de derivados de milho (farelo, óleo, farinhas, etc) industrializados no Paraná e consumidos em outros estados, e outra parcela adquirida pela CFP e posteriormente comercializada. Em 1972 e 1973 foram compradas pela CFP 70.099 t e 122.191 t, respectivamente.

O mercado internacional para o milho paranaense tem sido reduzido nesses 2 últimos anos em razão de restrições impostas pelo Governo Federal. O Paraná deve ser o responsável por grande parcela do milho exportado, mas não se dispõe de informações do montante correspondente a esse Estado.

#### São Paulo

Após a retração de 13% na superfície plantada em 1972/73 devido aos baixos preços que antecederam o plantio, verificou-se na última safra uma estabilização da área semeada em vista aos bons preços mínimos então divulgados.

Por sua vez a produção apresentou aumento da ordem de 1,2%, graças aos ganhos de produtividade média que marcou novo recorde.

Da produção total, estima-se que, em média, 40% são retidos nas propriedades; do restante grande parte é vendida às indústrias de rações. Em geral, a participação do milho é de 70% no caso de rações destinados aos bovinos, 80% nas de suínos e 57% nas de aves. Note-

QUADRO 69. - Exportação de Milho do Estado do Paraná para Outras Unidades da Federação, 1972-74  
(tonelada)

Estado	Milho			Derivados de milho		
	1972	1973	1974 <sup>(1)</sup>	1972	1973	1974 <sup>(1)</sup>
São Paulo	316.042	425.851	...	26.246	41.848	...
Rio Grande do Sul	97.902	38.026	...	5.790	10.540	...
Santa Catarina	45.707	37.715	...	12.653	926	...
Rio de Janeiro	43.950	43.652	...	14.598	12.890	...
Guanabara	20.816	54.075	...	6.447	13.551	...
Minas Gerais	5.719	6.346	...	7.304	7.332	...
Outros	2.580	4.251	...	849	2.434	...
<b>Total</b>	<b>532.716</b>	<b>609.916</b>	<b>80.772</b>	<b>73.887</b>	<b>89.521</b>	<b>19.279</b>

<sup>(1)</sup> Somente referente aos totais dos meses de janeiro e fevereiro.

Fonte: Serviço de Acordo e Classificação no Estado do Paraná, 1972-74.

se ainda que o nível de modernização na industrialização do cereal é bem variável de firma para firma.

#### Outros estados

Nos demais estados produtores da região Centro-Sul a produção agregada é estimada em 5,9 milhões de toneladas, com os seguintes acréscimos percentuais em relação à última safra: 8% para a produção gaúcha, 19% para a catarinense, 54% para a goiana, 9% para a mato-grossense e 15% para a capixaba.

No Rio Grande do Sul a retração na área da cultura pode ser atribuída à expansão da soja. Cumpre salientar que sua produção tem sido insuficiente para atender a demanda interna, principalmente por parte dos suinocultores e avicultores, sendo que a procura insatisfeita é suprida por importações de Santa Catarina e Paraná. Assim sendo, caso venha a fracassar uma safra de milho poderão haver sérios problemas principalmente na avicultura estadual. O cultivo do milho é normalmente praticado em pequenas propriedades e estima-se que em 30% da área plantada utilizam-se sementes melhoradas. Estima-se ainda que da área cultivada apenas cerca de 20% sejam adubados. Há que se considerar, porém, que quando a cultura é feita imediatamente após a do trigo, se verifica o efeito residual da adubação. Contudo tal não será de grande expressão ficando aquém dos níveis recomendados. Na última safra, embora tenha ocorrido uma redução de 5% na área semeada verificou-se aumento de produtividade (+ 13%), porém os rendimentos são quase sempre inferiores a média da região Centro-Sul, sendo a falta de correção e adubação dos solos uma das causas determinantes.

Em Santa Catarina, registra-se o índice de rendimento médio mais elevado da região o que tem propiciado acréscimos na produção pois está havendo, também, ampliação da área plantada. Essa expansão vem sendo determinada pelo sensível aumento no consumo de milho motivado pela expansão do setor avícola e suinícola. O Estado exporta milho para o Paraná e Rio Grande do Sul. Entretanto, verifica-se também importação do cereal, principalmente do Paraná. O milho não é exportado para o exterior. Os programas de ampliação da produção e instalação de novos frigoríficos para aves e suínos deverão refletir-se num fortalecimento da demanda de milho no Estado.

O milho constitui cultura tradicional em Goiás, ocupando o segundo lugar em área plantada e cultivado em todos os municípios. A área, que se vinha mantendo mais ou menos estável em torno de 450.000 hectares, sofreu considerável aumento (29%) na safra 1973/74, registrando-se também ganho de produtividade da ordem de 19%, face ao uso de melhor tecnologia, devido aos incentivos de preço mínimo, crédito e mecanização.

No Estado de Mato Grosso, o feijão e o milho são cultivados nas mesmas áreas, sendo que de modo geral o plantio de feijão dá-se quando os agricultores vão "quebrar" o milho (fevereiro). As colheitas do milho e feijão são manuais, sendo que no Sul já se realizam algumas colheitas mecânicas principalmente nas maiores lavouras. O milho no norte e leste do Estado, em algumas vezes, é plantado para barateamento da formação de pastagem. O proprietário cede a terra para um lavrador e este planta o milho por um a dois anos agrícolas, devolvendo a terra com capim plantado.

No tocante às exportações brasileiras, observa-se que as mesmas começaram a crescer a partir de 1966, atingindo seu recorde em 1970 quando foram exportadas 1,5 milhão de toneladas. Em 1971 houve acentuado decréscimo e em 1972 nosso excedente exportável atingiu apenas a 175 mil toneladas.

Com o contingenciamento das exportações em 1973, verificou-se severa redução nas vendas chegando a níveis inexpressivos, tendo sido embarcadas pelos portos de Santos e Paranaguã apenas 23% do volume exportado em 1972 (quadro 70).

QUADRO 70. - Exportação de Milho pelos Portos de Santos e Paranaguã, 1968-73  
(tonelada)

Ano	Santos	Parana <u>guã</u>	Total
1968	629.736	559.123	1.188.859
1969	293.073	297.294	590.367
1970	582.650	864.690	1.447.340
1971	412.749	836.659	1.258.408
1972	27.814	147.484	175.298
1973	8.689	32.414	41.103

Fonte: Associação Nacional de Exportadores e IEA.

A excepcional produção esperada para este ano, aliada ao considerável "carry over" de 1972/73, compeliu à reabertura das exportações nacionais. Entretanto, face a queda de preços no mercado internacional (o milho americano nº 3 passando de US\$ 150/t - CIF Rotter - dam em março para US\$ 130 em maio), as negociações externas brasileiras encontravam-se paralisadas. Mais recentemente, porém, a previsão da queda na safra americana corrente (-11% em relação à safra do ano passado) fez com que subissem as cotações internacionais em agosto (até ± US\$ 155/t), abrindo assim novas perspectivas para o produto brasileiro. Porém uma nova queda ocorreu em setembro: até ± US\$ 135/t que não deverá impedir a meta de exportação neste final de ano que é da ordem de 1.000 mil toneladas das quais a CACEX já acatou pedidos de registro, até fins de agosto, de cerca de 700 mil toneladas.

Um dos óbices ao incremento da exportação brasileira situa-se no sistema de transporte do interior até os portos, considerado como um dos maiores ônus nas despesas de embarque do cereal.

O baixo rendimento do milho brasileiro, em contraste com os dos demais exportados, também contribui para tornar nosso produto relativamente mais caro. Os maiores concorrentes são: EE.UU., Argentina, Tailândia, México, França e África do Sul. Os maiores impor

tadores são: Japão, Itália, Inglaterra, Espanha, Alemanha Ocidental, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Canadá.

## II

Quanto a preços verifica-se que, de acordo com o quadro 71, no período 1971 a 1973 o milho tem mostrado valorizações acima do índice geral de preços na Região Centro-Sul e praticamente em todos os estados para os quais se dispõe de informações. Note-se, porém, que as médias anuais são simples pois não se conhecem os valores quantitativos comercializados mensalmente, o que todavia parece não invalidar o raciocínio: as diferenças são bastante acentuadas, principalmente no ano de 1973.

Em termos estaduais observa-se que as maiores valorizações relativas (base de 1971) ocorreram justamente nos estados onde a competição com a soja foi mais acentuada, como é o caso do Paraná e Rio Grande do Sul, especialmente em 1973 quando a média de preços de milho, no Paraná, foi superior à média da Região o que não se verificava anteriormente.

Outros pontos podem ser assinalados entre os quais: em Santa Catarina a despeito da valorização do produto, sua posição em relação à média regional tem tendência decrescente, reflexo provavelmente de ganhos de produtividade e produção. O contrário se verifica em Minas Gerais onde os preços se situaram sempre acima da média regional.

Em São Paulo, principal centro comercial da Região, a valorização do cereal está fortemente correlacionada com os volumes de exportação, embora no Paraná também haja influência significativa. Outrossim, verifica-se que no decorrer de 1973 a reduzida oferta estadual ocasionou melhores cotações superando mesmo as primeiras previsões, resultando num preço médio anual no Estado de São Paulo de Cr\$ 27,37 por saco.

Com a colheita da safra 1973/74 e dada a existência de razoáveis estoques remanescentes de 1972/73 os preços, tanto em São Paulo como no Paraná, apresentaram decréscimos no primeiro semestre de 1974 e o produto no interior passou a ser comercializado a níveis em torno do mínimo estipulado para a safra, ou seja, ao redor de Cr\$ 30,00/saco, trazendo certo desânimo e apreensão aos produtores. Contribuiu também para esta situação a expectativa de liberação das exportações de milho que causaram contenção nas transações ao nível do produtor. Posteriormente a maio, quando foram reabertas as exportações nacionais, as vendas ao exterior ficaram inicialmente paralisadas face às cotações internacionais que se mostravam em queda (o milho americano nº 3 passando a US\$ 150/t CIF-Rotterdam em março para US\$ 130 em maio).

A imediata reação de preços internacionais que se verificou em agosto, como decorrência das notícias de queda na produção americana, perdeu pouco notando-se a seguir nova queda. Atualmente os futuros dão indicação para outubro a dezembro de valores próximos aos US\$ 150/t CIF como em março.

### - Perspectivas

As previsões para 1974/75 indicaram expansão geral das áreas de milho da América do Norte, Europa e União Soviética. Caso as condições permanecessem favoráveis, o suprimento mundial do cereal deveria elevar-se consideravelmente para a temporada 1974/75.



QUADRO 71. - Preços Médios de Milho Pagos aos Produtores, Região Centro-Sul, 1971-74  
(em cruzeiros)

Mês	São Paulo				Paraná				Santa Catarina				Rio Grande do Sul			Minas Gerais			
	1971	1972	1973	1974	1971	1972	1973	1974	1971	1972	1973	1974	1971	1972	1973	1971	1972	1973	1974
Jan.	13,65	19,88	25,84	31,80	8,40	15,00	-	31,80	13,20	23,40	24,60	36,00	10,80	22,80	25,80	-	23,00	28,44	33,95
Fev.	14,04	19,91	24,36	30,94	9,60	16,20	-	31,80	13,20	22,20	22,20	37,20	10,80	22,80	25,80	-	24,00	28,68	31,88
Mar.	13,83	19,57	21,12	31,62	9,60	17,40	-	33,60	13,20	21,00	20,40	38,40	10,20	24,00	24,60	-	22,50	26,72	32,15
Abr.	13,56	17,31	20,37	32,39	9,60	15,00	-	32,34	12,00	19,20	18,60	37,80	10,80	23,40	23,40	-	20,50	25,25	31,11
Mai.	13,62	15,76	21,58	33,14	10,20	14,40	-	...	11,40	17,40	21,00	39,00	10,80	21,00	22,80	-	19,29	23,29	32,25
Jun.	13,70	14,73	24,39	29,68	10,20	13,80	-	...	12,00	18,00	19,80	...	11,40	24,00	24,00	-	19,29	24,04	...
Jul.	14,46	14,71	29,20	27,97	10,80	13,80	-	...	12,60	18,00	22,20	...	12,00	22,80	24,00	-	19,68	25,44	...
Ago.	14,66	15,82	32,72	...	11,40	14,40	29,40	...	13,20	18,00	27,00	...	13,80	22,80	26,40	-	21,04	28,46	...
Set.	14,43	17,50	32,73	...	12,00	15,00	28,80	...	13,80	18,60	29,40	...	13,20	22,20	31,20	-	21,04	31,78	...
Out.	14,73	21,85	32,50	...	12,60	17,40	...	...	14,40	21,00	30,60	...	15,00	24,00	31,80	-	24,37	32,76	...
Nov.	15,12	24,02	30,85	...	13,20	19,20	28,80	...	15,60	24,00	30,60	...	15,60	25,20	33,60	-	27,02	34,73	...
Dez.	17,78	25,03	32,74	...	13,80	19,80	30,00	...	19,20	25,20	31,20	...	15,60	27,00	33,00	-	28,22	35,38	...
Ano	14,46	18,84	27,37	...	10,95	15,95	29,25	...	13,65	20,50	24,80	...	12,60	23,40	27,00	(14,21)	22,50	28,75	...
Índice	100	130	189	...	100	146	267	...	100	150	182	...	100	186	214	100	158	202	...

(1) Estimativa.

Fonte: IEA, Sistema ABCAR, FGV, CER e Secretarias de Agricultura.

Nos Estados Unidos, a despeito do acréscimo de 10% na área, não se verificou a produção inicialmente prevista pelos órgãos oficiais de 169 milhões de toneladas. Dada a prolongada seca que castigou duramente o "Corn Belt" e posterior queda de temperatura, a safra americana ficou entre 9 e 11% inferior àquela de 1973/74, resultando numa estimativa de 126 a 128 milhões de toneladas, ou seja, 25% menos que as previsões iniciais.

A queda de rendimento verificada na produção americana foi em torno de 18% em relação ao do ano anterior.

As atuais safras da Argentina e África do Sul possibilitam que nos próximos meses ambos sejam importantes exportadores, com potencial agregado de 9 milhões de toneladas. Esta situação tem sido o fator preponderante a sustar a alta dos preços internacionais como seria de se esperar.

Do exposto pode-se prever que o curto prazo deverá caracterizar-se por um mercado instável ou nervoso em função de medidas a serem adotadas pelos principais exportadores mundiais.

Na atual conjuntura, as indicações são de que as transações internas deverão se realizar a nível levemente superior ao preço mínimo, desde que as cotações internacionais não apresentem tendência de altas acentuadas.

Embora os produtores demonstrem insatisfação perante aos atuais preços recebidos, a cultura se apresenta ainda como boa alternativa de produção, por sua fácil condução.

Assim, o Estado de Minas Gerais apresenta propensão à elevação da área de plantio em vista de melhor opção e através do deslocamento de fronteiras agrícolas. As primeiras intenções de plantio indicavam um aumento de plantio de 14% sobre a safra precedente que dada a atual conjuntura deverá ser realizado.

Em Santa Catarina, a maior demanda pelo cereal tem transportado a cultura das antigas zonas produtoras (Oeste) para as regiões próximas do Alto Vale do Itajaí, onde com o estímulo dado às necessárias calagens, tem se notado grandes ganhos na produtividade catarinense de milho, possibilitando melhores produções para os próximos anos. A entrada em funcionamento de novas fábricas de ração será fator de estímulo ao aumento de área, previsto ao redor de 10%.

No Rio Grande do Sul é esperada recuperação de áreas de plantio, anteriormente delegadas à soja.

No Paraná e em São Paulo, as primeiras intenções de plantio dos produtores, também indicam que poder-se-á registrar leve incremento na área cultivada de milho. Ainda para São Paulo, o modelo de oferta projeta incremento de 1,7% na área. Porém, a produção só será maior se se repetir o rendimento recorde de 1973/74.

De modo geral, as perspectivas são de que haverá expansão na área brasileira de milho sendo válida a ilação de que na Região Centro-Sul o incremento estará ao redor de 7% em relação à safra anterior. Contudo, produção acima de 1973/74 só será possível com rendimento médio regional acima de 1700 kg/ha.

No tocante ao comércio internacional, verifica-se que o Brasil continua sem tradição como fornecedor de milho. Urge maior definição quanto a seu posicionamento como exportador, a fim de que se fixem países compradores e se valorize o produto brasileiro, pela garantia de cumprimento dos contratos de venda (com políticas não restritivas à exportação). Condição essencial para tal objetivo é o incremento da produtividade, o que permitirá custos uni

tários menores.

## Soja

### - Panorama internacional

Em 1973/74 devido aos vigorosos aumentos ocorridos nas produções de soja nos Estados Unidos e Brasil, a produção mundial foi estimada em 62,62 milhões de toneladas, 10,88 milhões a mais da obtida em 1972/73, ou seja, mais 21% e superando de muito a taxa de aumento do ano anterior (9%) e a média do período 1965-72 que fora de 5,25% ao ano (quadro 72).

Os Estados Unidos mais uma vez confirmaram sua liderança na produção desta oleagino-sa participando com 67% do global, a China com 15% e o Brasil, terceiro produtor, com 11%. Jun-  
tos esses três países somam 93% do total mundial.

QUADRO 72. - Produção Mundial, Estoques e Consumo Aparente de Soja, 1970/71 a 1974/75  
(1.000t)

Item	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75 <sup>(1)</sup>
"Carry over" (30/9)	7.169	3.889	3.356	3.482	8.400
Produção	45.275	47.710	51.740	62.620	62.500
Consumo aparente	48.555	48.243	51.614	57.702	61.500
Estoque final	3.889	3.356	3.482	8.400	9.400

(<sup>1</sup>) Estimativa preliminar.

Fonte: Oil World Semi-Annual, Maio, 1974.

Deve-se observar que enquanto a oferta de soja mundial aumentou em 1973/74 de aproximadamente 20%, o consumo aparente só cresceu de 12%, permitindo uma recuperação nos estoques mundiais.

Para a safra de 1974/75, inicialmente previa-se que a produção a ser obtida se situasse no mesmo nível da anterior, ou seja, ao redor de 62,5 milhões de toneladas. Porém, as últimas estatísticas antecipam uma contração na oferta global decorrente das perdas na safra americana; alterando as perspectivas apresentadas acima.

A área americana para esta safra situa-se ao redor de 55 milhões de acres (22 milhões de hectares), portanto 4% menor que a do ano passado. Estimava-se inicialmente que a

produção a ser colhida a partir de setembro de 1974 seria apenas 1,6% menor que a anterior, em decorrência de um bom rendimento. Todavia, notícias de julho davam conta de uma quebra substancial de 100 milhões de bushels (2,6 milhões de toneladas) nas estimativas americanas, o que significaria uma diminuição de 10% em relação à safra recorde de 1973. Aos 12 de agosto, porém, o Departamento de Agricultura anunciou uma safra de 35,7 milhões de toneladas e portanto 16% aquém da safra de 42,6 milhões no ano passado. Obviamente, isto fez com que o mercado internacional, até então estável nos US\$ 230/t, tivesse uma recuperação nos níveis das cotações que chegaram aos US\$ 360/t, voltando depois aos US\$ 290/t no início de setembro.

As exportações mundiais de soja em grão no ano de 1973 totalizaram 15,2 milhões de toneladas, aproximadamente 13% mais que a de 1972. Desse total, os Estados Unidos exportaram 13,24 milhões de toneladas (87,2%) e o Brasil 1,83 milhão de toneladas ou seja, 12,1%. Em 1974, espera-se novo aumento nas exportações mundiais e o Brasil deverá vender 2,5 milhões de toneladas, ou mais de soja em grão; quanto ao farelo preve-se uma exportação ao redor de 2 milhões de toneladas.

Quanto aos países importadores, situam-se como principais o Japão, com 25% do total, Alemanha Ocidental (19%), Países Baixos, Itália, Reino Unido, Taiwan, Dinamarca e URSS (quadro 73).

QUADRO 73. - Importação de Soja em Grão pelos Principais Países, 1971-73  
(1.000t)

País	1971	1972	1973	Variação (%)	
				1972/71	1973/72
Japão	3.211,6	3.395,6	3.634,6	+ 5,7	+ 7,0
Alemanha Ocidental	2.095,6	2.236,6	2.837,4	+ 6,7	+26,9
Espanha	1.311,0	1.428,5	834,5	+ 8,9	-41,6
Países Baixos	1.208,9	1.608,7	1.269,0	+33,1	-21,1
Itália	857,8	818,6	840,0	- 4,1	+ 2,6
Reino Unido	306,5	538,5	779,4	+75,6	+44,7
Taiwan	522,6	711,6	626,0	+36,0	-12,0
Dinamarca	491,1	533,3	388,0	+ 8,6	-27,2
URSS	-	252,0	723,0	...	+286,9
Outros	2.615,9	2.273,6	2.684,1	-13,1	+18,0
Total mundial	12.621,0	13.797,0	14.616,0	+ 8,9	+ 5,9

Fonte: Oil World Semi-Annual, Maio, 1974.

Como observado anteriormente, a produção de soja obtida em 1973/74 permitiu uma recuperação parcial dos estoques mundiais, que desde 1969/70 estavam baixos, visto que as produ

ções nesses últimos anos não foram capazes de permitir excedentes, agravadas pela queda de produção de outras oleaginosas.

Por outro lado, observou-se em 1973/74 uma recuperação da produção da farinha de peixe no Peru que vinha exercendo pressão altista no mercado de farelos.

QUADRO 74. - Produção Mundial, Estoques e Consumo Aparente de Grãos Oleaginosos, 1970/71 a 1973/74 (1.000t)

Item	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74
"Carry over" (30/9)	8.264	6.207	5.952	4.860
Produção	105.143	108.954	110.716	125.508
Consumo aparente	107.200	109.209	111.808	120.998
Estoque	6.207	5.952	4.860	9.370

Fonte: Oil World Semi-Annual, Maio, 1974.

Com a colheita da última safra americana e sua comercialização, bem como pela recuperação de produção de outras oleaginosas, iniciou-se a partir de fevereiro de 1974 uma queda nas cotações internacionais tanto de soja em grão como de farelo. Assim, no decorrer do ano de 1974 as perspectivas são de que os preços da soja não atinjam aqueles de 1973, os quais podem ser considerados excepcionais e até certo ponto consequentes da crise monetária mundial.

As primeiras estimativas para o ano 1974/75 indicam uma situação em que a produção mundial de sementes oleaginosas poderá atender a demanda anual apesar do aumento do consumo previsto, porém os estoques mundiais deverão diminuir. As indicações são de que os preços da soja no mercado mundial, quando da sua comercialização em 1974/75, não deverão situar-se muito acima dos observados nos últimos 2 meses (quadro 75) quando se verificou sensível reação nas cotações, o que foi explicado pela evolução da safra americana.

#### - Situação interna

No ano de 1974 a produção brasileira atingiu novo recorde ultrapassando a 7 milhões de toneladas e apresentando, em relação à safra anterior, um aumento de aproximadamente 47%, ou seja, semelhante ao incremento da safra passada sobre a precedente.

O Rio Grande do Sul mais uma vez foi o primeiro estado produtor com 53,6% do total, seguido pelo Paraná com 29%, São Paulo 7%, Santa Catarina 6,5% e os demais com 3,8% (quadro 76). Acrescente-se, porém, que outras informações não oficiais dão conta que os números relativos ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina estariam super-estimados.

Esse crescimento vertiginoso da cultura da soja nos últimos 5 anos é decorrente de vários fatores: a) produto que vem encontrando segura colocação no mercado externo a preços compensadores, tanto "in natura" como para seus derivados (óleos e farelo); b) cultura de boa rentabilidade econômico tratando-se de exploração moderna e mecanizável em todas as fases e c) na parte sul do País, cultivada em rotação na mesma área do trigo, permitindo maior utilização da terra e do capital.

QUADRO 75. - Cotações Internacionais de Soja (USA nº 2), 1968-74  
(US\$/t - CIF - Rotterdam)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	110	107	107	125	125	214	261
Fev.	111	107	110	125	127	259	271
Mar.	110	107	111	124	135	258	265
Abr.	109	107	112	119	140	260	235
Mai.	109	107	115	122	140	358	229
Jun.	107	105	118	127	138	470	228
Jul.	107	105	122	134	141	330	276
Ago.	106	99	120	131	141	331	325 <sup>(1)</sup>
Set.	100	95	119	124	135	266	...
Out.	99	99	123	125	136	241	...
Nov.	104	101	125	125	148	239	...
Dez.	105	102	121	112	174	254	...
Média anual	105	103	117	126	140	290	...

<sup>(1)</sup> Média preliminar.

Fonte: Oil World Weekly.

No Estado de São Paulo a produção de soja, em 1974, apresentou o incremento de 58% quando comparada com a de 1973 (a melhor expectativa era um aumento de 45%); nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná os aumentos foram de 40% e 49%, respectivamente. Como se vê, nos estados maiores produtores os ganhos de produção superaram as expectativas.

As exportações brasileiras no decorrer do ano de 1973 atingiram a 1,8 milhão de toneladas para a soja em grão e 1,6 milhão de toneladas de farelo e torta de soja, contra 1,04 milhão de toneladas em grão e 1,45 milhão de toneladas em farelo e torta em 1972. O Governo brasileiro, em abril de 1973, a fim de evitar que as exportações da soja em grão e de farelos viessem a ocasionar problemas no abastecimento do mercado interno, estabeleceu um sistema de contingenciamento das exportações desses produtos (1 parte retida para 3 par-

QUADRO 76. - Produção Brasileira e Principais Estados Produtores de Soja, 1969/70 a 1973/74  
(tonelada)

Estado	1969/70		1970/71		1971/72		1972/73		1973/74 <sup>(1)</sup>	
	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%
Rio Grande do Sul	976.000	64,7	1.200.000	57,1	2.000.000	57,2	2.850.000	56,0	4.000.000	53,6
Paraná	348.600	23,1	567.100	27,0	966.203	27,6	1.460.300	28,7	2.170.000	29,1
São Paulo	97.800	6,5	93.600	4,5	222.000	6,3	330.000	6,5	522.000	7,0
Santa Catarina	52.998	3,5	100.000	4,8	130.000	3,7	260.000	5,1	486.000	6,5
Outros Estados	33.142	2,2	139.300	6,6	181.797	5,2	185.000	3,7	285.000	3,8
Tota)	1.508.540		2.100.000		3.500.000		5.085.300		7.463.000	

(<sup>1</sup>) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola - SP., CEPRES - PR, Ministério da Agricultura e Secretarias da Agricultura dos Estados da Região Centro-Sul.

tes exportadas).

Ao início de 1974, com a finalidade de evitar uma alta nos preços de rações e óleo no mercado interno, o Governo manteve o contingenciamento para as exportações, porém alterando a relação no caso dos farelos para 1 por 5. Com isso, pretendia-se um estímulo para maior exportação de farelos, liberando-se uma quantidade maior de óleo para o abastecimento interno. Todavia, no início de abril, com a queda nas cotações internacionais, o produto brasileiro não encontrou condições para exportações tão favoráveis como no ano anterior, sendo retirada a imposição de contingenciamento para a exportação e permanecendo apenas a proibição da exportação do óleo, em razão da deficiência de abastecimento ocorrida neste setor. A partir de julho, com a liberação dos preços internos dos óleos em geral, o abastecimento tende à normalização.

Dada a atual conjuntura no mercado mundial pode-se dizer que no Brasil o comércio de soja, nos meses de fevereiro a junho de 1974, esfriou em razão dos menores preços oferecidos aos agricultores. Houve então, uma estocagem muito grande do produto na expectativa da safra americana. Depois, como reflexo dos preços internacionais em alta, o mercado se ativou bastante em julho e os preços internos reagiram de 8% ou mais (quadro 77). Essa reação, porém, só beneficiou uma parcela da produção já que de maio a junho significativa parte já teria sido comercializada a preços mais baixos.

Até 31 de julho de 1974, saíram pelo porto de Santos 29.082 toneladas de soja em grãos contra 208.964 toneladas para o mesmo período do ano anterior. No caso do farelo, a situação foi idêntica com uma exportação de 63.081 toneladas nesses 7 meses contra 104.074 toneladas por igual período de 1973. As exportações brasileiras totalizaram até a mesma data 1,15 milhão de toneladas de soja em grão e 550 mil toneladas de farelo e torta.

QUADRO 77. - Preços Médios de Soja Recebidos pelos Produtores Paulistas, 1968-74  
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	14,40	17,67	22,28	34,37	34,92	42,84	70,05
Fev.	17,50	18,14	25,67	30,00	33,02	58,54	72,83
Mar.	14,67	15,00	20,33	29,18	31,54	58,60	59,45
Abr.	16,08	19,50	20,59	30,36	33,60	53,90	62,50
Mai.	17,50	20,10	20,76	29,92	35,26	64,21	57,89
Jun.	16,64	19,36	23,09	30,93	35,69	84,46	54,49
Jul.	17,67	22,42	26,07	32,53	36,34	99,54	59,04
Ago.	18,57	20,12	26,42	34,71	37,06	96,82	76,88
Set.	17,96	18,96	26,74	35,24	38,52	93,67	...
Out.	14,00	24,41	28,74	35,85	40,61	73,10	...
Nov.	16,00	23,86	30,41	35,78	40,41	69,94	...
Dez.	18,40	25,86	32,34	36,84	40,00	70,94	...
Média (valor corrente)	16,62	20,46	25,35	32,01	36,40	72,22	...
Média (valor 1973)	38,93	39,70	41,07	43,04	41,86	72,22	...



## - Perspectivas

A soja que até o final de 1973 vinha registrando preços relativamente compensadores para os agricultores, tornando-se um fator bastante significativo na expansão desta cultura, em 1974, ao início da comercialização da safra, passou a ter preços inferiores aos esperados devido a mudanças ocorridas no mercado internacional. Tal fato veio ocasionar um certo descontentamento aos agricultores, inclusive com reflexos no escoamento da produção, em razão da tendência de estocar o produto à espera de melhores condições de venda. Essa situação prevaleceu até julho. Com a virada do mercado internacional (em decorrência da quebra norte-americana) teria ocorrido uma reversão das expectativas para a futura safra, somando-se a isso o preço mínimo de Cr\$ 60,00 que proporcionará uma certa atualização nos financiamentos de custeio. Todavia, informações nos meios especializados no decorrer da 1ª quinzena de setembro davam conta de revisão nas estimativas de 12/8 do USDA. Segundo essas fontes a queda de produção não seria realmente de 16% e sim de 7 a 8%, o que coincidiu com a citada baixa de cerca de US\$ 50/t no prazo de 15 a 20 dias. Não seria fora de propósito admitir-se um certo caráter especulativo nessas informações.

Para a futura safra brasileira, as indicações permitiam prever uma estabilização da área plantada ao nível de 1973/74 (Prognóstico de São Paulo); mudando agora as perspectivas em favor de um aumento inferior, porém, ao dos últimos anos. Assim, o Brasil deverá produzir de 8 a 8,5 milhões de toneladas. Os maiores acréscimos são esperados em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Paraná.

## - Tomate

### - Panorama internacional

A produção mundial de tomate em 1973 cresceu 3,7% em relação ao ano anterior, totalizando 33,5 milhões de toneladas. A elevação dos preços de produtos de tomate, em 1973, veio estimular para 1974 o aumento de plantio nos países de maior expressão no comércio internacional, com reversão na tendência de decréscimo que se vinha observando.

O aumento verificado de 16% na área plantada, em 1974, de tomate industrial nos Estados Unidos permitiu que se alcançasse 142 mil hectares contra 122 mil hectares de 1973. Na Itália também houve acréscimo da ordem de 8%.

O mais notável é a elevação do preço de tomate destinado à industrialização, que de US\$ 35,00 por tonelada em 1972, passou para US\$ 42,00 por tonelada em 1973, devendo alcançar, nos Estados Unidos US\$ 60,00 por tonelada em 1974 e, US\$ 62,50 na Itália. Particularmente para os tomates da variedade Roma, destinados inteiros ao enlatamento, as cotações esperadas são de US\$ 115,00 nos Estados Unidos e US\$ 132,00 na Itália.

Normalmente os preços de extrato variavam de US\$ 250,00 a US\$ 300,00 por tonelada, mas em 1973 passou a ser negociado entre US\$ 500,00 e US\$ 800,00 por tonelada. Tal fato deve

se a rápida expansão da demanda internacional de produtos de tomate, cujas cotações deverão manter-se em níveis relativamente altos possibilitando a colocação do produto brasileiro em condições competitivas.

#### - Situação interna

A produção brasileira em 1973 foi de 815 mil toneladas, ou seja, 5,8% maior do que a anterior. A indústria absorveu 210 mil toneladas de matéria-prima, quando as necessidades somente para atendimento do mercado interno seriam da ordem de 280 mil toneladas.

Destarte durante o período de outubro de 1973 a julho de 1974 permitiu-se a importação de 10 mil toneladas de extrato, equivalentes a cerca de 60 mil toneladas de fruto "in-natura", para cobrir o déficit de abastecimento do mercado brasileiro. As importações foram feitas da Argentina, Estados Unidos e Portugal.

Uma vez obtida a produção de 400 mil toneladas de tomate industrializável em 1974, espera-se alcançar no total um milhão de toneladas no País.

Se estas cifras forem confirmadas, poder-se-á obter o pleno abastecimento da necessidade interna de 300 mil toneladas de matéria-prima, possibilitando a formação de estoque e excedente exportável.

A produção de tomate na região Centro-Sul deverá situar-se ao redor de 830 mil t, e perto de 330 mil t se destinarão à industrialização em 1974.

O Estado de São Paulo participa com cerca de 74% da produção regional, seguindo-se Minas Gerais e Rio de Janeiro com 8% cada, enquanto que os demais estados respondem pelos 10% restantes e neles a tomaticultura não representa grande valor econômico.

Nos últimos cinco anos em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul verificaram-se aumentos de produção superiores a 10% ao ano.

No Estado de São Paulo esse aumento anual foi de 8% e sua produção representa mais da metade da produção nacional.

O Estado do Rio de Janeiro apresentou oficialmente um crescimento de 12% entre 1973 e 1974, embora acredite-se que esse porcentual esteja subestimado pois no momento ocorre uma crise de superprodução.

No Espírito Santo a produção cresceu rapidamente, ocupando posição de destaque dentro da agricultura local, mas atualmente se encontra relativamente estabilizada.

Em Minas Gerais, a produção vem crescendo ao redor de 18% ao ano tendo alcançado 66 mil t em 1973. Da mesma forma observa-se rápido crescimento da demanda local de hortaliças. No Norte do Estado (área da SUDENE) existem diversos projetos de exploração desta cultura, prevendo-se implantação de fábricas de processamento de tomate. Seu deslanche imediato defronta-se com a carência de adaptação ecológica da cultura, e dos primeiros resultados das pesquisas atualmente em execução.

No Rio Grande do Sul, observou-se maior crescimento da produção com a implantação de uma fábrica da CICA que absorve boa parte da colheita, permitindo durante certa época do ano uma autosuficiência. Nos demais meses o mercado é abastecido por produto de São Paulo.

De um modo geral, verificou-se também acentuado crescimento do setor na área da industrialização, através da ampliação da capacidade de processamento com a instalação de novas

fábricas, particularmente, em São Paulo (quadro 78).

QUADRO 78. - Produção e Industrialização de Tomate, Estado de São Paulo, 1968-74  
(1.000t)

Ano	Produção total	Produção da cultura envarada	Produção da cultura rasteira	Volume	
				Industrializado	Comercializado CEAGESP
1968	419	275	144	170	181
1969	421	223	198	180	171
1970	440	286	154	210	224
1971	478	268	210	225	225
1972	488	322	166	190	225
1973	526	392	134	170	251
1974 <sup>(1)</sup>	610	330	280	340	...

(<sup>1</sup>) Preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

#### - Perspectivas

A nível regional, o ritmo de crescimento do consumo de tomate de mesa parece estar sendo afetado pela elevação do preço do produto no varejo, com significativo aumento dos custos de comercialização e eventual tendência da população em diminuir os gastos na aquisição de hortaliças.

A elevação de 80% nos custos de produção entre os primeiros semestres de 1973 e 1974 não foi compensada pelo aumento de apenas 26% no preço do produto ao nível de atacado. Essa situação deverá obrigar os produtores a reduzirem o plantio para a próxima safra a fim de manter os preços em níveis compensatórios nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Nos demais estados, as produções deverão continuar crescendo, de forma a atender a demanda local, capaz de suportar preços que cubram os diferenciais de frete do produto paulista ou fluminense.

A industrialização deverá ser o principal responsável pelo aumento global de 15% na produção de tomate que poderá ocorrer no próximo ano. O tomate industrial no Estado de São Paulo ocupa uma área de 23 mil hectares, produzindo 280 mil t em 1974, mais do que o dobro da produção de 134 mil toneladas de 1973.

Primeiras partidas de extrato de tomate estão sendo negociadas pelas firmas paulistas que poderão consolidar a nossa posição de exportador, já em 1975. O mercado internacional deverá continuar em alta, em decorrência da elevação dos custos de produção no âmbito mundial. Os preços atualmente pagos pela indústria (Cr\$ 0,38/kg) são satisfatórios e de

verão estimular a ampliação da área do tomate rasteiro para a próxima safra o que, todavia, poderá ser dificultado pela falta de tradição e "know-how" dos produtores de regiões novas, ocasionando assim elevações do custo unitário de produção.

Da mesma forma as eventuais sobras de tomate envarado, que ciclicamente ocorrem em determinadas zonas da região Centro-Sul, também são de difícil absorção por fábricas locais cujos funcionamentos ficariam sempre na dependência de fornecimento contínuo de matéria-prima. Eventualmente, pequenas ou médias instalações fabris próximas às Centrais de Abastecimento poderão corrigir as distorções de preços que ocorrem temporariamente com tomate e outras hortaliças.

- Trigo

- Panorama internacional

No ano agrícola 1973/74, Rússia (29%) e Estados Unidos (12%) foram os maiores produtores de trigo cuja produção alcançou 377 milhões de toneladas métricas (quadro 79).

QUADRO 79. - Maiores Produtores e Quantidade Produzida de Trigo por Países, Anos Agrícolas 1971/72 a 1973/74 (1.000 toneladas métricas)

País	1971/72	1972/73	1973/74
Rússia	98.760	85.950	109.700
EE.UU.	44.030	42.045	46.576
China	32.500	34.500	35.000
Índia	23.833	26.410	24.923
França	15.482	18.123	17.792
Canadá	14.412	14.514	17.112
Austrália	8.510	6.551	11.500
Outros	116.371	119.528	114.452
Total mundial	353.898	347.621	377.055

Fonte: Boletim Mensual de Economia Y Estadística Agrícolas FAO - Fev. 1974.

A queda de produção em 1972/73 elevou o preço do trigo no mercado internacional.

Essa elevação se deveu principalmente à má colheita soviética em 1972 e às monções que castigaram a Índia no mesmo ano. Isto provocou: a) volumosas compras de trigo americano pela URSS e em menor escala pela China; b) suspensão das exportações pelo Mercado Comum Europeu e Argentina (este País se viu forçado a negociar a importação do produto para honrar compromissos de exportação); e c) incentivo às exportações do cereal pelos EE.UU. para equilibrar sua balança comercial provocando uma redução acentuada dos estoques que chegaram ao nível mais baixo dos últimos 20 anos.

As reservas mundiais de trigo atingiram em fins de junho de 1974 apenas um terço das registradas há quatro anos atrás, e ao que tudo indica essa situação prosseguirá até 1975, pois os aumentos de produção em 1973/74 e a expectativa de elevações em 1974/75 serão suficientes apenas para recuperar os estoques de segurança. Para o Departamento de Agricultura dos EE.UU. os estoques finais estimados para 1974/75 (56,6 milhões de toneladas métricas) deverão ser 8,4 milhões de toneladas métricas maior que 1973/74 (48,2 milhões) e 11,1 milhões que 1972/73 (45,5 milhões).

Para o Conselho Internacional do Trigo a produção mundial para o período 1974/75 (excluída a China) deverá variar entre 342 e 355 milhões de toneladas desde que não se verifiquem danos nas áreas de produção até o momento da colheita. Essa estimativa supera o recorde de produção do período 1973/74 que foi ao redor de 340 milhões de toneladas (também excluída a China).

O mau tempo (fortes chuvas na primavera) prejudicou as perspectivas da colheita 1974/75 nos EE.UU. e Canadá, onde as perdas totais devem ainda ser melhor avaliadas. As autoridades americanas revisaram os cálculos de aumento e a previsão de 20% sobre a safra passada baixou para 12%, com reflexos no mercado internacional. Essa elevação talvez não seja ainda suficiente para permitir o aumento dos embarques do Programa Alimentos para a Paz para nações como a Índia, mas poderão atender as necessidades comerciais (embora o preço deva continuar elevado) e permitir o reinício de um maior armazenamento de reservas.

A maior incógnita atual diz respeito à produção da União Soviética. Embora os especialistas soviéticos estimem safra recorde, suficiente para que o Governo russo não recorra à importação, há preocupação com o atraso na colheita atual; 22 milhões de acres ainda precisam ser soados. Esse atraso, devido principalmente às falhas na organização das tarefas de trabalhadores e manutenção do equipamento, poderão deixar o trigo exposto muito tempo à chuva.

O mau tempo tem afetado bastante as previsões americana e soviética; em função disso os preços vem refletindo essas incertezas. Nesta mesma época do ano passado, na Bolsa de Chicago a tonelada custava 90 dólares; quando se verificou intensa procura e redução nos estoques. No início de 1974 os preços subiram a 240 dólares. Com a grande safra norte-americana da última primavera (abril pp) o preço estabilizou-se em torno de 130 dólares e ultimamente (fins de julho) com as previsões de quebra na produção esperada alcançou 175 dólares por tonelada.

As possibilidades atuais de equilíbrio a curto prazo no mercado mundial são precárias já que se vem observando ainda um processo de recuperação de estoques. Para a próxima temporada as importações serão influenciadas pelos altos preços do petróleo, fertilizantes e defensivos, além do aumento da área cultivada com trigo nos países importadores. Ademais, para o Conselho Internacional do Trigo, o preço do produto no mercado mundial poderá ter nas

importações do período 1974/75 impacto maior que o de 1973/74.

#### - Situação interna

O Governo brasileiro vem estimulando aumentos de produção para atenuar nossa grande dependência do mercado externo. Tanto assim que o atual Governo colocou esse produto na pauta das prioridades agrícolas, cujas metas visando a autosuficiência começaram por estímulo no preço básico (Cr\$ 45,00 na safra de 1973 e Cr\$ 80,00/sc na de 1974) e investimentos adicionais em pesquisa visando melhoria da produtividade.

Em 1973 para um consumo aparente de 3,7 milhões de toneladas o Brasil produziu cerca de 2 milhões. Em 1974 as necessidades de importação seriam de 2,7 milhões de toneladas. Destas, 1,3 milhão de toneladas já foram compradas e mais 600 mil estão garantidas por acordo feito com o Canadá, devendo o restante ser importado principalmente dos EE.UU. Enquanto em 1973 foram gastos US\$ 370 milhões, este ano já se gastou US\$ 225 milhões devendo as compras totais ultrapassar o valor do ano passado.

Inicialmente os técnicos oficiais estimavam uma colheita de 2,5 milhões de toneladas (baseada numa área plantada de 2,2 milhões de ha) para a safra atual em consequência dos incentivos dados ao setor. Mesmo assim a produção brasileira ainda é pequena, destacando-se Rio Grande do Sul e Paraná como os maiores produtores. Essa estimativa de 2,5 milhões de toneladas deverá sofrer uma pequena redução (5 a 10%) dado o longo período de seca (até meados de agosto) e as fortes chuvas (fins de agosto) que ocorreram no norte do Paraná principalmente e oeste de São Paulo, onde se estimou uma redução de até 20% na produção regional. No norte do Paraná a colheita é mais precoce que em outras partes do Estado (começa em agosto) e a qualidade do produto que está sendo colhido, após as fortes chuvas está apresentando acentuado índice de umidade chegando a atingir 22 a 25 graus (o normal é em torno de 13 graus) como também há indícios da germinação de grãos na própria espiga. O quadro 80 apresenta as estatísticas disponíveis para 1970-74.

A produção brasileira tem apresentado algumas oscilações. Em parte isso se justifica pelos fatores climáticos adversos, como ocorreu em 1972, quando de uma colheita prevista de 2 milhões de toneladas se reduziu a apenas 685 mil, a mais baixa dos últimos 6 anos.

A atual situação nos principais estados produtores apresenta-se da seguinte maneira. No Rio Grande do Sul a área plantada em 1974 permaneceu praticamente a mesma do ano anterior. Apesar do bom incremento no preço básico, os produtores gauchos reagiram à elevação nos preços dos fertilizantes, item que correspondeu a 51% dos custos operacionais para a safra de 1974.

A área da gramínea no Estado do Paraná tem apresentado as maiores taxas de crescimento, sendo acompanhada pelo surgimento de novas variedades, modernização das cooperativas e seus armazéns e rotação com a soja. Foi estimada para a presente safra um aumento de 61,2% na área plantada (550.000 ha em 1974 contra 341.015 em 1973). Esta área estimada em 550 mil ha foi baseada no volume produzido e comercializado de semente que foi de 1.180 mil sacas de 50 kg. Ressalte-se ainda a entrada e a não computação de sementes do Rio Grande do Sul.

Para o Estado de São Paulo as estimativas (previsão de junho de 1974) mostram uma elevação da área plantada de 231% em relação ao ano passado (plantou-se 27,3 mil ha em 1972, 28,7 mil ha em 1973 e 95 mil ha em 1974). Outro ponto a considerar é o deslocamento da área

QUADRO 80. - Produção de Trigo: Brasileira, Sul Riograndense e Paranaense, 1970-74  
(1.000 toneladas)

Ano	R.G. do Sul	Paraná	Outros estados	Brasil
1970	1.511,57	172,20	51,20	1.734,97
1971	1.747,14	240,31	51,47	2.038,92
1972	561,53	89,07	34,02	684,62
1973	1.437,70	453,97	109,02	2.000,69
1974 <sup>(1)</sup>	1.432,80	536,47	250,36	2.219,63

(<sup>1</sup>) Estimativa.

Fonte: CTRIN - Banco do Brasil e Secretaria da Agricultura.

de cultivo do sul do Estado (Itapetininga, Capão Bonito e Itapeva principalmente) com solos de baixa fertilidade, para o Vale do Paranapanema (Sub-região Agrícola de Assis) que apresenta solos de melhor qualidade. Nesta região, a rotação soja-trigo permitindo duas colheitas anuais e melhor aproveitamento das máquinas tem sido um dos fatores para a maior produção.

#### - Perspectivas

Como a preocupação atual do Governo com relação ao trigo é reduzir as importações através de estímulos internos para aumentar a produção anteve-se boas perspectivas para a triticultura nacional no próximo ano. Para tanto, os seguintes motivos deverão atuar de forma positiva: preço subsidiado e suporte de crédito, garantia de comercialização, pesquisa e assistência técnica.

Por ora o grande problema não é encontrar tipos de solo e de clima apropriados ao trigo, mas sim variedades de trigo adequadas às condições de clima e solo. Na opinião de técnicos do setor os trabalhos de pesquisa deverão estender-se às áreas não tradicionais de cultivo como o Vale de São Francisco (trigo irrigado), sul do Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e sudoeste de São Paulo.

Atualmente em algumas dessas regiões (Vale do Paranapanema em São Paulo e Maracaju e Dourados no sul de Mato Grosso) reina grande entusiasmo para com o trigo. O reconhecimento da existência de condições climáticas favoráveis e a manutenção de preços remuneradores poderão tornar essas regiões grandes produtoras em prazo relativamente curto. No sul do Mato Grosso, existe uma imensa área com características propícias à cultura.

Estímulo adicional é representado pelo reajuste de 5% ao preço-base, aprovado pelo Governo Federal em 10/9/74; o novo preço passando agora a Cr\$ 84,00/sc.

Embora para o próximo ano as perspectivas para o trigo sejam boas, alguns pontos poderão agir como "freios" à expansão de área e produtividade. Com o incremento da área cultivada a produção de sementes selecionadas deverá merecer maior atenção para atender a demanda. Outros insumos como fertilizantes, defensivos, e combustível poderão atuar desfavoravelmente, principalmente o primeiro. Sinal evidente foi a reação do produtor gaúcho cuja área plantada neste ano foi quase igual a do ano passado. Em São Paulo e região Centro-Sul do Paraná as estimativas para 1974 revelaram que os gastos com fertilizantes andaram ao redor de 43% e 40% dos custos operacionais, respectivamente. Outro problema poderá ser a infraestrutura de comercialização.

- Panorama internacional

Após um período de relativa escassez nos anos de 1970 e 1971 a produção de leite, principalmente na Europa e Oceania, tendeu a superar de novo, a partir de 1972, a demanda comercial. Isto, em boa parte, devido aos aumentos dos preços de leite e produtos lácteos.

Hoje, verificam-se novas campanhas de venda a preços baixos na Suíça e Noruega para dar saída aos excedentes de queijo e manteiga. Na CEE as medidas tomadas para inverter a tendência decrescente no consumo de manteiga estabeleceram, pela primeira vez, uma redução nos preços de sustentação enquanto que o preço administrado para o leite desnatado em pó se elevou uma vez mais de forma sensível.

Em alguns países da Europa Ocidental prosseguem planos para elevar o emprego do leite e produtos lácteos na alimentação animal. Calcula-se que, em 1972, leite líquido e em pó destinados à alimentação de animais na Europa Ocidental excederam 1,5 milhão de toneladas em equivalente de leite desnatado em pó.

Os Estados Unidos, antes grande exportador e doador de produtos lácteos para ajuda alimentar, vem sofrendo reduções em sua produção leiteira face aos elevados preços dos insumos e maior sacrifício de vacas. Em virtude disso houve suspensão dos programas de ajuda alimentar bem como se permitiram importações de leite em pó, queijo e manteiga, além de se conceder aumento do preço de sustentação do leite em 1973/74.

Países da Europa Ocidental e Rússia vêm dando maior atenção à produção leiteira, com os respectivos governos subvencionando a indústria de laticínios a fim de baratear o preço ao consumidor.

Nos países em desenvolvimento, segundo a FAO, esforços têm se desenvolvido para elevar a produção de leite com a finalidade de por um "freio" no aumento da importação de leite em pó. Esses esforços têm sido compensados e favorecidos pelo fato de que vantagens comparativas na produção de leite nesses países têm sido reforçadas com a recuperação dos preços mundiais. Por outro lado, embora haja uma expansão substancial na produção de alguns desses países, o progresso geral da pecuária leiteira tem se mantido lento. A demanda continua se elevando mais rapidamente que a produção. Esta defasagem é mais evidente em determinados países sul-americanos onde os governos prestam maior atenção ao consumo de leite e produtos lácteos.

- Situação interna

No Brasil, embora se estime que a produção leiteira tenha aumentado no último decênio com mais rapidez que a população, o consumo per capita é ainda bastante baixo. Neste período, há evidências que a taxa de crescimento da produção não tem, contudo, acompanhado a evolução da capacidade de absorção do mercado; em função disso, são por demais conhecidas as



crises de abastecimento nos grandes centros que se repetem em escala crescente principalmente nos meses de entre-safra (maio a outubro).

Na região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) dado o ritmo de crescimento populacional da ordem de 3,4% na última década, já tem ocorrido pequenos problemas no abastecimento dos grandes centros na entre-safra; os déficits sendo supridos com a reidratação de leite em pó.

#### Rio Grande do Sul

Fontes oficiais estimaram para 1974 produção semelhante a do ano passado: 670 milhões de litros. O abastecimento de Porto Alegre é feito normalmente por leite "in natura" e somente na entre-safra é importado o leite em pó. Em 1971 foram importadas 1.312 toneladas de leite em pó nacional; 2.266 toneladas em 1972 e no ano passado 1.320 toneladas de leite nacional e 1.494 toneladas de origem estrangeira.

#### Paraná

A produção estadual estimada para 1974 (617 milhões de litros) é de 27 milhões de litros a mais que em 1973 (590 milhões de litros). Dados oficiais das cooperativas de laticínios mostram que no ano de 1973, de um total distribuído de 95.100 mil litros, 753 mil foram provenientes de leite em pó reidratado. Até julho de 1974 para uma entrada de 54.400 mil litros, 898 mil são de leite em pó (a maior participação se verificando nos meses de junho e julho), acentuando a quantidade do leite em pó em apenas 7 meses.

Na região Sudeste (Guanabara, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo) há problemas mais graves na pecuária leiteira, principalmente no abastecimento dos grandes centros (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte).

#### Guanabara

Ainda não considerando a fusão Guanabara-Rio de Janeiro o primeiro Estado não apresenta qualquer destaque digno de registro na pecuária leiteira. Seu rebanho diminuto (6,5 mil vacas) produz principalmente para consumo da população rural. Anualmente as duas usinas de beneficiamento de leite existentes na Guanabara recebem, em média, 345 milhões de litros de leite "in natura" cru, produzindo a partir daí aproximadamente 330 milhões de litros de leite pasteurizado tipo C. Os estados fornecedores de leite cru para a Guanabara são, pela ordem, Minas Gerais (46,4%), Espírito Santo (26,8%) e Rio de Janeiro (25,6%). Há que considerar-se ainda a entrada de 3.600 mil litros de leite pasteurizado tipo C e 2.980 mil litros de leite tipo B e a reconstituição de 20.637 mil litros a partir do leite em pó (1973).

Parte do leite tipo C pasteurizado na Guanabara é destinado ao Estado do Rio de Janeiro (aproximadamente 43 milhões de litros), podendo-se, portanto, estimar o consumo a-

- Panorama internacional

Após um período de relativa escassez nos anos de 1970 e 1971 a produção de leite, principalmente na Europa e Oceania, tendeu a superar de novo, a partir de 1972, a demanda comercial. Isto, em boa parte, devido aos aumentos dos preços de leite e produtos lácteos.

Hoje, verificam-se novas campanhas de venda a preços baixos na Suíça e Noruega para dar saída aos excedentes de queijo e manteiga. Na CEE as medidas tomadas para inverter a tendência decrescente no consumo de manteiga estabeleceram, pela primeira vez, uma redução nos preços de sustentação enquanto que o preço administrado para o leite desnatado em pó se elevou uma vez mais de forma sensível.

Em alguns países da Europa Ocidental prosseguem planos para elevar o emprego do leite e produtos lácteos na alimentação animal. Calcula-se que, em 1972, leite líquido e em pó destinados à alimentação de animais na Europa Ocidental excederam 1,5 milhão de toneladas em equivalente de leite desnatado em pó.

Os Estados Unidos, antes grande exportador e doador de produtos lácteos para ajuda alimentar, vem sofrendo reduções em sua produção leiteira face aos elevados preços dos insumos e maior sacrifício de vacas. Em virtude disso houve suspensão dos programas de ajuda alimentar bem como se permitiram importações de leite em pó, queijo e manteiga, além de se conceder aumento do preço de sustentação do leite em 1973/74.

Países da Europa Ocidental e Rússia vêm dando maior atenção à produção leiteira, com os respectivos governos subvencionando a indústria de laticínios a fim de baratear o preço ao consumidor.

Nos países em desenvolvimento, segundo a FAO, esforços têm se desenvolvido para elevar a produção de leite com a finalidade de por um "freio" no aumento da importação de leite em pó. Esses esforços têm sido compensados e favorecidos pelo fato de que vantagens comparativas na produção de leite nesses países têm sido reforçadas com a recuperação dos preços mundiais. Por outro lado, embora haja uma expansão substancial na produção de alguns desses países, o progresso geral da pecuária leiteira tem se mantido lento. A demanda continua se elevando mais rapidamente que a produção. Esta defasagem é mais evidente em determinados países sul-americanos onde os governos prestam maior atenção ao consumo de leite e produtos lácteos.

- Situação interna

No Brasil, embora se estime que a produção leiteira tenha aumentado no último decênio com mais rapidez que a população, o consumo per capita é ainda bastante baixo. Neste período, há evidências que a taxa de crescimento da produção não tem, contudo, acompanhado a evolução da capacidade de absorção do mercado; em função disso, são por demais conhecidas as

crises de abastecimento nos grandes centros que se repetem em escala crescente principalmente nos meses de entre-safra (maio a outubro).

Na região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) dado o ritmo de crescimento populacional da ordem de 3,4% na última década, já tem ocorrido pequenos problemas no abastecimento dos grandes centros na entre-safra; os déficits sendo supridos com a reidratação de leite em pó.

#### Rio Grande do Sul

Fontes oficiais estimaram para 1974 produção semelhante a do ano passado: 670 milhões de litros. O abastecimento de Porto Alegre é feito normalmente por leite "in natura" e somente na entre-safra é importado o leite em pó. Em 1971 foram importadas 1.312 toneladas de leite em pó nacional; 2.266 toneladas em 1972 e no ano passado 1.320 toneladas de leite nacional e 1.494 toneladas de origem estrangeira.

#### Paraná

A produção estadual estimada para 1974 (617 milhões de litros) é de 27 milhões de litros a mais que em 1973 (590 milhões de litros). Dados oficiais das cooperativas de laticínios mostram que no ano de 1973, de um total distribuído de 95.100 mil litros, 753 mil foram provenientes de leite em pó reidratado. Até julho de 1974 para uma entrada de 54.400 mil litros, 898 mil são de leite em pó (a maior participação se verificando nos meses de junho e julho), acentuando a quantidade do leite em pó em apenas 7 meses.

Na região Sudeste (Guanabara, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo) há problemas mais graves na pecuária leiteira, principalmente no abastecimento dos grandes centros (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte).

#### Guanabara

Ainda não considerando a fusão Guanabara-Rio de Janeiro o primeiro Estado não apresenta qualquer destaque digno de registro na pecuária leiteira. Seu rebanho diminuto (6,5 mil vacas) produz principalmente para consumo da população rural. Anualmente as duas usinas de beneficiamento de leite existentes na Guanabara recebem, em média, 345 milhões de litros de leite "in natura" cru, produzindo a partir daí aproximadamente 330 milhões de litros de leite pasteurizado tipo C. Os estados fornecedores de leite cru para a Guanabara são, pela ordem, Minas Gerais (46,4%), Espírito Santo (26,8%) e Rio de Janeiro (25,6%). Há que considerar-se ainda a entrada de 3.600 mil litros de leite pasteurizado tipo C e 2.980 mil litros de leite tipo B e a reconstituição de 20.637 mil litros a partir do leite em pó (1973).

Parte do leite tipo C pasteurizado na Guanabara é destinado ao Estado do Rio de Janeiro (aproximadamente 43 milhões de litros), podendo-se, portanto, estimar o consumo a-

tual de leite na Guanabara de 370 milhões de litros/ano.

#### Rio de Janeiro

A produção para 1973 (300 milhões de litros) foi inferior à de 1972 (326,7 milhões de litros). Técnicos fluminenses admitem para 1974 uma produção quase idêntica à de 1973, onde parte considerável é dirigida para o consumo do Grande Rio. Há no Estado do Rio aproximadamente 12 mil produtores de leite e 45 cooperativas registradas. A rigor, apenas 38 cooperativas estão funcionando normalmente devido à má distribuição espacial. No período de entre-safra diminui a produção fluminense de mais ou menos 30%. Ainda é significativa a ocorrência de raiva, febre aftosa e brucelose e inúmeros os erros no manejo do gado. O leite tipo B vem adquirindo maior importância, mostrando em 1973 um incremento de 54% em relação a 1972, estimando-se que até 1975 a produção se aproxime dos 10 milhões de litros.

#### Espírito Santo

Encontra-se em andamento no Estado um programa de desenvolvimento da pecuária leiteira. Os primeiros resultados alcançados têm mostrado elevação da produção, dirigida também, em boa parte para o Grande Rio. Dados oficiais mostram que até abril de 1974 tinham sido recebidos pelas cooperativas regionais 60.341 mil litros contra 49.653 mil em igual período em 1973. Até fevereiro de 1974, haviam sido contratados 42 projetos somando investimentos de 9.770 mil cruzeiros, principalmente para aquisição de matrizes (5.266 mil cruzeiros), construções de cercas (1.259 mil cruzeiros) e benfeitorias (996 mil cruzeiros).

#### Minas Gerais

É o maior produtor de leite do País com um volume estimado de 2,5 bilhões de litros para 1974 o que equivaleria a 33% da produção nacional. Há porém algumas controvérsias quanto a estimativa de produção para 1974: enquanto uns afirmam que ela chegará aos 2,8 bilhões (estimativa apropriada no Capítulo 1), outros admitem somente 2,5 bilhões. E neste caso, a produção estaria praticamente estável desde 1969 (quadro 81).

Embora a exploração da pecuária leiteira seja uma atividade tradicional e consolidada, com flexibilidade para se adaptar às situações novas, alguns pontos de estrangulamento não têm permitido seu melhor desempenho. Para a FAEMG (Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais), a continuar a atual política de preço para o leite, a curto prazo as perspectivas são pouco alentadoras. Atualmente o preço recebido pelo produtor seria ainda inferior ao custo, transferindo muitos produtores das áreas mais tradicionais para outros setores, como a pecuária de corte. Técnicos ressaltam como pontos negativos: a) redução do preço do produto em aproximadamente 15% no período 1964-73 (em termos reais); b) deterioração da relação de preços carne bovina/leite, que em fins de 1973 chegou a 11,2; e c) aumento

dos preços de terra. O grande incremento da cultura da soja teria provocado uma certa contração da pecuária leiteira em algumas áreas, o mesmo ocorrendo com café e reflorestamento. Deste modo, a pecuária leiteira vem sendo deslocada para áreas de menor produtividade, resultando em maiores custos unitários.

QUADRO 81. - Evolução da Produção de Leite em Minas Gerais, 1969-74

Ano	Quantidade (milhões de litros)
1969	2.424,6
1970	2.452,7
1971	2.436,2
1972	2.435,5
1973	2.441,5 <sup>(1)</sup>
1974	2.500,0 <sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Centro de Estudos Rurais.

Tem sido apontada a industrialização como única alternativa para solucionar a crise atual da pecuária leiteira em Minas. Duas empresas, Leite Big e CCPR, investirão 130 milhões de cruzeiros em dois grandes projetos que deverão entrar em funcionamento em janeiro de 1976 para produção de leite em pó, manteiga, queijo, leite gelificado, iogurte e outros derivados, enquanto a NESTLÉ ampliará as unidades de Três Corações, Calciolândia e Ibiã e construirá grande fábrica em Ituiutaba.

São ainda indicados os seguintes problemas: a) falta de maior agressividade em pesquisas agrostológicas, veterinária e econômica; e b) falta de vacinas anti-aftosa no sul de Minas Gerais que é a principal área produtora de leite.

Embora em pequena escala, alguns produtores da região de São Gonçalo do Sapucaí e Eloi Mendes já iniciaram a produção do leite tipo B e o estão enviando para São Paulo.

#### São Paulo

A produção de leite declinou a partir de 1971 e a estimativa para 1974 é que ela deverá ser inferior a de 1970 (quadro 82).

O problema mais grave é o que se refere ao abastecimento do Grande São Paulo. Em termos absolutos, a distribuição de leite (453.331 mil litros) foi inferior à dos anos 1972 (526.634 mil), 1971 (503.904 mil) e 1970 (475.905 mil) litros.

QUADRO 82. - Evolução da Produção de Leite, Estado de S.Paulo, 1970-74

Ano	Quantidade (milhões de litros)
1970	1.689,0
1971	1.711,0
1972	1.700,0
1973	1.567,0
1974 (1)	1.514,9

(1) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Considerando a demanda potencial de leite C em torno de 1.650 mil litros diários verificaram-se déficits de 500 a 550 mil litros/dia nos meses de maio e junho de 1974. Nesta fase do ano, a solução encontrada foi a importação e reidratação do leite em pó e, para tanto, no dia 16/06/74 a Comissão de Política Aduaneira (CPA) isentou a COBAL de impostos para importação de 26 mil toneladas de leite em pó e 4.950 toneladas de matérias graxa (a ser adicionada ao produto) para distribuição posterior às cooperativas leiteiras. Essa medida, já em vigor, elevou em julho a distribuição de leite no Grande São Paulo para 39.741 mil litros. Em agosto último, o volume distribuído chegou aos 45.230 mil litros.

Diversos fatores podem ser apontados para que se prolonguem os problemas de abastecimento na próxima temporada: a) incentivos para o consumo de leite "in natura" no Vale do Paraíba, cuja crescente população vem sendo estimulada pelas cooperativas a maiores índices de consumo per capita, inclusive para evitar o custo do segundo percurso; b) entrega do produto às indústrias regionais que não cobram frete; c) queda vertiginosa na produção do Sul de Minas Gerais face a incidência de febre aftosa em 30% do rebanho regional (Três Corações, Cachoeira, São Gonçalo do Sapucaí, etc) e, paralelamente, a substituição pela cafeicultura; e d) desânimo nos centros de produção face aos desníveis entre preço e custo.

Além do Sul de Minas (mais de 200.000 l/dia) razoável volume de leite do Estado de Goiás e Norte do Paraná tem entrado diariamente no Grande São Paulo, estimando-se mesmo em mais de 300 mil litros a entrada de leite "in natura" proveniente de outros estados.

Os problemas do leite não ficam somente na área da produção. Na área da distribuição foram sugeridas medidas como o contingenciamento do produto "in natura" e redução na produção de iogurtes e outros derivados para atenuar a capacidade ociosa que os distribuidores suportam no período de entre-safra. Em junho, dada a gravidade das crises no setor, o Conselho Nacional de Abastecimento autorizou a produção somente no Estado de São Paulo do "leite reconstituído" (2% de gordura) estabelecendo o preço ao consumidor de Cr\$ 1,30/litro. Aparentemente, esse produto não teve boa aceitação pelo consumidor.

Para a região Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso) a elevação da renda per capita e a alta taxa de crescimento da população regional (5,6%) poderão determinar, no futuro, situação de maior escassez (principalmente na entre-safra) se persistirem as atuais tendências de produção.

#### Goiás

As estimativas existentes mostram que a produção em 1973 para 71 municípios foi de 120 milhões de litros, devendo permanecer estável em 1974. Técnicos revelam que atualmente o custo médio de produção de leite colocado nas plataformas das usinas supera o preço recebido pelo produtor; em função disso, na maioria das empresas rurais de Goiás o leite seria considerado sub-produto da criação do gado de corte. Outros problemas, além do preço, têm sido o baixo investimento em tecnologia, pastagens e animais.

#### Mato Grosso

A inexistência de uma pecuária leiteira organizada, traduz-se na falta de dados. As únicas informações existentes mostram que as cooperativas de Cuiabá e Campo Grande receberam de maio a dezembro de 1973, 17.442 mil litros e de fevereiro a maio de 1974, 11.401 mil litros. Portanto, a produção de leite é insuficiente. Para se ter uma idéia, o leite C distribuído pela Cooperativa de Cuiabá corresponde a 12.000 litros/mês nas águas e 5.000 litros/mês na seca; isto para uma população estimada em mais de 100.000 habitantes.

Ao que tudo indica, não há propriedades especializadas em pecuária leiteira. O produto oferecido ao consumo é proveniente de fazendas e sítios onde existe somente gado comum.

#### - Perspectivas

Aparentemente o principal fator limitante tem sido o baixo preço, haja visto que após a Portaria Super 43 que provocaria de outubro de 1973 até 15 de maio p.p. um aumento acumulado em torno de 54%, houve fortes estímulos no setor de produção. Porém, a ascensão muito rápida de custos de produção nos primeiros meses de 1974 teria arrefecido, grande parte do clima favorável à expansão dos investimentos.

Nas principais regiões produtoras (Sudeste e Sul principalmente) o setor leiteiro está reclamando soluções que se caracterizem por programas de curto, médio e longo prazos.

Na atividade a unidade que se sente mais prejudicada é a de tamanho pequeno, produzindo o leite popular (tipo C) e que não tem condições de atender as exigências regulamentares e os investimentos para a produção do tipo B, de melhor remuneração. Em São Paulo, 88% dos produtores de leite se enquadram nessa especificação (menos de 100 l/dia) respondendo por cerca de 40% da produção total.

A situação atual não é de otimismo nas áreas de produção. Aguarda-se com expectativa o próximo lançamento de um programa visando aumentar produção e produtividade das bacias

leiteiras, através de assistência técnica, crédito, manejo de gado, melhoria de pastagens e adequação ao Plano Nacional de Carne.

- Pecuária de Corte

- Panorama internacional

O clima de otimismo que se observava em 1972 e início de 1973, com relação ao mercado internacional de carne bovina, foi seriamente abalado pelos reflexos da crise de energia, cujos efeitos se fizeram sentir com maior intensidade a partir do último trimestre de 1973.

No ano passado, o volume do comércio internacional aumentou em relação a 1972, que já havia sido um ano de recuperação, sendo que até o início do 2º semestre a Austrália e a Nova Zelândia tinham aumentado em 15% e 19%, respectivamente, as exportações.

As políticas de aumento de produção, traçadas nos anos recentes, tendem agora a uma revisão pelos diversos países, dado que a partir do presente ano já se observa um superávit do produto em poder dos exportadores, função do declínio verificado na demanda internacional.

Este ano, as restrições às importações de carne estabelecidas pela CEE e a suspensão por tempo indeterminado das importações japonesas, reduziram perspectivas dos países produtores à opção oferecida pelos Estados Unidos, atualmente sem maiores barreiras à carne estrangeira para controlar a ascensão dos preços internos. Os países sul-americanos, no entanto, podem exportar para os Estados Unidos apenas carnes industrializadas.

Consequência imediata da retração do comércio, os preços internacionais que vinham em ascensão contínua, desde 1970, declinaram fortemente este ano, principalmente para as carnes congeladas, hoje quase sem mercado.

Nova Zelândia e Austrália tiveram suas exportações reduzidas nos primeiros quatro meses deste ano em comparação com igual período do ano passado. Recentemente o Uruguai conseguiu exportar 60 mil toneladas a US\$ 1.300,00/t, preço que já vigorava em fins de 1972.

A tendência do mercado internacional está indefinida, à espera que os países importadores consigam superar os graves problemas surgidos em suas balanças comerciais, para que possam traçar políticas objetivas com relação ao produto. Além dos problemas determinados pelo aumento dos preços do petróleo, os produtores em diversos países têm pressionado seus governos no sentido de manter restrições às importações e estimular a produção interna. Inclusive os Estados Unidos a pressão é no sentido de se voltar a estabelecer restrições à carne importada, que no entender dos produtores está causando "dumping" no mercado do produto americano e desestruturando toda a economia do setor, que por sua vez se encontra pressionada pelos preços elevados dos grãos.



## - Situação interna

A Região Centro-Sul detem cerca de 78% do rebanho brasileiro (85.185.606 cabeças em 1972), segundo a Coordenadoria de Estatística da Pecuária Nacional (CEPEN). Minas Gerais possui o maior rebanho da região em estudo com 17,1 milhões, destacando-se a seguir Rio Grande do Sul - 11,8 milhões, Goiás - 10,3 milhões, São Paulo - 9,4 milhões, Mato Grosso - 7,5 milhões, Paraná - 5,2 milhões e os demais estados com 3,4 milhões. E o total do Centro-Sul se aproximando dos 66,7 milhões de cabeças.

A taxa de crescimento da população bovina brasileira na década de 60 foi estimada em 3,5% a.a., porém, o desfrute médio do rebanho é da ordem de 10% a 12%; sendo 13% em Minas Gerais, 16 a 20% em São Paulo e 12,7% no Rio Grande do Sul. Esses índices revelam uma pecuária de baixo nível tecnológico.

Desenvolvida em bases extensivas e sobre pastagens de reduzida capacidade de suporte (especialmente no período seco) é a pecuária de corte um setor que tem preocupado os diversos níveis de governo pela forte pressão que exerce sobre o abastecimento e o nível geral de preços; e daí as sucessivas medidas governamentais interferindo nas diversas fases de produção e distribuição.

Estatísticas de 1971 mostram que as densidades médias de animal por hectare de pasto são da ordem de 0,83 na região Sul (RS, SC e PR), 0,78 na região Sudeste (MG, ES, RJ, GB e SP) e 0,36 na região Centro-Oeste (MT e GO). Outra característica de atraso tecnológico é a idade de abate dos bovinos, variando de 4 a 5 anos no País.

Para se ter uma idéia do abate regional sob inspeção do Governo Federal, o quadro 83 apresenta os dados do último quinquênio, incluindo a estimativa oficial para 1974 que aponta uma queda de 11% em relação a 1973.

Aliás, o ano de 1974 começou com o mercado interno sob severo controle do Governo Federal no sentido de garantir a normalização do abastecimento. A pecuária de corte que se vinha constituindo uma das atividades agropecuárias mais dinâmicas, sentiu os efeitos dessa intervenção

A produção de carcaça, por exemplo, que em 1973 havia crescido cerca de 6% em relação a 1972 deverá sofrer uma redução neste ano de 1,5%, segundo estimativas preliminares (quadro 84). Porém, os abates nos frigoríficos sob fiscalização do Serviço de Inspeção Federal (67% do abate do Estado em 1973) apresentaram uma redução de 27% referente aos 5 primeiros meses de 1974, com relação ao mesmo período do ano passado. Como esse primeiro trimestre representa cerca de 50% do abate anual, a perspectiva é de que a produção este ano seja inferior ainda à estimativa feita, de 1,35 milhão de cabeças,

No setor oficial a medida mais importante foi a substituição do tabelamento vigente até março, por um "acordo de cavalheiros", entre Governo e produtores, fixando o preço do boi gordo em Cr\$ 110,00 por arroba, com a liberação de cortes de traseiro e mantendo um tabelamento sobre os cortes de dianteiro. Inicialmente, tal medida veio ao encontro dos anseios dos criadores e revitalizou o mercado; mais recentemente porém os produtores voltaram a reclamar a liberação de preços. No tocante às exportações, no entanto, continuou a restrição de fixá-las em 80 mil toneladas de carne, sendo 25 mil toneladas industrializadas, extinguindo-se as sobretaxas. Em 1973, houve uma reversão da tendência das exportações brasileiras (quadro 85).

QUADRO 83. - Abate de Bovinos nos Matadouros Inspeccionados pelo DIPOA, 1970-74  
(em cabeças)

Estado	1970	1971	1972	1973	1974 <sup>(1)</sup>
Espírito Santo	101.491	85.283	182.326	169.919	152.000
Rio de Janeiro	118.924	124.967	89.578	96.043	60.000
Minas Gerais	577.806	582.275	678.709	635.157	522.000
São Paulo	1.064.923	1.092.733	1.404.169	1.663.875	1.358.000
Santa Catarina	14.469	14.775	14.876	24.205	74.000
Paraná	163.529	224.427	297.177	343.750	289.000
Rio Grande do Sul	469.734	612.488	972.769	1.092.073	1.124.000
Goiás	293.134	231.298	215.861	243.594	223.000
Mato Grosso	216.992	228.869	205.404	207.438	190.000
Total Centro-Sul	3.021.002	3.197.115	4.060.869	4.476.054	3.992.000

(<sup>1</sup>) Estimativa.

Fonte: Ministério da Agricultura.

QUADRO 84. - Evolução da Produção de Carne Bovina no Estado de São Paulo, 1964-74

Ano	Peso total de carcaças (t)	Valor da produção (Cr\$1.000)	
		Corrente	Cr\$ de 1973
1964	491.745	172.980	1.404.095
1965	491.878	277.584	1.436.691
1966	417.691	452.077	1.696.283
1967	451.200	505.344	1.477.322
1968	450.000	557.100	1.311.134
1969	484.000	680.504	1.326.302
1970	415.000	847.708	1.379.220
1971	440.000	1.261.348	1.703.955
1972	524.000	1.858.471	2.146.348
1973	554.500	2.957.333	2.957.333
1974 <sup>(1)</sup>	547.800	4.017.200	3.045.560

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 85. - Exportação Brasileira e Paulista de Carne Bovina, 1964-73

Ano	Brasil <sup>(1)</sup> (t)	São Paulo <sup>(2)</sup> (t)	US\$/t <sup>(3)</sup>
1964	26.626	2.581	608,60
1965	53.354	12.680	679,62
1966	33.006	4.263	621,96
1967	19.378	5.127	580,72
1968	58.874	17.347	514,09
1969	93.942	26.344	563,95
1970	114.862	65.398	707,49
1971	123.119	55.189	1.112,29
1972	191.771	117.000	1.087,25
1973	134.000	56.570	1.505,05

<sup>(1)</sup> CACEX.

<sup>(2)</sup> Revista Mensal de Exportação pelo Porto de Santos.

<sup>(3)</sup> Refere-se apenas à carne congelada e resfriada.

As exportações pelo porto de Santos no período de janeiro a julho foram reduzidas em cerca de 40% com relação ao mesmo período do ano passado, o que de certa forma confirma as perspectivas pessimistas deste ano com relação ao mercado internacional. Assim, além dessa tendência, as restrições impostas às exportações do Brasil Central (30 mil toneladas) devem reduzir em cerca de 50% as suas exportações para os próximos anos.

Outra medida tomada pelo Governo Federal foi a liberação das exportações de novilho precoce ou especial, o que poderá constituir campo promissor para o Estado de São Paulo. No tocante aos preços recebidos pelo produtor deste Estado, observou-se elevação, em valor real, de 22% no preço médio do boi gordo em 1973. Pode-se constatar também, no quadro 86, que o boi magro e o bezerro apresentaram também expressivos aumentos, de 18% e 23% respectivamente, confirmando a tendência de alta até o mês de junho. Os preços do boi gordo, que no início do presente ano estavam por volta de Cr\$ 90,00 a 95,00 por arroba, em junho já se situavam em torno de Cr\$ 105,00 a 110,00.

QUADRO 86. - Evolução dos Preços Médios Recebidos pelos Pecuáristas do Estado de São Paulo, 1964-74

Ano	Bezerro (Cr\$/cabeça)		Boi magro (Cr\$/cabeça)		Boi gordo (Cr\$/arroba)	
	Valor corrente	Cr\$ de 1973 (1)	Valor corrente	Cr\$ de 1973 (1)	Valor corrente	Cr\$ de 1973 (1)
1964	21,90	178,10	59,70	484,90	5,30	43,30
1965	36,50	188,90	98,50	509,70	8,50	44,00
1966	91,60	343,90	208,00	780,60	16,30	61,00
1967	81,50	238,30	201,70	589,70	17,00	49,70
1968	86,70	204,10	215,10	506,30	18,80	44,30
1969	83,50	162,80	197,90	385,70	20,90	40,80
1970	121,70	198,00	283,10	460,60	30,10	49,00
1971	209,20	282,70	477,60	645,20	42,10	56,90
1972	310,10	358,10	601,20	694,30	53,20	61,40
1973	409,50	409,50	816,50	816,50	80,00	80,00
1974 (2)	517,60	447,80	1.161,00	1.004,30	108,00	93,40

(1) Corrigido pelo Índice "2" da FGV.

(2) Estimado até junho.

A ausência de precipitações desde o mês de junho contribuiu para a aceleração da seca nas pastagens, forçando os pecuaristas a venderem seus bois em condições de abate. A cotação do boi gordo oscilou entre Cr\$ 110,00/Cr\$ 120,00 por arroba, tendo-se firmado nesta última a partir da 2a. quinzena de agosto. A situação do comércio nas principais zonas de engorda, no entanto, foi apática em função da notícia de suspensão dos abates, 15 dias por mês durante

a entre-safra. Entretanto, em que pese a redução verificada no abate, os frigoríficos continuaram a operar durante todo o mês, visto que a proibição refere-se apenas ao fornecimento de carne verde às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, durante aqueles 15 dias. As contradições de interpretação parecem ter levado ao declínio das transações, porque os pecuaristas acreditaram na suspensão total do abate. De certa forma esse fator contribuiu para manter os preços nos níveis em que se encontravam. Os preços do boi magro por sua vez, já começavam a apresentar os reflexos dessa apatia, com retorno nas cotações a níveis de Cr\$ 1.300,00 a Cr\$ 1.350,00 por cabeça.

Os efeitos da dificuldade de obtenção de crédito, por parte principalmente de pequenos pecuaristas, teria provocado o aparecimento de uma prática quase desaparecida nos últimos 3 a 4 anos: matança de fêmeas.

Notícias de Mato Grosso confirmam a situação de desânimo verificada em todo o setor. A enchente do pantanal causou grande perda de rêses (em alguns casos de até 30% do rebanho) mas criou uma situação paradoxal de excesso de oferta, em função das dificuldades de alimentação do rebanho remanescente.

Ainda em agosto, com relação ao mercado internacional, verificou-se que os preços pagos a nível de produtor e de atacado, na Inglaterra, caíram cerca de 7 a 8% com relação ao mês passado, onde apenas o trazeiro manteve-se com preços relativamente constantes. Nos Estados Unidos, no entanto, a nível de atacado houve um aumento de cerca de 11% nos preços, em igual período, constatando-se o mesmo com relação aos cortes resfriados de carne argentina no mercado inglês.

Os estoques em câmara fria da CEE chegaram ao nível de 192 mil toneladas, tendo crescido a base de 10 a 12 mil toneladas por semana. Desse estoque foram vendidos para a URSS, nos princípios do mês 50 mil toneladas a um preço de US\$ 830/t. As restrições que a CEE vinha impondo às importações de carne culminaram com a sua proibição até novembro, o que deverá refletir-se em nova queda nas cotações internacionais.

#### - Perspectivas

O mercado na atual entre-safra mostra basicamente quadro semelhante ao do ano passado. De um lado, as forças que atuam no sentido de perpetuar situação de oferta menor que a demanda e, portanto de ascensão de preços, representadas principalmente pelas deficiências do setor produtivo. O crescimento lento do rebanho limitado pela área e produtividade das pastagens e constante evasão de matrizes jovens para povoar o Norte do País, não tem permitido a Região Centro-Sul suprir suas necessidades. A situação do mercado externo proporcionou este ano a formação de um estoque regulador muito superior ao do ano passado. A demanda interna, por seu turno, segue pressionada pelos aumentos populacionais e de renda, crescendo a cada ano e aumentando o desequilíbrio no período em que a produção naturalmente tende a diminuir.

A pressões de alta deverão continuar até o final da entre-safra.

Com relação ao resultado econômico da atividade, tudo indica que a pecuária de corte deve manter índices próximos aos alcançados nos anos recentes. Observa-se também um crescente interesse dos pecuaristas pelo uso de tecnologia que lhes permita maior produção por

área e redução na idade de abate, já que a tendência a médio prazo é de dificuldades cada vez maiores na aquisição do boi magro, além do encarecimento das terras e dos insumos necessários à produção.

Fato que merece destaque é a continuidade da política de federalização da inspeção nos abatedouros que, aliada à regionalização dos frigoríficos preferencialmente nas zonas produtoras, faz prever racionalização na produção e tendência de substituição do transporte de gado em pé pelo de carne resfriada. Outro aspecto dessa política de federalização que deve ser ressaltado é a dificuldade crescente quanto ao abate de animais de descarte.

O anunciado "Plano da Carne" a ser lançado pelo Governo Federal, visando definir uma política de produção de carnes a médio e longo prazos para o País, está sendo vivamente aguardado pelos produtores.

## Laranja

### - Panorama internacional

A temporada 1973/74 pode ser considerada retrato das dificuldades potenciais da citricultura em termos mundiais, cujos excessos de produção continuam consideráveis e tem servido de base para as conclusões e recomendações feitas pelo Grupo Intergovernamental de Cítricos da FAO. Assim, a laranja divide com a banana e o chá a primazia de nos últimos dez anos ter mostrado desvalorizações relativas de preços, sendo adquirida em termos reais em condições cada vez mais vantajosas pelos importadores.

Após a colheita recorde de 27,6 milhões de toneladas em 1972/73 a produção mundial em 1973/74 apresentou leve declínio (1%) totalizando 27,3 milhões. Um balanço geral mostra que no Hemisfério Norte verificou-se uma baixa de 4% contrabalançada por um aumento de 13% no Hemisfério Sul. Assim, nos mais importantes produtores observou-se declínio nos Estados Unidos (-4%), Espanha (-8%) e Japão (-7%) enquanto acréscimos foram registrados no Brasil (+15%), Israel (+9%), África do Sul e Argentina cujos dados finais ainda não se encontram disponíveis.

A despeito, porém, das menores colheitas relativas estimadas nos países da bacia do Mediterrâneo, suas disponibilidades para exportação conjunta foram estimadas em 16% mais que as realizadas na safra passada. Em virtude desse aumento nas quantidades ofertadas e em decorrência da crise do petróleo com seus efeitos derivados, as cotações da fruta fresca nos principais mercados importadores não corresponderam as expectativas, passando a gerar problemas de viabilidade econômica para diversas áreas cítricas, cujos planos deverão ser revisados, particularmente em Israel, Espanha e Japão.

Nos Estados Unidos, até 8 de junho, o processamento de suco concentrado congelado situava-se 10% acima do volume obtido até a mesma data do ano anterior e o rendimento de suco obtido por caixa era mais baixo (1,30 versus 1,33 galão por caixa). Entretanto, como havia pouca quantidade de laranja Valência para colher, o total da safra até seu final não deverá

atingir o recorde anterior de 176 milhões de galões, estimando-se uma baixa de 4%.

Como o "carry-in" inicial fora muito grande e o processamento muito acelerado ao início da safra, os estoques em julho mostravam-se 30% superiores àqueles de um ano atrás, o que todavia não deve ser considerado opressivo visto que o mercado se mostrava em expansão.

Da mesma forma, as exportações de novembro até abril (primeiros 6 meses da safra) mostravam-se um terço superiores à estação precedente. O aumento era geralmente repartido por todas as áreas: Canadá, Europa, a despeito de problemas econômicos no Reino Unido, e resto do mundo para onde haviam sido vendidos 310 mil galões a mais que em 1972/73.

Em consequência, os preços pagos aos produtores por fruta no período mantiveram-se moderadamente acima do nível da safra passada (em maio US\$ 1,65/caixa contra US\$ 1,60 de um ano atrás).

Como as estimativas globais para 1980 projetam produção de 56 milhões de toneladas e demanda de 49 milhões, a situação mundial sugere uma possível deterioração com o perigo de um sério desequilíbrio, cujas repercussões maiores ocorrerão nos países mais dependentes de mercado externo. Dessa forma, diversas medidas estão sendo apontadas no sentido de expandir o comércio e permitir preços estáveis e remunerativos, a saber: a) abolição de restrições quantitativas de importação e adoção de sistema tarifário que facilite o comércio; b) esforços no sentido de implementar o consumo nos países de economia centralizada, cujos índices per-capita são ainda muito pequenos; c) harmonização de regulamentos no tocante a padrões de qualidade de frutas e de sucos; d) melhor adaptação da produção às exigências do consumo através de seleção de variedades e melhoria da qualidade; e) promoção e educação do consumidor com ênfase aos sucos naturais; e f) coordenação das políticas de produção e comércio.

#### - Situação interna

Para desapontamento geral verificou-se em 1973 uma redução de quase 40% no volume de exportação da fruta fresca, atingindo apenas 2,4 milhões de caixas-padrão (cerca de 48 mil toneladas) que representam o ponto mais baixo desde 1957 e, em termos percentuais da safra, o menor índice desde os anos da 2ª. Grande Guerra e o surto da tristeza que afastaram a citricultura paulista dos mercados internacionais (quadro 87).

Tal comportamento deve-se a um complexo de causas como: caros fretes marítimos, por estar a laranja fresca na relação de produtos sujeitos a Conferência de Fretes; problemas de embalagem sujeita a IPI e ICM; abundância de frutas de outras origens nos mercados importadores ao início da safra e elevado custo inicial da fruta nacional com os preços sendo "puxados" pela indústria, visto que a produção comercial teria sido 20% inferior às estimativas oficiais, situando-se entre 55 e 60 milhões de caixas (40,8 kg).

O quadro 88 mostra que o progresso das exportações de suco tem sido a base do desenvolvimento ocorrido na citricultura, com a reserva de que o aumento de 37%, em 1973, foi conseguido graças aos estoques ao final de 1972 que permitiram que até maio de 1973 fossem exportadas 45 mil toneladas de suco concentrado congelado.

A grande área importadora do suco brasileiro é a Europa Ocidental, constituindo a Alemanha nosso mais importante mercado (quadro 89). Entre os compradores situam-se alguns países também grandes produtores de suco como Estados Unidos, Israel, Espanha e África do

Sul, que adquirem o produto brasileiro para ulterior comercialização.

Consigne-se que o consumo interno do suco de laranja é estimado em 10% da sua produção e a tendência de aumento, por diversas causas, não tem sido muito rápida.

No primeiro semestre de 1974, de uma situação aparentemente calma e ordenada, a citricultura paulista mergulhou numa crise de comércio sem precedentes, enquanto desenrolava-se uma disputa cada vez mais acirrada envolvendo produtores, fabricantes de suco e clientes internacionais, preocupando os setores do crédito e os órgãos oficiais responsáveis pela política de exportação.

Destarte, a indisciplina comercial das oito fábricas, agravada pelo debacle financeiro de uma delas, passou a gerar sério desequilíbrio e preocupações aos citricultores do Estado. As ofertas de venda de suco na Europa a US\$ 100,00 por tonelada abaixo dos preços iniciais da safra, feitos por uma das firmas e logo acompanhada por outra, causaram desordem no mercado e desconfiança nos importadores que imediatamente restringiram suas compras.

Em consequência os preços pagos aos produtores caíram repentinamente e de uma média de Cr\$ 10,00/caixa no período até início de março, quando já haviam sido adquiridas cerca de 20 milhões de caixas, passaram em maior para cerca de Cr\$ 5,00/caixa. Além disso, iniciou-se o processo de rescisão de diversos contratos de compra e venda de safra já feitos, com os industriais solicitando aos agricultores um desconto nos preços anteriormente estipulados.

Ao início de julho, após inúmeras reuniões entre industriais e o Governo, a CACEX, face a caótica situação, resolveu estipular um valor mínimo de embarque de US\$ 560,00 por tonelada da FOB-Santos e aplicar o regime de cotas de exportação no montante global de 86.577 toneladas a serem distribuídas entre sete empresas, além de uma reserva técnica de 23.423 toneladas. Observe-se, também, que na oportunidade uma das fábricas não recebeu cota alguma tendo sido suspensa sua licença de exportação por tempo indeterminado.

Além de São Paulo, que representa quase 70% da produção nacional, situam-se na Região Centro-Sul outros 4 estados dos mais importantes produtores de citros no Brasil: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Guanabara que em conjunto respondem por cerca de 20% da produção total.

A exceção de São Paulo, onde a laranja é industrializada e exportada, em todos os demais estados a produção destina-se ao abastecimento de fruta fresca à população, sendo intenso o comércio interestadual em diversas direções para complementar os déficits regionais de suco, variáveis conforme as épocas de colheitas.

Dentre as frutas cítricas produzidas no Estado do Rio assume maior importância a laranja que tem como principal área de cultivo a baixada fluminense, próxima a capital do Estado. Considerando a safra 1970/71 e a última observada (quadro 90) nota-se que há perspectivas de aumento de área plantada. Quanto a produtividade, observa-se que após um período de relativa estabilidade ocorreu uma queda (safra de 1972/73), verificando-se logo após uma reação, resultando na safra de 1973/74 um acréscimo de 38%. Na produção, as mudanças se verificaram no mesmo sentido que na área plantada, registrando-se, porém, aumento mais significativo na última safra (143%), função de acréscimos tanto na área plantada como na produtividade. A produção esperada em 1973/74 mostra ótimas perspectivas, da ordem de 10 milhões de caixas. Quanto aos preços ao produtor, observa-se nítida tendência de crescimento, tendo se verificado a partir da safra de 1970/71 até a de 1973/74 aumento aproximado de 16%.

O mercado mostra boas condições, tendo o produto aceitação no próprio Estado, na Gua



QUADRO 87. - Exportação Cítrica "in natura" pelo Porto de Santos, 1968-73

Destino	1968	1969	1970	1971		1972		1973	
	Caixa (1)	Caixa (1)	Caixa (1)	Caixa (2)	%	Caixa (2)	%	Caixa (2)	%
Holanda	725.370	506.444	465.395	1.306.034	35	1.739.282	44	1.054.610	43
Grã-Bretanha	449.250	436.653	390.345	885.998	24	988.052	25	503.903	21
Alemanha	412.650	359.898	287.512	931.265	25	709.329	16	608.850	25
França	200.000	158.200	150.000	217.100	6	198.700	5	68.000	3
Finlândia	28.100	56.110	60.200	142.369	4	117.500	3	88.500	4
Canadá	63.100	21.728	41.300	137.000	4	76.000	2	36.000	2
Suécia	61.569	46.825	25.875	3.750	0	34.566	1	3.800	0
China Nacional	102.250	24.331	21.950	14.307	0	20.000	1	10.000	0
Outros	118.150	77.547	62.400	111.750	2	56.325	1	37.100	2
Total	2.160.439	1.690.936	1.504.977	3.749.573	100	3.939.754	100	2.410.763	100

(1) Em caixa-padrão, decreto 56.659 de 6/8/65.

(2) Em caixa-padrão da Resolução 45 - CONCEX.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 88. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja pelo Porto de Santos, 1968-74

Mês	Suco concentrado de laranja <sup>(1)</sup>						
	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	1.347,1	2.047,9	422,1	3.563,4	6.485,9	7.971,0	3.486,9
Fev.	705,6	393,7	2.606,5	2.940,4	3.584,8	10.453,5	3.882,9
Mar.	889,1	1.124,8	492,3	5.190,6	4.240,3	10.007,1	6.560,0
Abr.	289,7	412,3	108,2	2.156,4	4.032,8	6.152,0	2.573,8
Mai.	164,0	553,1	613,1	2.981,4	3.200,4	4.124,6	2.507,9
Jun.	1.806,9	1.214,4	1.618,4	1.854,7	4.399,3	6.109,4	5.544
Jul.	2.822,9	2.921,1	2.769,3	10.460,4	7.949,9	5.979,1	4.509
Ago.	2.796,3	2.034,7	2.758,2	5.465,6	9.134,1	17.283,6	8.946
Set.	1.819,1	2.305,0	2.443,8	9.783,6	9.855,7	10.990,7	...
Out.	4.229,1	5.039,3	5.346,9	10.439,3	12.102,0	22.231,1	...
Nov.	7.434,1	3.463,3	8.014,9	5.545,4	16.855,5	10.699,3	...
Dez.	1.576,8	2.581,7	4.096,3	13.047,1	9.280,5	12.662,0	...
Total	25.880,7	24.091,3	31.290,0	73.428,3	91.121,2	124.663,4	...

<sup>(1)</sup> Em tonelada (p. líquido).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 89. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja, Estado de São Paulo, 1968-73  
(tônelada - peso bruto)

Porto de destino	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Alemanha	5.004	10.957	20.103	29.629	36.291	57.101
Canadá	5.108	4.613	4.374	9.151	12.510	8.463
Holanda	2.584	4.385	4.209	9.607	13.915	35.343
USA	12.864	3.527	1.109	22.425	20.943	15.201
Suécia	572	850	1.129	2.544	6.746	11.679
Israel	-	684	2.115	491	1.304	2.613
Inglaterra	223	514	623	1.330	887	546
Dinamarca	496	302	256	677	778	1.401
Bélgica	50	55	284	767	1.717	1.359
Noruega	-	94	163	917	459	912
Finlândia	-	16	-	83	388	1.399
Espanha	221	104	163	451	502	481
França	23	-	34	652	224	1.188
Outros	21	-	832	497	143	829
Total	27.166	26.101	35.394	79.221	96.807	138.515

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

nabara e até em São Paulo, em virtude da qualidade que apresenta. Maior expansão do mercado será conseguida quando se completar a renovação da citricultura fluminense, em conformidade com as exigências comerciais e regularização do abastecimento, através do uso de variedades precoces, médias e tardias. Para este objetivo há intenções de plantio no decorrer de 1974/75 de cerca de 500 mil mudas selecionadas.

No Rio Grande do Sul, as principais regiões produtoras de citrus encontram-se próximas a Porto Alegre, nos vales dos rios Caí e Taquarí. A produção cítrica do Estado é totalmente consumida pelo mercado interno, sendo a maior parte destinada ao abastecimento da capital e dos municípios que formam a área metropolitana. Estudos realizados pela Unidade de Economia Agrícola comprovaram a insuficiência da oferta do produto (estimada em 4,5 milhões de caixas) não somente para o mercado "in natura" como, também, para atender a demanda industrial.

QUADRO 90. - Área Plantada, Número de Pês, Produtividade, Produção e Preço de Laranja, Estado do Rio de Janeiro, 1970/71 e 1973/74

Ano	Área plantada (ha)	Nº de pês frutificando	Produtividade (cento/ha)	Produção (cento)	Preço ao produtor (Cr\$)
1970/71	24.975,55	12.919.680	680	16.977.444	9,06
1971/72	29.939,85	15.248.510	648	19.388.949	7,38
1972/73	21.193,00	-	545	11.543.520	10,49
1973/74	37.148,00	-	755	28.049.740	-

Fonte: Ministério da Agricultura.

A citricultura é praticada exclusivamente em terras próprias, quase sempre em regime colonial, ou seja, com o trabalho do proprietário e de sua família, resultando plantações de pequeno tamanho individual, sem mecanização e com baixo nível técnico. Esta situação vigorou até meados de 1973 ocasião em que a empresa Inducitrus, aproveitando as condições favoráveis de mercado e incentivos fiscais, iniciou a implantação do seu projeto. Atualmente, no Rio Grande do Sul as perspectivas de expansão da citricultura são enormes, tornando irreal qualquer estimativa de produção baseada apenas em dados históricos. Existem diversos projetos aprovados em execução e/ou via de aprovação para implantação de pomares de laranja e limão, visando atender a demanda industrial. Dos principais projetos em execução destacam-se o da Inducitrus (contrôle acionário da Cia. Antartica Paulista) e que possui uma pequena unidade industrial em Montenegro, que tem dificuldades de operar face a escassez de matéria-prima a preços condizentes. Esta empresa está implantando um pomar de 220 ha no município de Triunfo.

No Estado de Minas Gerais os pomares de citrus se restringem quase exclusivamente à produção de laranja e, assim mesmo, para auto-consumo dos municípios produtores. Em apenas

17% deles existe excedente, que é exportado para outros mercados, principalmente para Belo Horizonte. Este total dá para abastecer apenas 10% do mercado da capital mineira, onde 65% e 25% do volume total negociado procedem, respectivamente, de São Paulo e Rio de Janeiro.

Quanto aos preços correntes recebidos pelo produtor, eles são apresentados no quadro 91. É fácil notar-se que eles são um estímulo para o produtor aumentar sua produção.

Levantamento realizado pela ACAR, em 1974, mostra que a área plantada com citrus em Minas Gerais é de 15.664 hectares. Nessa área há 2.442.680 pés em produção e 1.554.372 pés em formação. Esse mesmo levantamento inclui uma previsão de plantio de mais 13.871 hectares em 1974/75 e 27.064 hectares em 1975/76. É possível que o grande incremento previsto na área plantada objetive atender não ao mercado interno para o produto ao natural e sim à demanda das indústrias a serem eventualmente instaladas em Minas Gerais, que produzirão suco de laranja destinado ao exterior.

QUADRO 91. - Preços Correntes de Laranja Recebidos pelo Produtor de Minas Gerais, 1971-74 (Cr\$/Cento)

Meses	1971	1972	1973	1974
Jan.	4,40	5,40	6,40	11,33
Fev.	5,00	6,20	6,55	12,28
Mar.	5,10	5,40	6,75	13,00
Abr.	4,65	5,00	6,54	10,45
Mai.	3,95	4,59	5,74	10,17
Jun.	3,75	4,86	5,89	...
Jul.	3,45	4,87	6,18	...
Ago.	3,75	4,99	6,90	...
Set.	4,20	5,87	7,56	...
Out.	4,10	5,88	9,14	...
Nov.	4,80	6,14	8,46	...
Dez.	5,20	6,40	8,90	...
Ano	4,36	5,47	7,08	11,44 <sup>(1)</sup>

(<sup>1</sup>) Média preliminar.

Fonte: Centro de Estudos Rurais da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais.

Em Goiás, a produção comercial de frutas cítricas é ainda incipiente. Está limitada aos maltratados pomares de fundo de quintal, com exceção de alguns produtores já despertados para a fruticultura em escala industrial e, assim sendo, poucos obtêm alta rentabilidade nesse tipo de exploração.

Aproximadamente 80% das frutas cítricas consumidas provêm de São Paulo, estimando-

se a produção goiana em cerca de 1 milhão de caixas (40 kg), cuja eventual comercialização fica restrita a níveis regionais. Em Mato Grosso, a produção de frutas está concentrada em Campo Grande, com expansão para o Norte do Estado devido a não existência de cancro-cítrico. Essa pequena produção é em escala familiar, sendo a demanda não satisfeita atendida pelo mercado exportador paulista.

## I

Estudos esparsos e o clima de incentivo às produções estaduais permitem deduzir que, de modo geral, os preços pagos aos produtores de laranja nos últimos anos tem-se mostrado compensadores, estimulando o plantio e ampliação dos pomares.

Análise dos preços de laranja no mercado atacadista de São Paulo, principal regulador das cotações na região Centro-Sul, mostra que no período 1964-73 verificou-se uma tendência de elevação mas que, em termos reais os mesmos têm permanecido praticamente constantes. Tal evidência leva a inferir que tenha ocorrido aumento de eficiência na comercialização da fruta, desde os pomares até ao atacado que, em São Paulo, fica estreitamente ligado ao processo industrial.

Em praticamente todos os grandes mercados consumidores do País verifica-se o aumento dos preços de laranja fresca no período do verão que vai de novembro a março, ocorrendo o inverso durante a quadra fria do ano (maio a agosto).

Embora sejam em número reduzido os estudos a nível de varejo, informações disponíveis dão conta que não se verificam oscilações de preços aos consumidores da mesma forma que no atacado, não havendo transferência das quedas de preços que ocorrem, sendo as margens de lucro geralmente altas.

No que concerne a preços recebidos pelos produtores paulistas o exame do quadro 92 indica que, não obstante o aumento de oferta, a tendência ao longo do período 1960 a 1973 tem sido de alta, mesmo em valores reais. A observação de anos consecutivos mostra, entretanto, alterações acentuadas, como por exemplo em 1969 quando o preço corrente duplicou e em dólares representou o valor recorde recebido pelo citricultor. No ano de 1970, devido a uma crise semelhante à atual, os preços caíram substancialmente. Admitindo-se que na atual safra a cotação média final alcance Cr\$ 6,50/caixa, sua conversão em dólar (Cr\$ 7,80 por dólar) representará cerca de US\$ 0,83 por caixa, ou seja, valor próximo aos de 1968 e 1970.

### - Perspectivas

Existem no caso dois tipos de raciocínio: um de curto prazo para a próxima safra e outro de prazo mais longo.

Para o primeiro, embora ainda não sejam disponíveis informes quanto à produção paulista, as projeções indicam que a oferta não deverá crescer mais do que 12% em relação a atual, principalmente levando-se em conta que os pomares não deverão ser adubados tão intensamente em decorrência da elevação dos custos (via fertilizantes) e baixa dos preços da laran -

QUADRO 92. - Produção e Preço Médio Recebido pelo Citricultor, Estado de São Paulo, 1960-73

Ano	Produção (1.000 caixas)	Valor corrente (Cr\$/cx.)	Valor em dólar (US\$/cx.)	Valor em Cr\$ de 1972/caixa	Valor em US\$ de 1972/caixa
1960	14.400	0,10	0,55	4,88	0,90
1961	18.726	0,12	0,46	4,27	0,74
1962	19.200	0,25	0,67	5,87	1,02
1963	21.600	0,41	0,74	5,49	0,93
1964	16.160	1,38	1,06	9,70	1,68
1965	23.936	1,30	0,69	5,83	1,01
1966	29.856	1,50	0,68	4,87	0,84
1967	34.400	1,70	0,64	4,30	0,75
1968	35.560	2,91	0,86	5,93	1,03
1969	34.830	6,00	1,43	10,12	1,75
1970	44.350	4,00	0,88	5,63	0,98
1971	46.000	5,30	1,01	6,20	1,07
1972	60.700	6,50	1,10	6,50	1,10
1973	69.600	9,00	1,48	7,83	1,36

-144-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

ja. Por outro lado, a florada na Flórida verificou-se em condições de seca, com menor pega - mento e grande desuniformidade de maturação que deverá resultar em baixo rendimento industrial e altos custos de colheita (a mão-de-obra custará por volta de US\$ 2,25 por hora). Em resumo a produção de suco deverá ser menor que a de 1973/74 mas os estoques existentes possibilitarão atender parcialmente a demanda.

Para os demais estados, as cotações deverão ser fortemente influenciadas pelos nív - veis a que forem negociados os pomares paulistas, principalmente das variedades tardias (pera, natal e valência) cujo intercâmbio interestadual é mais intenso.

Quanto ao comportamento a longo prazo a oferta de laranja, tomando-se em considera - ção certas variáveis (tendência histórica, mudanças tecnológicas, composição etária dos poma - res, etc.) chegará aproximadamente aos números do quadro 93. Aceitando-se a hipótese IV chega se à ilação de que em 1977 o volume total alcançará 135 milhões de caixas, ou seja, praticamen - te o dobro daquele de 1973 e 60% mais que a de 1974.

De outro lado, o quadro 94 projeta a futura absorção da oferta estimada, observando se tendência de maiores excedentes que, aparentemente, virão assumir proporções inquietantes a partir de 1977. Também essas sobras poderão ser maiores caso o desenvolvimento do setor indus - trial não se processe no ritmo projetado, o que sem dúvida exigirá grandes esforços de vendas e disciplina comercial.

Finalmente, é sempre oportuno o retrospecto do desaparecimento da fruta em período recente (quadro 95) para adentrar na interpretação das tendências em que se apoiaram as proje - ções aqui apresentadas.



QUADRO 93. - Projeções da Oferta de Laranja, Estado de São Paulo, 1974-80  
(1.000 caixas)

Ano	Hipótese I <sup>(1)</sup>	Hipótese II <sup>(2)</sup>	Hipótese III <sup>(3)</sup>	Hipótese IV <sup>(4)</sup>	Hipótese V <sup>(5)</sup>
1974	75.000	87.000	77.000	80.000	77.000
1975	84.000	98.000	87.000	90.000	87.000
1976	103.000	119.000	106.000	109.000	106.000
1977	126.000	145.000	133.000	135.000	133.000
1978	138.000	159.000	146.000	148.000	135.000
1979	149.000	173.000	173.000	165.000	155.000
1980	160.000	187.000	187.000	178.000	163.000

<sup>(1)</sup> Baixa produtividade: 0;1,4; 1,8 e 2,0 caixas por pē conforme a idade.

<sup>(2)</sup> Alta produtividade: 0;1,5; 2,0 e 2,5 caixas por pē conforme a idade.

<sup>(3)</sup> Produtividade mixta: 0;1,5; 2,0 e 2,5 caixas por pē conforme a idade e introduzida para pēs plantados a partir de 1970.

<sup>(4)</sup> Valores médios das três hipóteses anteriores.

<sup>(5)</sup> Sem plantar a partir de junho de 1974 e com produtividade da hipótese III.

Idade: 0-3 anos; 4-7 anos; 8-10 anos e mais de 10 anos.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 94. - Projeções da Utilização da Oferta Disponível de Laranja, Estado de São Paulo, 1975-80  
(1.000 caixas)

Ano	Estimativa de produção	Comercial (90%)	Exportação fruta fresca	Enviada a outros estados	Estimativa consumo de São Paulo	Industrial estimado	Excedente avaliado
1975	90.000	81.000	2.500	5.000	17.000	63.000	-6.500
1976	109.000	98.000	2.500	5.000	18.000	69.000	3.500
1977	135.000	121.000	2.500	5.000	18.000	78.000	17.500
1978	148.000	133.000	2.500	5.000	19.000	87.000	19.500
1979	165.000	148.000	2.500	5.000	19.000	95.000	26.500
1980	178.000	160.000	2.500	5.000	20.000	106.000	26.500

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 95. - Utilização da Oferta Disponível de Laranja, Estado de São Paulo, 1960-73  
(1.000cx.)

Ano	Produção	Comercial (2)	Exportação (fruta fresca)	Enviada a outros estados	Consumo no Estado São Paulo	Industrial
1960	14.400	12.960	3.227	1.400	8.300	-
1961	18.726	16.850	3.256	1.900	11.690	-
1962	19.200	17.280	3.109	1.900	12.270	-
1963	21.600	19.440	4.143	2.100	11.080	2.120
1964	16.100	14.490	2.882	1.700	8.350	1.610
1965	23.936	21.540	4.738	2.300	11.980	2.530
1966	29.856	26.870	2.329	2.700	17.600	4.240
1967	34.400	30.960	2.657	2.600	21.410	4.290
1968	35.560	32.000	2.160	3.000	16.740	10.100
1969	34.830	31.350	1.691	2.900	18.560	8.200
1970	44.350	39.910	1.505	4.300	19.100	15.000
1971	46.000	41.400	1.962	4.000	10.440	25.000
1972	60.700	54.630	2.300	4.000	14.000	34.330
1973 (1)	64.700	58.200	1.200	6.000	16.000	35.000

(1) Dados extra-oficiais, sujeitos à revisão.

(2) Calculado como 90% do total produzido.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.